

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UEM/UEL**

JOÃO RICARDO NICKENIG VISSOCI

**ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO CONTEXTO
ESPORTIVO NO STATUS DE IDENTIDADE
DE ATLETAS DE FUTEBOL DE CAMPO.**

Maringá
2009

JOÃO RICARDO NICKENIG VISSOCI

**ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO CONTEXTO
ESPORTIVO NO STATUS DE IDENTIDADE DE
ATLETAS DE FUTEBOL DE CAMPO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL, para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese Vieira

Maringá
2009

JOÃO RICARDO NICKENIG VISSOCI

**ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO CONTEXTO ESPORTIVO
NO STATUS DE IDENTIDADE DE ATLETAS DE
FUTEBOL DE CAMPO.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Estudos do Movimento Humano, para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

APROVADA em de de 2009.

Prof^ª. Dr^ª. **Maria Regina Ferreira Brandão**

Prof. Dr. **Eduardo Augusto Tomanik**

Prof^ª. Dr^ª. **Lenamar Fiorese Vieira**
(Orientadora)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

V834e Vissoci, João Ricardo Nickenig
Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo / João Ricardo Nickenig Vissoci. -- Maringá : [s.n.], 2009.
155 f. : il.

Orientadora : Prof. Dr. Lenamar Fiorese Vieira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física, 2009.

1. Educação física - Futebol - Identidade. 2. Educação Física - Futebol de campo - Psicologia do esporte. 3. Educação física - Teoria ecológica. 4. Teoria ecológica - Esporte. 5. Atletas - Identidade. 6. Futebol de campo - Coping. I. Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física. II. Título.

CDD 21.ed.796.334

Dedicatória

Dedico este trabalho às pessoas que me auxiliaram, sustentaram e me apoiaram ao longo dos anos, especialmente aos meus pais e irmãos, que mesmo de longe sempre se fizeram presentes; à Bruna, pelo carinho e compreensão; e à professora Lenamar, pela confiança e amizade.

Agradecimentos

Ao terminar este trabalho, gostaria de agradecer àqueles que contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico na pós-graduação, e também àqueles que me auxiliaram durante todo o processo:

À Universidade Estadual de Maringá, especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física Associado UEM/UEL, pela estrutura e contribuição ao meu crescimento.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação Física Associado UEM/UEL por compartilharem de seu tempo e conhecimento.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Lenamar Fiorese Vieira, pelos ensinamentos e conselhos, suporte, amizade e exemplo ao longo de todos os anos de convivência.

Ao Prof. Dr. Antonio Carlos Gomes e à Alison Gustavo Laurindo Pereira, que tornaram o estudo possível de ser realizado.

Ao clube participante da pesquisa e aos técnicos das Escolas de Seleção e Formação de Talentos no Futebol com sedes em Cianorte, Sarandi e Umuarama.

Ao Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira, coordenador do Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL, pela convivência e contribuição para a pesquisa e para a formação pessoal.

Aos colegas de mestrado que auxiliaram em todo o desenvolver do processo dando conselhos, promovendo o divertimento e a descontração.

Aos amigos, em especial àqueles que acompanharam de perto todo o trabalho: Elton Kazu, Marcelo, João Gustavo, Saulo, Rafael, João Rafael, Zé, Rodrigo e Gilmar, por todo o apoio, carinho e compreensão às minhas ausências.

Ao Leonardo Pestillo de Oliveira pela paciência e companheirismo ao longo de todos os anos de graduação, pós-graduação, parceria profissional e amizade.

À Bruna Yumi Ogata por toda a dedicação e auxílio, e principalmente pela compreensão e suporte em momentos de dificuldade; também pelo carinho e felicidade por você proporcionados durante esses 3 anos.

Aos meus pais, Luiz e Arlene, e meus irmãos Bianca e João Augusto, que sempre me incentivaram e me deram o suporte necessário para crescer em minha vida.

A Deus, pelas bênçãos, graças e a oportunidade de realizar este trabalho e finalizar mais uma etapa da minha vida.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig. **Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar a influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo. Foram sujeitos do estudo 120 atletas de futebol de campo do sexo masculino nascidos no período de mil novecentos e noventa a mil novecentos e noventa e cinco, que praticavam futebol de campo em escolas de formação vinculadas a um clube da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol, do estado do Paraná. Como instrumentos foram utilizados: Escala de Motivação para o Esporte, Inventário Atlético de Estratégias de Coping, Inventário de Estilos Parentais e uma entrevista semi-estruturada. A coleta de dados foi realizada nas escolas de formação esportiva do clube em horários agendados com os professores/técnicos. Para análise dos dados quantitativos foram utilizados: o teste *Levene*, o teste *Kruskal-Wallis* com *post hoc Mann-Whitney*, ANOVA de um fator, com *post hoc Bonferroni*, ANOVA de medidas repetidas e o teste *Alpha* de *Cronbach* para avaliar a confiabilidade dos dados. Os dados qualitativos foram avaliados através da análise de conteúdo do tipo categorial. Os resultados evidenciaram: maior índice de autodeterminação, maior variabilidade de estratégias de coping e maior estilo parental de suporte ao longo do desenvolvimento da carreira esportiva; na transição no domínio atlético os atletas apresentavam uma preferência pelo futebol de campo em detrimento a outras atividades; os atletas na fase de especialização já eram tratados como profissionais, e evidenciavam a carreira esportiva com perspectiva de futuro e de crescimento financeiro; na fase de investimento a dedicação ao futebol era exclusiva, os atletas estavam profissionalizados e participavam de competições nacionais e internacionais; no domínio psicológico observou-se a percepção do futebol de campo como uma atividade com significado e importância para os pais, os atletas demonstraram amadurecimento com a continuidade no contexto do futebol e satisfação com o papel de jogadores de futebol, que lhes promovia destaque social, apesar da percepção dos esforços necessários para alcançar o alto desempenho; no domínio psicossocial a família se manteve como principal elemento de suporte para os atletas em todas as fases do desenvolvimento atlético, os atletas evidenciaram dificuldades no distanciamento da família e para estabelecer relacionamentos interpessoais dentro e fora do clube, restringindo, na fase de investimento, o foco das amizades a pessoas de dentro do clube; no domínio acadêmico os atletas apresentaram dificuldades em manter a vida de estudante e de atleta, havendo a percepção da importância dos estudos como uma alternativa à carreira de atleta; o ambiente esportivo foi caracterizado como restrito em relação às atividades executadas ao longo da carreira esportiva; o foco dos relacionamentos interpessoais foi direcionado ao contexto esportivo com o decorrer do desenvolvimento da carreira. Os papéis variados na fase de experimentação diminuíram, se restringindo ao de atleta na fase de investimento; os status de identidade evidenciados nos atletas de futebol de campo da fase de investimento foram

o de execução e conquista. Os atletas no status de execução mostraram menor autodeterminação (motivados extrinsecamente), com menor variabilidade de estratégias de coping e percepção de suporte e superproteção pelos pais; os atletas com status de conquista demonstraram ser autodeterminados, com diversas estratégias de coping e com suporte dos pais no desenvolvimento. Assim, concluiu-se: as características do contexto do futebol de campo podem influenciar no desenvolvimento do atleta, restringindo suas experiências, relacionamentos interpessoais, vivência de papéis, dificultando o desenvolvimento em outros domínios, podendo então afetar no status de identidade dos atletas e na continuidade do ciclo de vida.

Palavras-chave: Identidade, Atletas, Futebol, Carreira esportiva.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig. **Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo.** 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig. **Study of the influence of sport's context on identity status of soccer athletes.** 2009. 155 f. Dissertation (Master Degree in Physical Education) – Health Sciences Center. State University of Maringá, Maringá, 2009.

ABSTRACT

The main objective of this study was to investigate the influence of soccer's context on athletes' identity in different sport career phases. Participated in the study 120 male soccer athletes born from the year of nineteen hundred and ninety to nineteen hundred and ninety five, whom practice soccer in formation schools linked to a soccer club from the first division of the Brazilian soccer championship, from the state of Paraná. As for data collection the following instruments were used: The sport motivation scale, Athletic coping skills scale-28, a rearing perception scale and a semi-structured interview. Data collection was performed in the sports schools in sessions scheduled by the coaches. Quantitative data analysis was determined through variance homogeneity evaluation test *Levene* to determine the statistical treatment, which was performed through *Kruskal-Wallis* test with *Mann-Whitney* post hoc, ANOVA one way, with *Bonferroni* post hoc, ANOVA repeated measures and the *Cronbach's* alpha coefficient. The qualitative data were analyzed through content analysis of categorical type. The results evidenced higher levels of self-determination, higher coping strategies variability and higher perception of parent support through the sport career development. Transitions in the athletic domain showed a preference for soccer in relation to other activities. Specialization athletes were already treated like professionals and evidenced a sport career with future perspectives and financial growth. In the investment phase the dedication to soccer practice was exclusive, the athletes were professionalized and participated in national and international. At psychological domain soccer was performed as a meaningful and important activity to the country, the athletes showed better judgment with the continuity in sport's context and role satisfaction promoting social featuring in spite of the perception of the effort necessary to reach high performance. At social level the family remained as the main support element to the athletes in all the athletic development phases. It was evidences that the athletes had difficulties coping with family distance and to establish interpersonal relationships in and out of the club, restricting, in the investment phase, the focus of friendship to people inside the club. At academic level the athletes showed difficulties in maintaining a student/athlete life but studies were seen as an alternative to the athletes' career. Sport environment was characterized as restricted in relation to activities performed through the sport career. Interpersonal relationships focus was directed to the sport context with the career development. The roles one adopted were varied in the experimentation phase and diminished and got restricted to the athletes' role in the investment phase. Two types of identity statuses were observed, execution and identity achievement. The athletes at execution status showed less self-determination (extrinsically motivated), with less variability of coping strategies and perception of support and high protections by parents rearing. Achievement athletes demonstrated high self-determination, with several coping

strategies and with perception of support from parents during rearing. So it is concluded: context characteristics may influence in athletes' development restricting ones experience, interpersonal relationships and role adoption hardening the development in other domains, possibly influencing athletes' identity statuses and life cycle continuity.

Keywords: Identity, Athletes, Soccer, Athletic career.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig. **Study of the influence of sport's context on identity status of soccer athletes.** 2009. 155 f. Dissertation (Master Degree in Physical Education) – Health Sciences Center. State University of Maringá, Maringá, 2009.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Estilos motivacionais dos atletas de futebol de campo nas diferentes fases de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo Interquartílico)	44
TABELA 2 - Estratégias de coping de atletas de futebol de campo nas diferentes fases de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo Interquartílico)	46
TABELA 3 - Estilos parentais percebidos pelos atletas de futebol de campo dos diferentes estágios de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo Interquartílico)	48

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Fases de desenvolvimento atlético de Bloom (1985) e Cotè (1999).....	25
QUADRO 2 - Caracterização dos atletas da fase de experimentação esportiva nos quatro domínios de transição	50
QUADRO 3 - Caracterização dos atletas da fase de especialização esportiva nos quatro domínios de transição	53
QUADRO 4 - Caracterização dos atletas da fase de investimento esportivo nos quatro domínios de transição	56
QUADRO 5 - Caracterização do microssistema dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva	61
QUADRO 6 - Relação entre os atributos pessoais e os status de identidade dos atletas de futebol de campo na fase de investimento	65

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Modelo de desenvolvimento atlético de Cotè (1999)	22
FIGURA 2 - Modelo desenvolvimentista das transições enfrentadas pelos atletas adaptado de Wylleman e Lavallee (2003)	24
FIGURA 3 - Fluxograma do modelo de pesquisa do estudo	34
FIGURA 4 - Distribuição das escolas de futebol de campo de um clube da Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, no estado do Paraná	37
FIGURA 5 - Fluxograma proposto para a coleta de dados dos atributos pessoais dos atletas de futebol de campo	40
FIGURA 6 - Fluxograma proposto para a coleta de dados do contexto dos atletas de futebol de campo	41
FIGURA 7 - Comparação dos atributos pessoais dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva	49

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO A -	Escala de Motivação Esportiva	142
ANEXO B -	Inventário Atlético de Estratégias de Coping	143
ANEXO C -	Escala de Estilos Parentais	144
APÊNDICE A -	Roteiro de entrevista semi-estruturada para atletas da fase de investimento	146
APÊNDICE B -	Roteiro de entrevista semi-estruturada para atletas das fases de especialização e experimentação	148
APÊNDICE C -	Matriz de construção da entrevista semi-estruturada	150
APÊNDICE D -	Termo de consentimento livre e esclarecido para sujeitos menores de idade	151
APÊNDICE E -	Termo de consentimento livre e esclarecido para os sujeitos	152
APÊNDICE F -	Parecer do comitê permanente de ética em pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual de Maringá	153

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UEM	<i>Universidade Estadual de Maringá</i>
SMS	<i>Sport Motivation Scale</i>
ACSI-28	<i>Athletic Coping Skills Inventory-28</i>
EMBU	<i>Egna Minnen Beträffande Uppfostran</i> (Escala de Estilos Parentais)
MI	Motivação Intrínseca
ME	Motivação Extrínseca
AEX	Atletas da fase de experimentação
AES	Atletas da fase de especialização
AI	Atletas da fase de investimento
Md	Mediana
Q1	Primeiro Quartil
Q3	Terceiro Quartil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 Caracterização do tema	01
1.2 Justificativa	04
1.3 Hipóteses conceituais	06
1.4 Delimitação da pesquisa	07
1.5 Limitações das questões da pesquisa	07
1.6 Definição de termos	07
2 OBJETIVOS	09
2.1 Objetivo Geral	09
2.2 Objetivos Específicos	09
3 REVISÃO DA LITERATURA	10
3.1 Teoria dos sistemas ecológicos	10
3.1.1 Atributos pessoais	12
3.1.2 Parâmetros do contexto	15
3.2 Desenvolvimento da carreira esportiva	18
3.2.1 Perspectiva das transições na carreira atlética	23
3.3 Identidade	27
3.3.1 Status de identidade	29
4 MÉTODOS	33
4.1 Modelo da pesquisa	33
4.2 Sujeitos do estudo	35
4.2.1 População	35
4.2.2 Amostra	35
4.2.1.1 <i>Estratos da amostra</i>	36
4.3 Instrumentos	38
4.3.1 Testes Psicométricos	38
4.3.2 Entrevista Semi-Estruturada	39
4.4 Coleta dos dados	42
4.5 Análise dos dados	42
5 RESULTADOS	44
5.1 Atributos pessoais dos atletas em diferentes fases da carreira esportiva	44

5.2 Caracterização das transições dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva	50
5.3 Caracterização do microssistema considerando as transições nas diferentes fases da carreira esportiva	60
5.4 Relação entre os atributos pessoais e os status de identidade dos jogadores de futebol de campo na fase de investimento	64
6 DISCUSSÕES.....	68
6.1 Atributos pessoais dos atletas em diferentes fases da carreira esportiva	68
6.1.1 Estilos motivacionais dos atletas de futebol de campo	68
6.1.2 Estratégias de coping dos jogadores de futebol de campo	73
6.1.3 Estilos parentais percebidos pelos atletas de futebol de campo	76
6.2 Caracterização das transições dos atletas de futebol de campo para diferentes fases da carreira esportiva	80
6.2.1 Domínio Atlético	80
6.2.2 Domínio Psicológico	85
6.2.3 Domínio Psicossocial	89
6.2.4 Domínio Acadêmico/Vocacional	95
6.3 Caracterização do ambiente (microssistema) em que ocorreram as transições nas diferentes fases da carreira esportiva	99
6.3.1 Atividades	100
6.3.2 Relacionamentos Interpessoais	104
6.3.3 Papéis	106
6.4 Relação entre os atributos pessoais e os status de identidade dos jogadores de futebol de campo da fase de investimento	110
7 CONCLUSÕES	118
REFERÊNCIAS	125
ANEXOS	141
APÊNDICES	145

1 INTRODUÇÃO

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO TEMA

A crescente demanda por níveis mais elevados de desempenho no esporte têm determinado que jovens atletas dediquem maiores períodos de tempo e energia em treinos e práticas com o objetivo de alcançar as metas e o sucesso no contexto esportivo. Talvez este fenômeno ocorra devido ao fato de cada vez mais atletas iniciarem sua carreira esportiva com idade muito jovem, muitas vezes até encorajados a fazer o que for preciso para vencer e alcançar a excelência no esporte (LAVALLEE e ROBINSON, 2007).

No entanto, as conseqüências dessa devoção à prática esportiva desde as idades mais tenras têm sido discutidas na literatura, entre elas, os prejuízos potenciais deste comprometimento prematuro para o desenvolvimento pessoal dos atletas, e para o conseqüente desenvolvimento de suas carreiras (MILLER e KERR, 2002).

Os estudos de Grove, Lavallee e Gordon (1997) e Gordon e Lavallee (2004) mostram que as altas demandas do esporte de alto-nível podem impedir os atletas de participarem em tarefas e atividades alheias à prática esportiva, necessárias para a exploração global de suas capacidades. Dessa forma, dificultam a tomada de decisão fora do âmbito esportivo e o desenvolvimento maduro de sua identidade.

Neste contexto, o desenvolvimento da carreira esportiva é marcado por momentos de transição, sendo esta definida como uma mudança na posição da pessoa no meio ambiente frente a uma alteração do papel, do ambiente ou de ambos (BRONFENBRENNER, 1996). Cada momento de transição é vivenciado de forma única para cada indivíduo, sendo a forma como o sujeito perceberá a mudança dentro de um contexto específico que determinará a experiência do momento de transição.

No caso do esporte, por exemplo, o atleta deverá passar da fase de experimentação para a fase da especialização. Essa mudança terá o impacto mediado pelas características do sujeito (motivação para se dedicar mais ao esporte, capacidade de lidar com as demandas competitivas do esporte) e a influência que o contexto

exerce (maiores cargas de treinamento, maior frequência de treinamento, maior número de competições, maior competitividade, entre outros). Diversos autores estudaram os períodos de transição na carreira esportiva (BLOOM, 1985; CSIKSZENTMHALYI et al., 1993; BOMPA, 1995; COTÈ, 1999), e um destes, Cotè (1999), foi o que definiu os três estágios de desenvolvimento atlético como sendo o da experimentação (6-12 anos), especialização (13-15 anos) e investimento (15 anos em diante).

Nesse sentido, o desenvolver do atleta em sua carreira esportiva ocorre concomitantemente à sua passagem da infância para a adolescência, iniciando a procura por pares sociais fora da família e também mudando de ano na escola, mudanças estas que são denominadas transições normativas, ocorrendo invariavelmente aos indivíduos (WYLLEMAN et al., 2000). Sendo assim, além da transição entre fases da carreira esportiva, Wylleman e Lavallee (2003) propõem um modelo de transições em mais três domínios: o psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional.

Vários resultados negativos foram encontrados em atletas que se especializaram no esporte deixando de lado outros aspectos de sua vida, como lesões, ansiedade competitiva e problemas com identidade (HECIMOVICH, 2004). De maneira semelhante, problemas com a identidade de atletas também foram observados por Lally (2007) em atletas que abandonaram os estudos para se dedicar a carreira esportiva.

Entendendo neste estudo a identidade como uma visão multidimensional de si mesmo que tanto perdura como é dinâmica, temos então que esta é formada por atributos pessoais específicos e atributos que marcam a participação em algum grupo social (JACQUES, 1998). Para Erikson (1968), identidade remete a um conjunto de valores, crenças e metas aceitas pelo indivíduo e marcadas pelo seu comprometimento com as mesmas.

Seu processo de construção, de acordo com Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares (2003), ocorre a partir das características do indivíduo e da influência do ambiente, sendo um construto entre os fatores intrapessoais (personalidade), interpessoais (identificações com elementos significantes) e culturais (valores

sociais). Tal construção se dá ao longo do desenvolvimento do indivíduo, sofrendo influências das mudanças no contexto como, no caso do esporte, o intenso comprometimento com a prática que começa a vigorar e distanciamento de outras atividades como a escola.

Marcia (1966), fundamentada na teoria psicossocial de Erikson, propõe que a formação de um senso claro e estável de identidade ocorre a partir da interação entre duas dimensões: comprometimento e exploração. A primeira refere-se ao estabelecimento de convicções, valores e metas, enquanto a segunda remete ao nível de esforço e interesse que o indivíduo utiliza na tentativa de determinar no que deve se comprometer (BERZONSKY e ADAMS, 1999).

Partindo da definição de comprometimento e exploração, Marcia (1966) desenvolveu quatro possíveis interações entre a exploração e o comprometimento que resultariam em quatro momentos da formação da identidade, ou status de identidade: a) conquista da identidade, na qual o indivíduo experimenta uma fase de crise, explora as escolhas e alternativas e alcança uma resolução se comprometendo com as mesmas; b) moratória, onde os comprometerimentos são postergados e o sujeito está em processo de exploração e busca pelo estabelecimento dos compromissos; c) execução, quando o indivíduo mantém compromissos firmes, mas que foram estabelecidos prematuramente através da relação com pares significantes sem fase de exploração; e d) difusão, quando falta comprometimento e o indivíduo não tem interesse em engajar em um processo de exploração de novas alternativas/atividades (BERZONSKY E NEIEMEYER, 1994; BERZONSKY, 2008).

Assim, a construção da identidade sofre influência do contexto e das características do indivíduo (características da pessoa e propriedades do contexto) (BRONFENBRENNER, 1993) e, segundo Berzonsky e Kuk (2005), os status de identidade não ocorrem de forma unilateral: novas situações exigem novas explorações e redefinições dos comprometerimentos, indicando que os *status* podem sofrer modificações de acordo com momento de vida do indivíduo.

Neste processo, os atletas enfrentam diversas transições ao longo do desenvolvimento de sua carreira esportiva, transições atléticas e não atléticas

(acadêmica/vocacional). A forma como essas transições são superadas influenciam a formação da identidade do talento esportivo. Assim sendo, atletas com intenso comprometimento com seu papel no esporte têm mostrado dificuldades em abandoná-lo para assumir papéis diferentes em suas vidas quando enfrentam o término de suas carreiras esportivas (LALLY, 2007).

Dificuldades na tomada de decisão na vida adulta, dependência, comportamentos de risco, maturidade de carreira e problemas extremos com o término da profissão foram observados naqueles que se envolviam profundamente com sua carreira atlética (MILLER e KERR, 2002; TAYLOR et al., 2005; PAPATHOMAS e LAVALLEE, 2006). Assim, evidencia-se a identidade como um elemento que sofre influência do contexto esportivo e do desenvolvimento da carreira atlética.

Em tal contexto, pretende-se para fins reflexivos aprofundar a seguinte questão geradora do estudo: Pode o contexto esportivo influenciar no status de identidade dos atletas de futebol de campo?

1.2 JUSTIFICATIVAS

O interesse pelo estudo da área da Psicologia do Esporte e do Exercício iniciou-se logo nos primeiros anos acadêmicos, quando, em um evento realizado pelo Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, conheci a prática do Psicólogo no Esporte. Após esse contato inicial, eu e mais quatro colegas buscamos por conhecimentos afins e encontramos no Departamento de Educação Física/UEM um grupo de estudos na área, coordenado pela Prof^a. Dr.^a Lenamar Fiorese Vieira.

Começamos então a freqüentar o Departamento de Educação Física no segundo ano de Graduação, criando um interesse pessoal pela área, devido à identificação com o esporte. No Departamento de Educação Física iniciamos a vida acadêmica científica com participação em eventos, publicação de artigos e projetos de iniciação científica, o que levou-nos à vinculação ao Grupo de Pesquisas Pró-Esporte/CNPQ/UEM/DEF.

Inicialmente estudamos a agressividade atlética, buscando identificar a importância da individualidade e do desenvolvimento moral de cada atleta para a sua prática

esportiva, e assim entramos em contato com o termo *identidade atlética*, o qual remete a um grande comprometimento com a carreira esportiva (LALLY, 2007).

Esta temática da identidade evidenciou-se ainda mais quando da participação do XII Congresso Europeu de Psicologia do Esporte em 2007, e também através da realização do estágio na Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, junto ao Professor Doutor Sidónio Serpa, com acesso a literatura internacional, que nos possibilitou o estudo do modelo holístico de Wylleman e Lavallee (2003) de transições atléticas.

Neste momento, o tema da construção da identidade foi se concretizando como prioridade de estudos, temática esta que tem sido estudada pelos teóricos da Psicologia Social em diferentes contextos da vivência humana, entre eles identidade em pacientes clínicos com lesão cerebral (GLUCKMAN, 2006), identidade e relações de trabalho (LIMA et al., 2004), identidades organizacionais (MACHADO, 2005), identidade no gênero masculino (SIQUEIRA, 1997) e construção da identidade em adolescentes (SARRIERA et al., 2001; FERREIRA et al., 2003).

Especificamente para o contexto esportivo, a temática da identidade vem sendo estudada a partir da importância do esporte no auxílio da re-construção da identidade em populações idosas (PHEONIX et al., 2005; HARDCASTLE e TAYLOR, 2005) e em casos clínicos psicopatológicos (CARLESS e DOUGLAS, 2008). Mas conforme ressalta Lavallee (2005), estudos examinando os fatores que podem facilitar ou interferir na formação da identidade em atletas são raros.

Estudos enfocando a transição para fora do esporte (BRANDÃO et al., 2000; ALFERMANN et al., 2004; ERPIC et al., 2004; FERNANDEZ et al., 2006; STAMBULOVA et al., 2007) despertaram o interesse para a influência do contexto esportivo na formação da identidade e da identidade como um fator determinante para um término saudável da carreira esportiva. Lavallee e Robinson (2007) estudaram qualitativamente o término da carreira de ginastas artistas do gênero feminino, enfocando a busca por uma nova identidade após o fim da carreira. Lally (2007) também abordou a questão da identidade e o término da carreira esportiva em estudantes universitários atletas.

Por outro lado, Pummell et al. (2008) estudaram um momento de transição dentro da carreira esportiva de cavaleiros, quando estavam passando do equivalente estágio juvenil para o profissional. No entanto, poucas são as pesquisas avaliando o processo de construção da identidade em diferentes momentos da carreira esportiva ou ainda sua influência no desenvolvimento de talentos esportivos (LALLY, 2007).

Assim, devido à escassez de estudos sobre o processo de construção da identidade dentro do contexto esportivo de futebol de campo, surgiu o interesse pela temática. Vinculado a isso, o fato da formação na área da Psicologia permitiu-me estudar o fenômeno do esporte focalizando o atleta enquanto ser humano em processo de desenvolvimento e de construção contínua de sua identidade. Dessa forma, considerando que a carreira atlética é uma fase da vida e que o atleta precisa enfrentar nova ocupação pós-esporte, faz-se importante essa pesquisa em virtude de proporcionar indícios para a prática de aconselhamento da carreira esportiva com uma visão holística do jogador.

1.3 HIPÓTESES CONCEITUAIS

Os atletas de futebol de campo irão apresentar atributos pessoais de estilos motivacionais mais autodeterminados, maior variedade de estratégias de coping e estilo parental percebido como de suporte ao longo do processo de desenvolvimento esportivo.

Ao longo da trajetória de desenvolvimento da carreira esportiva serão observadas transições precoces, fortes comprometimentos com o domínio atlético, busca por autonomia e reconhecimento no domínio psicológico, evidenciando a importância da família no domínio social e o comprometimento do domínio acadêmico.

Os atletas apresentarão no microsistema pouca diversidade nas atividades, restrição nos relacionamentos interpessoais e papéis limitados à vida de atleta.

Haverá predominância de status de identidade para execução devido ao forte comprometimento com a prática esportiva em idades jovens, o que prejudicará as transições em outros domínios, inibindo o processo de exploração do ambiente e de si próprio.

1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O estudo está delimitado a atletas nascidos no período de mil novecentos e noventa e mil novecentos e noventa e cinco que atuam em um clube da Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol de Campo do estado do Paraná. Tal intervalo de tempo (cinco anos) foi escolhido para que fosse possível analisar os status de identidade no período que é referenciado por Erikson (1968) como de maior importância para a formação da identidade.

1.5 LIMITAÇÕES DAS QUESTÕES DA PESQUISA

A pesquisa limita-se por fazer cortes transversais na tentativa de analisar um processo que ocorre ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, uma pesquisa longitudinal seria a mais adequada, entretanto, para a finalização do programa de mestrado, o pesquisador não dispôs do tempo necessário para este tipo de pesquisa.

Outra limitação do estudo é a análise apenas no nível do microssistema, deixando os outros sistemas integrantes das propriedades do contexto de Bronfenbrenner (mesossistema, exossistema e macrossistema) sem investigação.

1.6 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Identidade - É o conjunto de valores, crenças e metas exploradas pelo indivíduo, marcadas pelo seu comprometimento com as mesmas. Pode ser definida como uma visão multidimensional de si mesmo que tanto perdura como é dinâmica. É formada por atributos pessoais específicos do indivíduo e atributos que marcam a participação em algum grupo social (ERIKSON, 1968; JACQUES, 1998).

Status de Identidade – São formas de enfrentamento individual da tarefa de construção da identidade baseados na presença ou ausência de exploração de alternativas e opções de valores, culturas, crenças; e o comprometimento com uma dessas alternativas (MARCIA, 1966; ERIKSON, 1968; BERZONSKY, 2008).

Transição – É um processo dinâmico marcado inicialmente por uma sensação que leva a um período de crescimento pessoal e adaptação. A transição implica na

mudança na posição da pessoa no meio ambiente frente a uma alteração do papel, do ambiente ou de ambos (BRONFENBRENNER, 1996; KERR e DACYSHYN, 2000).

Microsistema - Um microsistema é um padrão de atividades, papéis, e relações interpessoais experimentados pela pessoa em desenvolvimento em um determinado ambiente com particulares características físicas, sociais e simbólicas que convidam, permitem ou inibem o engajamento, sustentado em atividades progressivamente mais complexas em interação com o meio ambiente imediato (BRONFENBRENNER, 1993).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar a influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os atributos pessoais dos atletas de futebol de campo relacionados à prática esportiva em diferentes fases da carreira esportiva

Analisar a trajetória de desenvolvimento individual dos atletas, buscando identificar elementos significativos que influenciaram no status de identidade, em diferentes fases de suas carreiras esportivas.

Caracterizar o microsistema nas diferentes fases da carreira, considerando os momentos das transições esportivas.

Relacionar os status de identidade dos atletas de futebol de campo, com características do contexto e os atributos pessoais.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Considerando as questões da pesquisa, a apresentação do embasamento teórico foi dividida em três partes. A primeira focaliza o suporte teórico que embasa a influência do contexto no desenvolvimento humano a partir da teoria dos sistemas ecológicos. Na segunda parte foi abordado o desenvolvimento da carreira esportiva do atleta e, por fim, a terceira apresenta a temática da identidade enfatizando o modelo dos status de identidade.

3.1 TEORIA DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS

O desenvolvimento humano é considerado um conjunto de processos nos quais as propriedades da pessoa e os parâmetros do ambiente produzem mudança nas características do indivíduo durante o seu crescimento, a partir de sua interação (BRONFENBRENNER, 1995).

Dessa forma, o desenvolvimento humano, para Bronfenbrenner (1996), é caracterizado como um processo ativo do ser humano em interação com o seu ambiente e nas relações interpessoais que estabelece com todos que participam direta ou indiretamente do mesmo contexto.

Entretanto, para o mesmo autor (1993), não é o ambiente real em si que influencia o comportamento de desenvolvimento de uma criança, mas sim a percepção ou interpretação deste contexto feito pelo indivíduo em desenvolvimento. Assim, para o estudo da influência do contexto no desenvolvimento humano é necessário investigar a percepção desta influência na perspectiva do indivíduo além dos parâmetros reais do contexto. Portanto, somente analisar as qualidades objetivas de um ambiente sem levar em consideração o significado dessas qualidades para o indivíduo não representa uma análise da ecologia do desenvolvimento humano (KREBS, 1997).

Para a execução da tarefa de análise das alterações no comportamento ao longo do ciclo de vida do indivíduo, Bronfenbrenner (1996) propõe a investigação de ocasiões selecionadas visando verificar o que o autor chamou de “transições ecológicas”. As

transições devem ser escolhidas pelo efeito significativo nas capacidades ao longo do desenvolvimento da criança (VIEIRA, 1999). Uma transição ecológica é definida por Bronfenbrenner (1987) como:

Uma consequência e um processo instigador do desenvolvimento. Assim, do ponto de vista de pesquisa, constitui toda transição ecológica, uma experiência de natureza constituída de um design 'antes-depois', no qual cada sujeito pode atuar como controle dele próprio. Em resumo, uma transição ecológica fixa o estágio de ambos (antes-depois) para a ocorrência e o estudo sistemático do fenômeno desenvolvvente (p. 17).

O objetivo do estudo das transições ecológicas está na busca pela caracterização do ponto de transição a partir dos fatores que precipitaram a transição e os efeitos que esta situação produziu no indivíduo em desenvolvimento. Os efeitos das transições refletem a relação entre o potencial dos atributos pessoais do sujeito e a influência dos parâmetros do contexto (BRONFENBRENNER, 1995).

A inter-relação entre os atributos da pessoa e do contexto foi definida por Bronfenbrenner (1995) como um paradigma bioecológico, o que corresponde ao estudo da relação entre os traços pessoais e a interação entre as experiências ambientais determinando o resultado do desenvolvimento. A perspectiva é de que os processos psicológicos como cognição, motivação, emoção, entre outros, possuem um conteúdo externo, baseados nos elementos do contexto (BRONFENBRENNER e CECI 1994, apud VIEIRA, 1999).

O modelo bioecológico sustenta-se então a partir de quatro domínios: a) as características pessoais do sujeito presente nesse contexto; b) o processo através do qual o desenvolvimento emerge; c) o contexto no qual o desenvolvimento ocorre; e d) a dimensão temporal ao longo da qual o desenvolvimento acontece (Figura 3).

Os dois elementos centrais do paradigma são os atributos pessoais e os parâmetros do contexto. O contexto, conforme proposto por Bronfenbrenner (1993), é um conjunto de estruturas que se inter-relacionam e se completam, cada qual envolvendo a estrutura anterior. A primeira estrutura que se situa no nível mais interno e próximo do indivíduo é o microssistema, o qual é constituído de instituições nas quais o sujeito em desenvolvimento atua diretamente, como casa, escola, clube esportivo e grupo de amigos.

O mesossistema é considerado o segundo ambiente, que envolve o microsistema, e refere-se a um padrão de inter-relacionamento entre ambientes (microsistemas) e inclui as relações estabelecidas entre dois ou mais ambientes que contêm a pessoa em desenvolvimento (KREBS, 1995).

Abrangendo o mesossistema encontra-se o exossistema, o qual contém as inter-relações entre dois ou mais ambientes, mas que pelo menos um dos quais não tenha contato direto com o indivíduo em desenvolvimento. Os eventos conseqüentes da ligação entre dois ambientes, com um deles alheio ao indivíduo, influenciam indiretamente o processo que a pessoa em desenvolvimento está enfrentando.

O macrossistema aparece como instância mais distante do indivíduo em desenvolvimento e contempla todos os sistemas anteriores, assinalando uma cultura ou subcultura que referencia as características dos exossistemas, mesossistemas e microsistemas. O macrossistema compreende todos os padrões sociais de cada um dos sistemas: seus sistemas de crenças, valores, riscos, recursos, estilos de vida, estruturas, oportunidades e padrão de relacionamentos interpessoais (BRONFENBRENNER, 1993).

Para Bronfenbrenner (1992), o processo de desenvolvimento humano não pode ser definido sem levar em consideração a variável tempo, partindo da premissa da ocorrência do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, como um processo contínuo que ocorre dentro de um período cronológico. Assim, o autor propõe a existência do cronossistema, o qual compreende o período histórico-social no qual ocorre o ciclo de vida, que serve como pano de fundo para os eventos ambientais e as transições.

3.1.1 Atributos Pessoais

A forma como o indivíduo vai estabelecer relacionamentos interpessoais dentro das atividades que resolve executar vai ser mediada pelos atributos pessoais, facilitando ou dificultando o contato que o sujeito estabelece com o ambiente, como define Bronfenbrenner (1993):

Eu proponho que os atributos da pessoa provavelmente moldam o curso de seu desenvolvimento, para melhor ou para pior, é esses que induzem ou inibem disposições dinâmicas para o ambiente imediato. Eu me refiro a tais qualidades como *características instigativas do desenvolvimento*. (p.11)

Vieira (1999) aponta que o relacionamento entre o indivíduo em desenvolvimento e o ambiente imediato é influenciado por quatro atributos pessoais. O primeiro refere-se ao conjunto de características pessoais que estimulam ou inibem o engajamento da atividade, promovendo ou dificultando o desenvolvimento. O segundo é o interesse do indivíduo para explorar o ambiente em determinados aspectos em detrimento a outras características, o que é chamado por Bronfenbrenner (1995) de responsividade seletiva. O terceiro é o grau de disposição que o sujeito demonstra para procurar atividades mais complexas que se relacionem com o ambiente, reorganizando-o de modo mais elaborado. Finalizando, o quarto atributo é a predisposição do indivíduo em desenvolvimento para reorganizar as experiências de forma conceitual, estabelecendo planos e metas elaboradas e criando meios para alcançá-las (BRONFENBRENNER, 1992).

Como forma de avaliar os atributos pessoais voltados para o microssistema das escolas de futebol de campo, optou-se por analisar os estilos motivacionais para a prática esportiva, as estratégias de coping atléticas e os estilos parentais percebidos.

Nos estilos motivacionais o suporte teórico adotado para analisar os atletas voltados para o futebol de campo foi a teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (1985), na qual o comportamento é regulado por três necessidades psicológicas, que atuam de forma interdependente: competência, autonomia e relacionamento. Especificamente, a competência refere-se à capacidade do indivíduo de interagir de maneira eficaz com o seu ambiente enquanto realiza tarefas desafiadoras; a autonomia concerne ao nível de independência e controle das escolhas percebidas pelo indivíduo; e o relacionamento está ligado a quanto alguém percebe um senso de conectividade com outras pessoas do ambiente (MILNE, WALLMAN e GUILFOYLE, 2008).

Nesse sentido, o comportamento se regula em função da satisfação dessas necessidades, facilitando ou dificultando a motivação. Isto resulta em dois comportamentos reguladores: um percebido como independente e próprio do indivíduo, com ações iniciadas e reguladas pelo sujeito (motivação intrínseca); e outro regulado

intensamente por mecanismos externos (motivação extrínseca) (RYAN e DECI, 2000). Nessa perspectiva, Vallerand (2001) complementa com o modelo hierárquico da motivação que propõe sua variação em graus de autodeterminação, num *continuum* que se posiciona entre um nível baixo e um nível alto de autodeterminação, sendo classificada em amotivação (nível mais baixo de autodeterminação), motivação extrínseca e motivação intrínseca (autodeterminada).

O interesse do indivíduo pode variar em termos de intensidade e causas e, desta maneira, pode ter pouca motivação para a ação (amotivação); uma motivação referente à realização da atividade para a satisfação de demandas externas, por culpa ou vergonha (motivação extrínseca de regulação externa); uma motivação baseada na participação em atividades pelo sentimento de obrigação, coerção e fuga de sensações negativas (motivação extrínseca de introjeção); ou ainda uma motivação oriunda de uma atividade que em si não dá prazer, mas na qual o indivíduo se identifica com o resultado, sendo o mesmo valorizado (motivação extrínseca de identificação). O último estágio da motivação é aquele voltado ao prazer, interesse e satisfação proporcionados pela própria atividade (motivação intrínseca) (VALLERAND e LOSIER, 1994).

As estratégias de coping são definidas como as habilidades de enfrentar mudanças, situações estressantes e ameaçadoras. As habilidades de coping contribuem com o indivíduo para a continuidade da busca e conquista de objetivos pessoais, levando assim a um melhor bem-estar subjetivo (OUWEHAND et al, 2008). Especificamente no esporte, segundo Finch (1999), respostas de coping são estratégias que fazem a mediação entre a percepção dos eventos estressores e o desempenho esportivo dos atletas. Gaudreau e Blodin (2004) ressaltam que a inexistência de habilidades ou a limitação das mesmas podem contribuir para um desempenho esportivo fraco e insatisfação com a prática.

A capacidade de utilizar as habilidades de coping influencia na forma como a situação ameaçadora é percebida. A variabilidade de estratégias de coping à disposição do indivíduo determinará a sensação de ameaça ou de dificuldade da situação estressora (PENSGAARD e DUDA, 2003). Assim, a capacidade de enfrentar o estresse (coping) pode influenciar o bem-estar psicológico e o desempenho atlético dos esportistas. Como a estratégia de coping é determinante para o desenvolvimento e desempenho do atleta e para cada demanda estressora

há uma estratégia mais adequada, é importante que o repertório de habilidades de coping dos atletas seja diversificado (GOULD et al., 1993).

Os estilos parentais percebidos estão relacionados à forma como o indivíduo guardou na memória os comportamentos adotados pelos pais durante a sua criação (LIVIANOS-ALDANA e ROJO-MORENO, 2003). A percepção da criação é um importante fator para o desenvolvimento humano, principalmente para o desenvolvimento psicossocial. Ullrich-French e Smith (2009), em seus estudos, encontraram relações entre os estilos parentais e transtornos de ansiedade, depressão e adição (MURIS, 1998; EHNVALL et al., 2005).

Para Perris et al. (1980), três estilos parentais percebidos fundamentam as pesquisas na área: o suporte parental, a superproteção parental e a rejeição parental. Os estudos apontam para a relação entre o estilo parental de suporte e o bem-estar psicológico (OUWEHAND et al., 2008), sucesso no esporte (WUERTH et al., 2004), percepção de competência, aproveitamento, motivação intrínseca (BABKES e WEISS, 1999) e auto-estima (GOULD et al., 2008).

Já o estilo de superproteção pode prejudicar o desenvolvimento do indivíduo no sentido de que atrapalha a formação do senso de autonomia e diferenciação (ERIKSON, 1968, 1998; HELLSTEDT, 1990) e funciona como agentes estressores (STEIN et al., 1999). Comportamentos de rejeição percebidos podem estar relacionados a sentimentos de culpa, violência, autocrítica (PERRIS et al, 1980) ou sintomas depressivos na vida adulta (EHNVAL et al., 2005).

3.1.2 Parâmetros do contexto

De acordo com os objetivos delineados para a pesquisa, o foco do contexto foi realizado no nível do ambiente mais próximo do sujeito, o microsistema dos atletas, o qual é definido por Bronfenbrenner (1993) como:

Um padrão de atividades, papéis, e relações interpessoais experimentados pela pessoa em desenvolvimento em um determinado ambiente com particulares características físicas, social e simbólicas que convidam, permitem ou inibem, o engajamento sustentado em atividades progressivamente mais complexas em interação com o meio ambiente imediato (p. 15).

Dessa forma, o microsistema foi caracterizado a partir da análise dos padrões de atividades, relacionamentos interpessoais e papéis experimentados pelos atletas em desenvolvimento ao longo da carreira esportiva que facilitaram ou inibiram o engajamento em atividades mais complexas.

As atividades são consideradas como o principal vínculo para a influência direta do ambiente sobre a pessoa em desenvolvimento. Bronfenbrenner (1995) definiu dois tipos de atividades, as moleculares e as molares. As atividades moleculares são aquelas executadas pelo sujeito, mas que têm pouca importância ou significado. Já as molares, por sua vez, são aquelas que apresentam significado para o sujeito e para outras pessoas do ambiente, demonstrando persistência ao longo do tempo.

A caracterização de uma atividade molar é feita a partir de algumas propriedades básicas. A atividade é marcada por ser um processo contínuo, que transmite a permanência extrapolando a definição de começo e fim. Tal atividade apresenta um momento próprio que define o grau do impulso para a realização da mesma, possibilitando a sensação de persistência e resistência à interrupção até a atividade estar completada (BRONFENBRENNER, 1993). O momento da atividade é definido pela existência de uma intenção, o desejo de realizar a atividade pelo prazer da atividade ou como um meio para alcançar um objetivo maior.

Outra característica das atividades molares é o grau de complexidade dos objetivos ou intenções que as motivam. A complexidade pode ser baseada na estrutura da atividade, manifesta no número de atividades molares executadas simultaneamente, na permanência e expectativa de continuidade temporal ampliada e na presença de objetivos oriundos da intenção principal. Ou ainda, a complexidade no campo ecológico, refletido na participação do indivíduo em sistemas interpessoais, eventos ou situações que contemplem outros ambientes (microsistemas), formando relações de mesossistemas ou exossistemas e a expansão ou modificação do ambiente através da reorganização do microsistema imediato (BRONFENBRENNER, 1996).

Os relacionamentos interpessoais são caracterizados sempre que uma pessoa presta atenção às atividades de outra, ou participa ativamente de alguma delas. Quando a relação ocorre em ambas as direções é estabelecida uma díade,

elementos determinantes para a formação de estruturas interpessoais mais amplas e para o desenvolvimento humano (KREBS, 1997).

Bronfenbrenner (1993) apresentou três tipos de díades: o primeiro tipo refere-se à díade observacional, a qual ocorre quando uma pessoa presta atenção na atividade do outro e é reconhecida por tal feito. O segundo tipo é a díade de atividade conjunta, que se estabelece quando, além da observação, a pessoa participa da atividade da outra, seja de forma compartilhada ou complementar. O terceiro tipo é a díade primária, considerada o vínculo interpessoal mais importante para o desenvolvimento. Na díade primária o vínculo existe mesmo quando as pessoas não compartilham o mesmo ambiente, aparecendo no pensamento de cada um, estabelecendo fortes sentimentos emocionais e influenciando o comportamento um do outro mesmo quando separados.

As díades apresentam três características básicas: a reciprocidade, o equilíbrio de poder e a relação afetiva. A reciprocidade refere-se à coordenação das atividades entre as pessoas, gera *feedback* mútuo, motivação para perseverança e interdependência. O equilíbrio de poder remete à influência de cada participante na atividade, e sempre um lado da díade tem mais domínio sobre o outro. Essa característica é importante para a aprendizagem no sentido de que o equilíbrio do poder se altera em favor da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1992). Por exemplo, quando um atleta consegue exercer maior importância na relação com o treinador dando dicas táticas.

A relação afetiva ressalta o estabelecimento de sentimentos mais pronunciados entre os membros da díade, podendo este sentimento ser positivo, negativo, ambivalente ou assimétrico, quando um participante gosta do outro, mas o inverso não ocorre. (BRONFENBRENNER, 1995).

Na perspectiva dos relacionamentos interpessoais, o indivíduo deve levar em consideração a influência de terceiros sobre a díade. Essa relação com outros fatores externos à díade tem um efeito de segunda ordem (BRONFENBRENNER, 1996), que pode ser facilitador ou inibidor do processo de desenvolvimento: como exemplo, temos a relação de amizade entre dois adolescentes que não é permitida pelos pais.

Outro elemento característico do microsistema são os papéis. O papel é entendido como um conjunto de atividades pertinentes a cada posição, que refletem as expectativas da sociedade em relação ao ocupante e as expectativas que o ocupante da posição tem em relação aos demais membros do contexto (KREBS, 1995). Para Bronfenbrenner (1995), um papel é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição em um ambiente, e de expectativas de outros pares sociais em relação àquela pessoa.

A expectativa do papel refere-se ao padrão de atividades executadas e também às relações diádicas estabelecidas entre as partes do ambiente, levando em consideração a reciprocidade, o equilíbrio do poder e a relação afetiva. Tais expectativas são enraizadas na cultura da sociedade, que ditam as formas de agir e de se relacionar no ambiente, como coloca Bronfenbrenner (1993):

Está claro que o conceito de papel envolve uma integração dos elementos de atividade e relação em termos de expectativas sociais. Uma vez que essas expectativas são definidas no nível de subcultura e cultura, como um todo, o papel, que funciona como um elemento do macrosistema, na verdade tem suas raízes no macrosistema de ordem mais elevada e em suas estruturas institucionais e ideologia estabelecida entre aquela pessoa e as outras presentes no ambiente (p. 102).

Vieira (1999) aponta que o desenvolvimento humano é facilitado pela interação com pessoas que ocupam uma variedade de papéis, como também pela participação num repertório cada vez mais amplo de atividades e relacionamentos. Dessa forma, a variabilidade de experiências de papéis representa uma forma de facilitar o desenvolvimento humano, na perspectiva ecológica. A teoria dos sistemas ecológicos tem sido utilizada como base para estudos na área do contexto esportivo que buscaram investigar o desenvolvimento de talentos (VIEIRA, 1999a; VIEIRA, 1999b)

3.2 DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA

A busca pela detecção e desenvolvimento de talentos esportivos tem feito com que os responsáveis pelo envolvimento de crianças no esporte tenham a crença de que a iniciação esportiva deva começar em idades cada vez mais jovens, acreditando que assim maiores serão as chances da criança se tornar um talento esportivo, o

que os leva, muitas vezes, a encorajá-las a fazer o que for preciso para alcançar os resultados e o desempenho esperado (LAVALLEE e ROBINSON, 2007).

Entretanto, é consenso na literatura que o tempo de prática não é a única variável determinante para o desenvolvimento da carreira atlética. Janelle e Singer (1999) apontam que as características biológicas, psicológicas e ambientais influenciam no desenvolvimento, anulando a perspectiva de que a iniciação precoce é favorável ao talento esportivo.

Em outra perspectiva, Miller e Kerr (2002) colocam que a busca pela excelência no esporte pode prejudicar as chances do indivíduo para conquistar a excelência pessoal. Um exemplo disto é o desenvolvimento de habilidades sociais que, devido às demandas e necessidades do esporte visando às habilidades atléticas, pode ser dificultado (DANISH e DONOHUE, 1995).

Frente a isto, Vieira (1999) aponta que o desenvolvimento da carreira atlética deve estar relacionado ao processo de crescimento e desenvolvimento individual, devendo a iniciação ser planejada levando em consideração as fases de desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, diversos estudos propuseram modelos para o desenvolvimento atlético, caracterizando as etapas evolutivas. Esses modelos são importantes para os profissionais do esporte porque relatam aspectos, princípios, características e valores específicos para o processo de desenvolvimento em cada uma das fases (BARREIROS, 2005).

Um deles, proposto por Bompa (1995), divide o desenvolvimento atlético em duas fases: a fase generalizada e a fase especializada. Na fase generalizada os atletas devem ser introduzidos ao treinamento esportivo sistematizado gradualmente no estágio da iniciação, que vai dos seis aos dez anos de idade. Após a apresentação ao treinamento esportivo inicia-se o desenvolvimento de habilidades atléticas de forma progressiva, no estágio de formação atlética que compreende a puberdade (11-14 anos).

Com a formação do atleta constrói-se a base para o desenvolvimento de habilidades motoras específicas da modalidade, que ocorre na transição para a fase

generalizada, na qual os atletas decidem que tipo de modalidade e posição querem treinar, se especializando na prática (15-18 anos). Com a especialização o atleta intensifica seu treinamento visando alcançar o alto rendimento, período este que se inicia aos dezenove anos de idade (BOMPA, 1999).

O foco dos estudos de Bompa (1995, 1999) foi o desenvolvimento atlético de talentos esportivos, enfocando nas categorias físicas, mentais e psicossociais dos atletas. Com outro enfoque, Bloom (1985) estudou talentos em diferentes áreas do conhecimento e delimitou estágios comuns de desenvolvimento, apesar das diferenças entre as fases. O autor analisou o desenvolvimento de talentos em três áreas: atlética ou motora; musical ou artística; intelectual e cognitiva.

Os estágios propostos por Bloom (1985) foram: anos iniciais, anos intermediários e anos finais, delimitando em cada fase as características próprias em relação ao envolvimento do atleta, professores e pais. Nos anos iniciais as crianças estão começando a se envolver com o esporte e o objetivo mais importante é o divertimento. Quando as crianças começam a competir, os pais são os principais incentivadores e compartilham o prazer a aproveitamento dos filhos (WUERTH, 2004). Nessa fase os jovens evoluem de um contato inicial com o esporte a um nível de especialização em um papel ou modalidade. Aqui as crianças enfrentarão um esporte organizado em sessões de treinamento, competições aos finais de semana e em feriados, maior carga física de treinamento e demanda psicológica (STAMBULOVA, 1994). É aconselhado, nesta fase, que a criança experimente diferentes modalidades esportivas com o foco do divertimento e ludicidade (WYLLEMAN, 2007).

Nos anos intermediários, aumenta-se o comprometimento com o esporte e a criança muda o foco da prática para o aprimoramento das habilidades e técnicas com competições de maior nível. Nessa fase, que inicia entre os doze/treze anos de idade e vai até os dezoito anos de idade, os jovens atletas se comprometem intensamente com o esporte e se percebem como sendo talentosos ou promissores, com capacidade de alcançar o alto nível de rendimento (WYLLEMAN, 2000). Além disso, os jovens talentos precisam agora lidar com novas cargas de prática, maior frequência e especialidade de treinamentos, necessidade de maior preparo físico e

psicológico para as competições e maior expectativa dos pares sociais pelo desempenho atlético.

Nos anos finais, os atletas são considerados obcecados com o esporte, e responsabilidade e independência são características desta fase. O nível das competições alcançou o alto rendimento, assim como a pressão pelo desempenho e as demandas em treinamentos (SALMELA et al, 2007). Essa fase requer do atleta o desempenho em seu nível mais elevado, de forma consistente e com a maior constância possível. A busca pela profissionalização faz com que o foco dos objetivos pessoais dos atletas esteja voltado exclusivamente para o esporte, envolvendo alta intensidade e frequência de treinamento e maior número de competições (BLOOM, 1985).

Por outro lado, com ênfase na influência do contexto social no desenvolvimento de talentos esportivos, CSIKSZENTMIHALYI et al. (1997) destacaram que as crianças necessitam do suporte de um grande número de indivíduos para desenvolver seu talento, assim, pais, técnicos, mentores, amigos e instituições (colégios, clubes, escolas esportivas) devem auxiliar no desenvolvimento do talento. Neste sentido, ambientes familiares integrativos, que oferecem condições estáveis entre os membros da família, com clima de suporte e que favorecem à individuação e autonomia, foram ressaltados como o ambiente que propicia melhor estímulo para o desenvolvimento do talento (CSIKSZENTMIHALYI et al, 1997). Nesta perspectiva, o talento não pode existir sem o suporte social, reconhecimento e envolvimento de pares sociais (pais, técnicos, professores, familiares, entre outros) (BARREIROS, 2005).

Outra perspectiva para suporte teórico do desenvolvimento de talentos esportivos que será utilizada neste estudo foi proposta por Cotè (1999), que construiu um modelo constituído de etapas de participação esportiva (Figura 1). Tal modelo é composto por três períodos: o primeiro vai desde a infância (anos de experiência), passando por uma etapa intermediária (anos de especialização) para terminar no final da adolescência (anos de investimento).

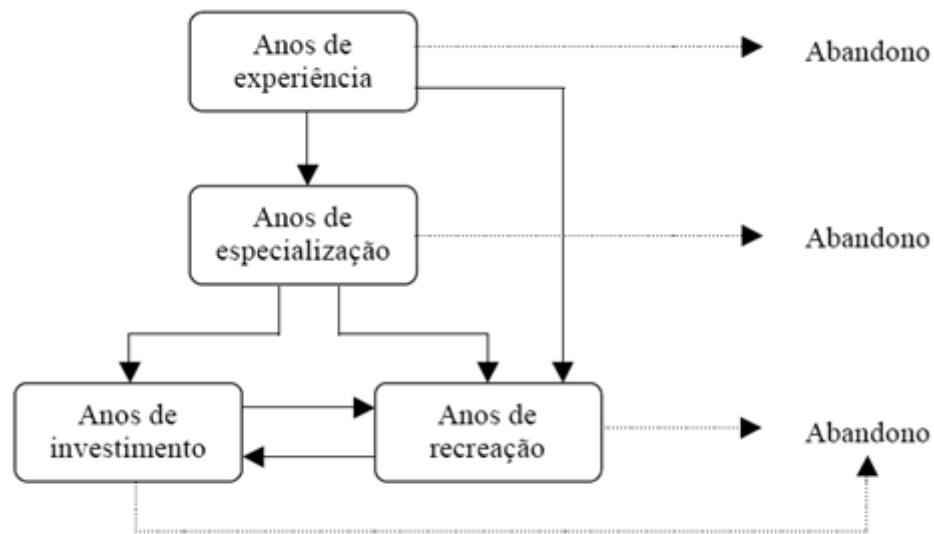


FIGURA 1. Modelo de desenvolvimento atlético de Cotè (1999) (adaptado de BARREIROS, 2002).

Os anos de experiência referem-se à faixa de seis a doze anos e têm os pais como principais influências para a entrada e desenvolvimento do interesse do filho pelo contexto esportivo. A experiência diversificada entre as modalidades esportivas é importante neste estágio para o desenvolvimento de capacidades motoras básicas. O foco das atividades está no prazer e divertimento que os atletas sentem ao praticar o esporte (COTÈ, 1999).

Por volta dos treze anos inicia-se o estágio da especialização, no qual o atleta sofre maior influência, definindo seu interesse para um ou dois esportes. O interesse por atividades alheias à prática esportiva diminui, mas o divertimento e a brincadeira ainda se sustentam como elementos centrais da vivência esportiva. Inicia-se o treinamento específico, aumento do volume de prática, com o objetivo de desenvolver habilidades esportivas específicas (COTÈ, 1999). A presença dos pais é caracterizada pela ênfase no desempenho do atleta tanto no esporte como na escola, compromisso financeiro e de tempo com o atleta, e aumento no interesse pelo esporte do filho (SALMELA et al., 2007).

No estágio do investimento, o forte compromisso do atleta para alcançar o alto nível e o desempenho em um esporte específico é evidenciado: a carga de treinamento aumenta, assim como a dedicação à carreira atlética. O interesse dos pais no esporte também aumenta e o suporte parental fica evidente como essencial para

que o atleta enfrente as demandas dos treinamentos e da competição (COTÈ, 1999; VIANNA JUNIOR, 2002).

Cotè (1999) aponta ainda para uma quarta fase, chamada de recreacional, que pode ser alcançada através de qualquer fase anterior e é caracterizada pela integração das atividades prazerosas e que busquem a saúde. O atleta que vai para a fase recreacional pode regressar ou ingressar pela primeira vez na etapa de investimento. Um último aspecto abordado pelo modelo é que um indivíduo que inicia uma prática esportiva pode abandoná-la em qualquer momento, principalmente se o divertimento e o aperfeiçoamento de habilidades não forem presentes.

Holt (2002) faz uma consideração sobre o modelo de Cotè (1999), na qual ressalta o destaque dado pelo autor à participação dos pais na carreira do atleta. Nesse sentido, Wylleman e Lavallee (2003), reunindo a literatura sobre o desenvolvimento atlético encontraram diferentes estágios e transições que o atleta enfrenta ao longo de sua carreira esportiva, em diferentes domínios do desenvolvimento.

3.2.1 Perspectiva das transições na carreira atlética

A carreira atlética é descrita através da superação de estágios. Os atletas progredem em suas carreiras quando conseguem lidar com as tarefas e demandas de cada estágio das mesmas. A superação destes estágios e a mudança de uma fase para outra é considerada uma transição, que é definida por Scholssberg (1981, apud Erpic, 2004) como um evento que resulta em mudanças na crença sobre si mesmo e sobre o mundo, a qual requer uma modificação correspondente no comportamento e relacionamento do indivíduo (WYLLEMAN e LAVALLEE, 2003).

Nesta perspectiva, o modelo (Figura 2) propõe que enquanto o atleta se desenvolve no esporte, ele precisa lidar também com transições no campo psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional (WYLLEMAN et al., 2004).

Idade	10	15	20	25	30	35	35+
Domínio Atlético	Iniciação	Desenvolvimento	Maestria			Descontinuidade	
Domínio Psicológico	Infância		Adolescência		Juventude/Fase Adulta		
Domínio Psico-Social	Pais/Irmãos/Amigos		Amigos/Técnico/Pais	Parceiro/Técnico		Família/Técnico	
Domínio Acadêmico/Vocacional	Ensino Fundamental		Ensino Médio	Ensino Superior/Treinamento Vocacional/Prática Profissional			

FIGURA 2. Modelo desenvolvimentista das transições enfrentadas pelos atletas, adaptado de Wylleman e Lavallee (2003).

De acordo com a Figura 2, observa-se que os atletas se desenvolvem concomitantemente em 4 domínios: atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional. O primeiro domínio representa os estágios de transição que os atletas enfrentam em seu desenvolvimento atlético, baseados nas três fases identificadas por Bloom (1985), e uma fase de descontinuidade refletindo a transição para fora do esporte competitivo (WYLLEMAN e LAVALLEE, 2003).

Em seqüência, o segundo domínio reflete as transições e estágios de desenvolvimento que ocorrem no domínio psicológico, incluindo a infância, adolescência e fase adulta. O terceiro domínio é representado pelas mudanças que podem ocorrer no nível psicossocial do desenvolvimento relacionado ao envolvimento no esporte, e, por último, o domínio final reflete as transições no domínio acadêmico/vocacional que ocorrem no campo educacional. Essas transições incluem o ensino fundamental, médio e superior, e neste último estágio estão incluídos também a busca pela orientação vocacional e pela ocupação profissional (WYLLEMAN et al., 2000).

Apesar da indicação das idades em que as transições ocorreram, estas representam apenas uma aproximação do período. A tentativa do modelo é de ilustrar que, ao mesmo tempo em que um atleta evolui da fase de iniciação para a fase de desenvolvimento, também está em transição do ensino fundamental para o ensino médio, ou ainda pode passar a dar mais ênfase para os amigos em vez dos pais ou

irmãos (WYLLEMAN et al., 2004). Desse modo, cada uma dessas transições normativas são importantes e têm influência no desenvolvimento do atleta.

Para analisar o desenvolvimento atlético, destaca-se no modelo de Wylleman e Lavallee (2003) a proposta de Bloom (1985), que divide este domínio em três fases: a iniciação (anos iniciais), o desenvolvimento (anos intermediários) e a maestria (anos finais).

Entretanto, para o estudo com os atletas de futebol de campo, optou-se pelo modelo de desenvolvimento atlético de Cotè (1999), o qual divide o processo também em três fases: experimentação, especialização e investimento. Contudo, a principal diferença entre os modelos teóricos é o período de abrangência de cada estágio: por exemplo, para Bloom (1985) os anos intermediários (desenvolvimento) ocorrem dos catorze aos dezoito anos, enquanto para Cotè (1999), na segunda fase de especialização, a abrangência vai dos treze aos quinze anos, como evidencia o Quadro 1.

BLOOM (1985)	Idade	COTÈ (1999)	Idade
Anos Iniciais	6 – 13 anos	Experimentação	6 – 12/13 anos
Anos Intermediários	14 – 18 anos	Especialização	13 – 15 anos
Anos Finais	19 anos ou mais	Investimento	15 anos ou mais

QUADRO 1. Fases de desenvolvimento atlético de Bloom (1985) e Cotè (1999)

Essa escolha pelo modelo de Cotè (1999) ocorreu por se entender que este modelo se adapta melhor à realidade das transições atléticas na atualidade, as quais acontecem mais cedo e com maior comprometimento, além de diversos estudos atuais optarem pelo modelo de Cotè (1999) como suporte teórico para as transições atléticas em diferentes contextos esportivos (MORAES et al., 2004; BARREIROS, 2005; SALMELA et al., 2000).

No domínio psicológico as transições incluem a infância, adolescência e fase adulta. Wylleman e Lavallee (2003) propuseram a análise dos estágios no domínio psicológico através de diferentes suportes conceituais, como os estágios de

desenvolvimento de Erikson (1968), estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget (1971) e as tarefas de desenvolvimento ao longo da vida de Havighurt (1973).

Para o estudo, optou-se pelo suporte teórico de Erikson (1968), o qual aborda o desenvolvimento a partir de estágios que são superados ao longo do ciclo de vida. A escolha por este suporte teórico foi devido ao enfoque dado pelo autor na formação da identidade do sujeito, culminando com o final da adolescência e início da fase adulta (ERIKSON, 1998). A teoria psicossocial será mais bem revisada no capítulo sobre identidade.

O domínio psicossocial refere-se às mudanças que ocorrem no contexto dos relacionamentos interpessoais em relação ao envolvimento atlético, situando quais são as pessoas que os atletas percebem como mais significativas durante os estágios particulares. Essas transições incluem as díades do atleta/técnico e atleta/pais (LORIMER e JOWETT, 2009), a relação dentro da família do atleta, a relação com pares, relacionamentos amorosos e outros relacionamentos significativos para os atletas (WYLLEMAN et al., 2007).

Estudos apontam para a importância dos relacionamentos interpessoais para o desenvolvimento da carreira dos atletas. Entre eles, Gould et al. (2008) ressalta o papel dos pais no sucesso de atletas de tênis; Moraes et al. (2004) destaca que os pais diminuem o envolvimento com a carreira dos filhos à medida que a mesma se desenvolve, mas que ainda assim têm papel fundamental de suporte aos atletas de futebol de campo; Ullrich-French e Smith (2006) encontraram que menor estresse e maior motivação autodeterminada foram preditos por maior aceitação dos companheiros de equipe e qualidade de relacionamento entre pai/atleta, afirmando também (op.cit, 2009) que a combinação entre a qualidade da relação atleta/mãe e relacionamento com companheiros de equipe predizem a continuidade da prática no futebol de campo.

Em outra perspectiva, o relacionamento interpessoal também foi determinante para a permanência do atleta no contexto esportivo (FRASER-THOMAS et al., 2008) e para o sucesso da transição entre esporte amador e esporte profissional (PUMMEL et al., 2008).

O domínio acadêmico é composto pelas etapas da carreira educacional, a qual, na maioria dos países, vai até as idades de dezesseis/dezessete anos. Esse período é marcado por intensas mudanças na carreira atlética e educacional (DE KNOP et al., 1999). Geralmente, nos países europeus a educação é dividida em educação primária, secundária e superior.

No Brasil, o sistema educacional é dividido em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica se subdivide em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O modelo inicia na idade que corresponde ao Ensino Fundamental, aos seis anos de idade, e tem duração de nove anos, tendo por objetivo a formação básica do cidadão. O Ensino Médio está voltado principalmente para jovens que terminaram o Ensino Fundamental (aproximadamente quinze a dezoito anos), tendo como principal foco a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando (BRASIL, 1996).

Nesse sentido, a formação da identidade ocorre a partir das influências das características do indivíduo e do ambiente, levando em consideração os fatores intrapessoais (atributos pessoais), interpessoais (relacionamentos interpessoais) e culturais (parâmetros do contexto). Assim, a relação que o indivíduo estabelece com o contexto esportivo pode influenciar no seu status de identidade, determinando o tipo de comprometimento que o sujeito estabelece com a atividade e o grau de exploração do indivíduo para definir o comprometimento.

3.3 IDENTIDADE

A adolescência é uma idade de crescimento considerada determinante para o desenvolvimento do ser humano, na qual o indivíduo enfrenta momentos de conflito intrapsíquicos e intrafamiliares necessários para a passagem à maturidade social (D'ANDREA, 1982).

Essa fase é considerada fundamental para a existência humana, é um tempo de passagem violento, na qual acontece uma espécie de renascimento do ser humano. Uma revolução interior ocorre, na qual se questionam as motivações, desejos, vocações, e cuja finalidade essencial é o acesso à autonomia (HALL, 2000).

Neste período, a principal tarefa do adolescente, na nossa cultura, é integrar-se ao mundo dos adultos. Para tanto, é preciso enfrentar a vida ocupacional, emancipar-se da família e estabelecer relacionamentos interpessoais satisfatórios no ambiente, integrando sua personalidade e cristalizando sua identidade pessoal (ERIKSON, 1968).

A identidade apresenta-se como um processo dinâmico de desenvolvimento que se estende ao longo de todo o ciclo de vida, contudo, é mais evidente no período da adolescência, na qual as transformações são mais relevantes e intensas (ERIKSON, 1998).

Para Erikson (1980), na visão psicossocial, a adolescência é o período fundamental para a consolidação da identidade. Entretanto, diversas são as perspectivas e definições do conceito identidade. Para Perroti (1986, apud RAMALHO, 2003), o conceito de identidade refere-se à percepção que cada sujeito tem de si próprio, de sua própria existência enquanto pessoa que se relaciona com outros indivíduos. Nesse sentido a identidade não é um fenômeno individual, mas comporta aspectos que relevam o sujeito na relação com o outro.

Ramalho (2003) ressalta, de forma semelhante, que a identidade se constrói tendo como base um conjunto de identificações que se estabelecem na relação com os pares. Ainda enfatizando a importância da relação social na identidade, D'Andrea (1982) coloca a importância da capacidade do indivíduo de colocar-se em oposição e de conseguir reconhecimento desta oposição pelos outros.

Matos (1996) diferencia o conceito de identidade, ao afirmar que a mesma é uma construção pessoal que se organiza a partir da relação com o outro, de forma aberta, susceptível a mudanças ao longo do ciclo da vida, com possibilidade de múltiplas evoluções.

Em uma perspectiva mais abrangente, Ramalho (2003) cita o conceito de identidade que resulta da interação de três esferas. A primeira diz respeito à integração espacial, que corresponde à relação entre as diferentes partes do *self*; a segunda refere-se ao vínculo de integração temporal, que corresponde às relações existentes entre as diferentes representações do *self* ao longo do tempo, construindo um

sentimento de continuidade; e a terceira remete à integração social, que corresponde às relações entre os aspectos do *self* e aspectos dos objetivos que se estabelecem por intermédio dos mecanismos de identificação.

No Brasil, o estudo da identidade pode ser representado pelos estudos de Ciampa (1986), dentro da Psicologia Social, que apresenta a identidade em seus escritos como uma questão de metamorfose, uma transformação permanente. Para o autor, a identidade é uma unidade entre a atividade, a consciência e a identidade, assim, para a identidade ser metamorfose deve-se levar em consideração a atividade do indivíduo, como um ser que faz, e não uma atribuição estática, definindo o indivíduo a partir daquilo que fez; o movimento do indivíduo (sua atividade) define um objetivo, uma finalidade na relação com o contexto social. Entretanto, tal finalidade só se mantém em função do desejo, da subjetividade, de um movimento para aprender.

Por outro lado, a identidade também é algo que diferencia e ao mesmo tempo define o indivíduo, sendo o reconhecimento de que o indivíduo é o próprio de quem se trata, de quem se fala e não de outra pessoa. Contudo, também unifica, a identidade situa o sujeito dentro de um contexto de um grupo social (CIAMPA, 1986).

Na perspectiva psicanalítica, Erikson (1968) ressalta que a relação com o outro constitui o ponto central de todo o desenvolvimento psicológico, assim, a formação e o desenvolvimento da identidade dependem do modo como se organizam as primeiras relações familiares. Deste modo, o mesmo autor (1963) propôs o enfoque da identidade a partir do desenvolvimento psicossocial, ressaltando a importância das relações sociais no processo de conquista da identidade.

3.3.1 Status de identidade

A partir da teoria psicossocial, Marcia (1966) apresentou um paradigma para definir o constructo da identidade: os status de identidade. Os status são formas de enfrentamento individual da tarefa de construção da identidade, baseados na presença ou ausência de exploração de alternativas e opções de valores, culturas e crenças, e o comprometimento com uma dessas alternativas, os quais foram utilizados no estudo.

A exploração é definida como um período no qual predomina o questionamento e a experimentação de papéis alternativos. É um processo que está no cerne do período de transição da infância para a vida adulta, período de grande atividade na qual o sujeito procura obter informações para a tomada de decisão e estabelecimento de objetivos (RAMALHO, 2003). Na reformulação da identidade a pessoa depende da exploração, constituindo esta uma espécie de motor do desenvolvimento da identidade (HALL, 2000). Berzonsky (1994) coloca ainda que a exploração refere-se ao nível de esforço utilizado pelo indivíduo na tentativa de escolher com o que se comprometer.

O comprometimento se refere à escolha e investimento em um número de convicções, valores e objetivos firmes e estáveis (BERZONSKY, 2004). Decisões firmes e duradouras em relação às várias alternativas de identidade do eu e ações dirigidas para a execução da mesma são aspectos do comprometimento. A capacidade de estabelecer comprometimentos permite ao sujeito se projetar no futuro, funcionando como guias de ação e conferindo um sentido de estabilidade, confiança nas escolhas e de otimismo perante o futuro (CROCKETT et al., 2008).

Partindo dos domínios da exploração e do comprometimento, Marcia (1966) propôs quatro status de identidade: difusão da identidade, execução, moratória e conquista da identidade.

O status de difusão da identidade é caracterizado pela falta de comprometimento, assim como de qualquer tipo de exploração ou crise, ou ainda se a experiência da crise não foi feita de forma satisfatória a ponto de resultar em um comprometimento (RAMALHO, 2003). Indivíduos neste status apresentam pensamento confuso e pouco organizado, com desinteresse pela maioria das questões e situações que experimentam. O foco está em componentes sociais como popularidade ou preocupação com a impressão que causam em outras pessoas (BERZONSKY, 2008). Observa-se a aceitação passiva de regras sociais e falta de motivação; eles se sentem rejeitados pela família e agem em função de pressões externas (SOENENS et al., 2005), apresentando ainda foco de estratégias de coping associadas a emoções e dificuldade na tomada de decisão (BERZONSKY e FERRARI, 1996).

No status de execução, novamente, não há referência a períodos de exploração anteriores ou atuais. Contudo, percebe-se a existência de comprometimentos que ocorrem devido à influência de pessoas significativas (HALL, 2000). A preocupação principal está em preservar a auto-imagem e opinião existente (BERZONSKY, 1994), com auto-definição voltada para o senso coletivo e a tendência a se fechar para informações que possam afetar os aspectos centrais de seu ego, como valores e crenças (BERZONSKY e NEIEMEYER, 1994). Ramalho (2003) aponta ainda que há o interesse em agradar os adultos, principalmente figuras autoritárias, sem escolhas autônomas, independentes da vontade dos pares significativos.

Já o status de moratória é marcado pela presença da crise, ou exploração, vivenciada de forma extrema. Situações de tensão e desconforto são evidentes na medida em que o sujeito se vê forçado a tomar decisões que se tornam dolorosas por não se submeterem às vontades dos outros (BERZONSKY e KUK, 2000). Alternativas e experiências são procuradas, a partir das quais o indivíduo possa se confrontar consigo mesmo. São sujeitos emocionalmente instáveis, sensíveis e ansiosos, mantendo relações de ambigüidade com a família (BEYERS e GOOSSENS, 2008). Não há referência à adoção de compromissos nesta fase, entretanto, a exploração funciona como uma preparação para a realização de comprometimentos firmes e duradouros baseados em escolhas pessoais e autônomas. Constitui um período de descoberta em que o sujeito se questiona sobre si próprio e sobre o seu local na sociedade (BERZONSKY e ADAMS, 1999).

A conquista da identidade ocorre após um período de exploração e crise resolvido de forma satisfatória, que confere ao indivíduo uma possibilidade de realizar comprometimentos duradouros, consolidando uma identidade coesa e estável (BERZONSKY, 2008). Cria-se no indivíduo um senso de capacidade de manter uma constância perante a sucessão de mudanças com as quais vai ser confrontado. Indivíduos em conquista de identidade lidam com conflitos de identidade e tomadas de decisão buscando ativamente informações que permitam avaliar a melhor estratégia (BERZONSKY e KUK, 2005). Este status está associado com auto-exploração, definição pessoal focada no indivíduo (BERZONSKY, 1994) e coping focado no problema (CROCETTI et al., 2008).

Os status propostos por Marcia (1966) são manifestos por meio de avanços e recuos em termos de desenvolvimento da identidade. Com o passar do tempo, novas situações de ameaça ou desafiadoras e transições fazem com que reapareça a necessidade de exploração. Um sujeito em difusão da identidade pode passar para o status de execução ao assumir um compromisso sem exploração, ou pode passar para o status de moratória ao engajar em um processo de exploração. Por outro lado, um indivíduo em conquista de identidade pode regressar a um status de moratória ao retomar um processo exploratório ou voltar para a difusão ao negar a exploração e o comprometimento (RAMALHO, 2003).

No entanto, Berzonsky e Adams (1999) ressaltam que indivíduos em conquista da identidade alcançaram um estágio maduro da formação da identidade e estão mais propensos a adentrar em um ciclo de exploração e comprometimento frente a novas situações, representando alternância entre os status de Moratória e Conquista (Aquisição), representada pela sigla MAMA (STEPHENS et al., 1992), a qual remete à busca por exploração (status de moratória) resultando em comprometimento (Aquisição/Conquista da Identidade).

4 MÉTODOS

4.1 MODELO DA PESQUISA

A pesquisa foi estruturada a partir do paradigma bioecológico de Bronfenbrenner (1995). O autor propõe um modelo focado em quatro componentes: pessoa-processo-contexto-tempo (PPTC). A escolha desse modelo deve-se ao fato de que ele permite analisar as variações no processo (desenvolvimento da carreira esportiva) e produto (status de identidade) do desenvolvimento, através da interação entre as características do ambiente e da pessoa, ao longo de determinado período histórico e vital (VIEIRA, 1999).

O modelo bioecológico sustenta-se a partir de quatro domínios: a) as características pessoais do sujeito (atleta) presente nesse contexto; b) o processo através do qual o desenvolvimento (status de identidade) emerge; c) o contexto (esporte) no qual o desenvolvimento ocorre; e d) a dimensão temporal (transições da carreira esportiva) ao longo da qual o desenvolvimento acontece. Nesta perspectiva, objetivou-se analisar a influência do contexto (transições da carreira esportiva) no status de identidade a partir da investigação da trajetória de desenvolvimento da carreira dos atletas de futebol de campo, interpretando o contexto da modalidade do futebol de campo em diferentes momentos da carreira esportiva (Figura 3).

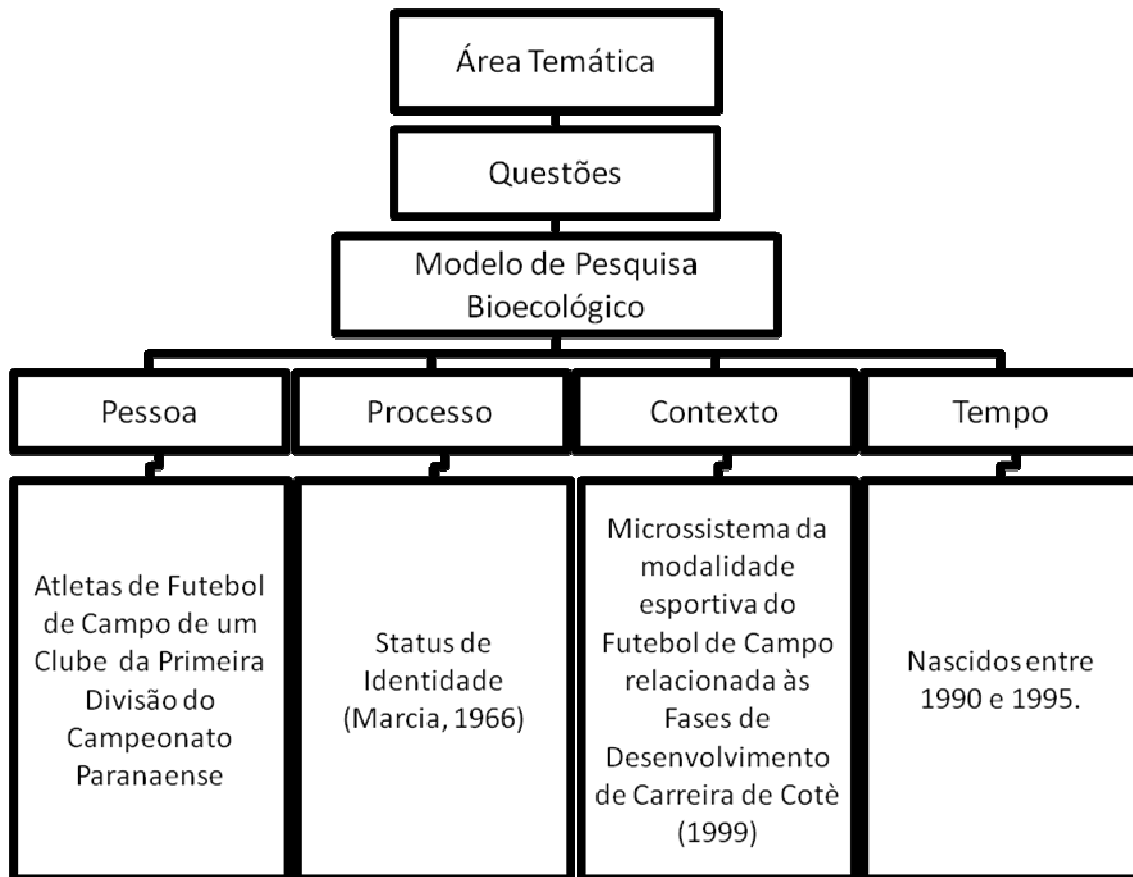


FIGURA 3. Fluxograma do modelo de pesquisa do estudo.

A escolha de cada elemento caracterizado no modelo da pesquisa foi feita a partir dos seguintes critérios:

Pessoa – Foram qualificados atletas do sexo masculino da modalidade de futebol de campo que jogam no estado do Paraná, vinculados a um clube da Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, das divisões de base (± 13 anos), juvenil (± 15 anos) e profissionalizados (± 18 anos).

Processo – O processo explorado foi o do status de identidade ao longo do desenvolvimento da carreira esportiva dos jogadores de futebol de campo. Para o estudo dos status de identidade foi empregado o modelo de Marcia (1966), baseado na teoria de Erikson (1968), divididos em quatro *status*: difusão, exploração, moratória e construção. Para análise dos status de identidade foram utilizados os dados dos atletas profissionalizados (± 18 anos) por estarem na transição para a fase adulta jovem (ERIKSON, 1998) e com a identidade em um estágio mais maduro que os demais.

Contexto – O contexto se caracterizou de acordo com as fases de desenvolvimento da carreira esportiva de Cotè (1999), sendo elas: experimentação, especialização e investimento. Para cada momento do desenvolvimento esportivo foi estudado o microsistema (atividades, relações interpessoais e papéis) dos atletas de futebol de campo.

Tempo – Neste elemento foram incluídos os atletas nascidos no período de mil novecentos e noventa até mil novecentos e noventa e cinco, procurando atender às demandas de todas as subdivisões do desenvolvimento atlético sugeridas por Cotè (1999). Dessa forma foram compreendidos atletas da fase de Experimentação para a Especialização, nascidos em 1995, com aproximadamente 12/13 anos; atletas da fase de especialização para investimento, nascidos em 1993, com aproximadamente 14/15 anos; e atletas na fase de investimento, nascidos em 1990, com aproximadamente 17/18 anos.

4.2 SUJEITOS DO ESTUDO

4.2.1 População

No estado do Paraná no ano de 2007 dois clubes disputavam a Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, contudo para a realização da pesquisa somente um clube autorizou a realização do estudo. O clube tem escolas de futebol distribuídas pelo estado (25 escolas) e a sede principal é localizada na capital. Em um levantamento inicial o clube apresentou aproximadamente 1200 atletas em fase de formação atlética (Figura 4, p. 37).

4.2.2 Amostra

Para a escolha da amostra foram selecionados pelo critério demográfico 120 atletas da região Noroeste, Norte Central do estado e da capital, os quais foram estratificados de acordo com as fases do desenvolvimento atlético de Cotè (1999), divididos nas categorias: infantil (experimentação), juvenil (especialização) e juniores (investimento) (13 a 18 anos) (Figura 4, p. 37).

4.2.1.1 Estratos da amostra

Participaram da pesquisa as quatro escolas situadas na região Noroeste e Norte Central do estado do Paraná (80 atletas) e os membros da equipe juniores (profissionais) situada na sede do clube (40 atletas) (Figura 4). Os sujeitos foram divididos em estratos de acordo com as fases de desenvolvimento atlético de Cotè (1999).

Estrato 1 – Atletas em transição da fase de experimentação para especialização no esporte (± 13 anos) (N=40)

Estrato 2 – Atletas em transição da fase de especialização à fase de investimento (± 15 anos) (N=40).

Estrato 3 – Atletas na fase de investimento (± 17 anos) (N=40).

Depois de selecionados os atletas de cada estrato, realizou-se uma escolha aleatória de 10 indivíduos por estratos para a aplicação das entrevistas, num total de 30 sujeitos. Antes da coleta de dados foi feito um contato inicial com as escolas de formação, bem como com os atletas para solicitação da autorização para a realização da pesquisa. Para os sujeitos menores de 18 anos o contato foi feito com os pais ou responsáveis para obtenção do consentimento para participação no estudo. Os demais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

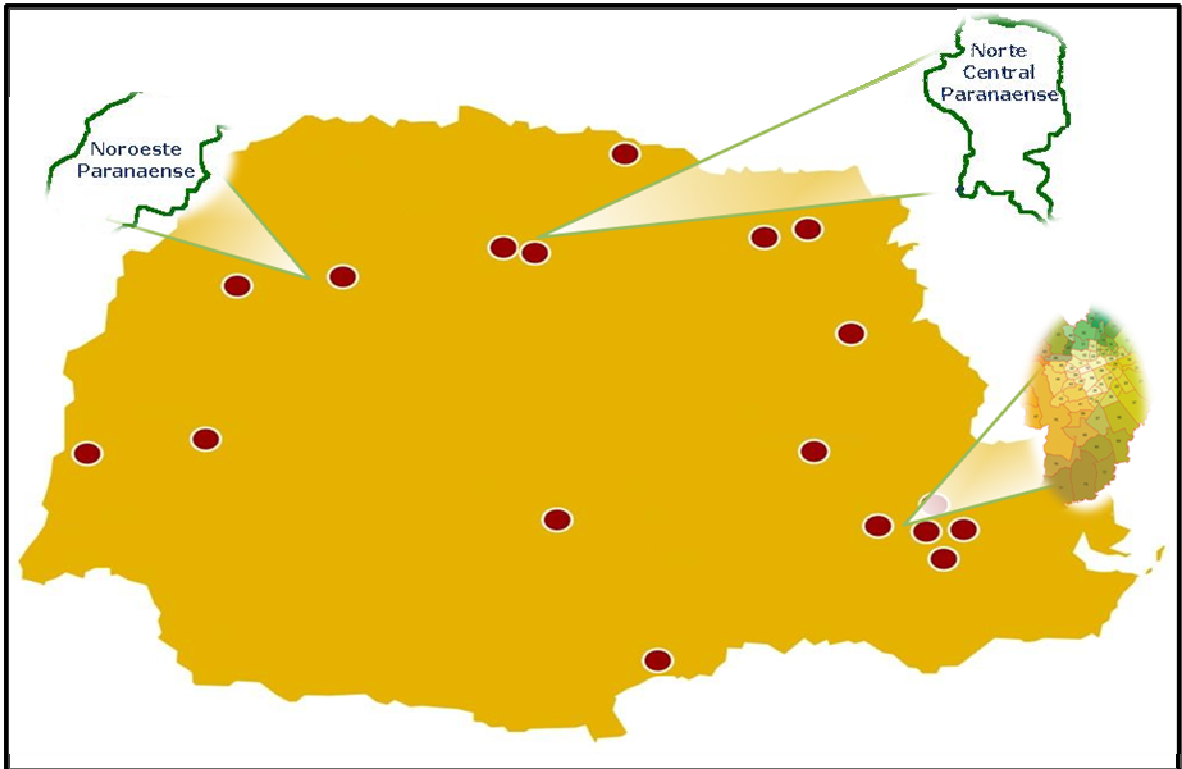


FIGURA 4. Distribuição das escolas de futebol de campo de um clube da Primeira Divisão do Campeonato Brasileiro, no estado do Paraná.

A opção por escolas de diferentes cidades se deu devido à estrutura de formação de atletas de futebol de campo do clube pesquisado. Inicialmente os atletas buscavam as escolas de formação situadas em diferentes cidades do Brasil. Nesta escola de formação os atletas iniciam (por volta dos 6 anos) e treinam apenas 2 vezes por semana. De acordo com o desempenho e avaliação dos profissionais das escolas de formação, os atletas são enviados para um clube situado na cidade de Londrina/PR na qual os atletas passam a treinar todos os dias e moram no próprio clube (por volta dos 12/13 anos). Por fim, com o desenvolvimento atlético e avaliação dos treinadores, os atletas são enviados para o centro de treinamento (na cidade de Curitiba/PR) na qual são contratados e profissionalizados como jogadores juniores do clube e passam a treinar com maior cobrança e participar de competições nacionais e internacionais.

4.3 INSTRUMENTOS

4.3.1 Testes Psicométricos

Motivação esportiva. Para avaliar a motivação esportiva utilizou-se a Escala de Motivação para o Esporte (SMS – *Sport Motivation Scale*) (BRIÈRE, VALLERAND, BLAIS, & PELLETIER, 1995) validada para a língua portuguesa por Serpa, Alves e Barreiros (2004a). A escala consiste em 28 questões, divididas em 7 subescalas avaliadas em uma escala *Likert* de 7 pontos. A Escala de Motivação para o Esporte avalia a motivação de acordo com a teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (2000), dividindo-se a escala em amotivação, motivação extrínseca de regulação externa, motivação extrínseca de introjeção, motivação extrínseca de identificação, motivação intrínseca para atingir objetivos, motivação intrínseca para experiências estimulantes e motivação intrínseca para conhecer (ANEXO A).

Athletic Coping Skills Inventory-28p. As estratégias de confronto ou competências de adaptação psicológica à situação esportiva foram avaliadas a partir do ACSI-28p. Desenvolvido por Smith et al. (1995) e validado para o português por Palmeira e Serpa (1997), é composto por 28 itens que avaliam as seguintes competências psicológicas: a) rendimento máximo sob pressão; b) ausência de preocupações; c) confronto com a adversidade; d) concentração; e) formulação de objetivos; f) confiança e motivação para a realização; e g) treinabilidade ou disponibilidade para a aprendizagem a partir do treino. O teste é respondido em uma escala *Likert* de 4 pontos (0 = quase nunca; a 3 = quase sempre). A partir da soma de todos os itens e da sua divisão pelo número de sub-escalas é ainda possível determinar um valor global, denominado como Índice de Confronto no Esporte, o qual varia de 0 (baixa capacidade de confronto perante a situação de competição) a 12 (elevada capacidade de confronto perante a situação de competição) (ANEXO B).

Estilos Parentais – Egna Minnen Beträffande Uppfostran – EMBU (PERRIS, JACOBSON, LINDSTORM, VON KNORRING & PERRIS, 1980) – validação para a língua portuguesa por Serpa, Alves & Barreiros (2004b). Instrumento de origem sueca que visa avaliar o suporte parental, composto de 21 itens em uma escala *Likert* de 4 pontos, quer para os comportamentos do pai, quer para os comportamentos da mãe, variando de “nunca” a “sempre”. Os resultados são

avaliados a partir de três sub-escalas: a) suporte emocional; b) rejeição; e c) superproteção. O instrumento permite ainda responder a algumas questões relacionadas com a diferenciação dos comportamentos dos dois progenitores, além de tomar em consideração o estatuto matrimonial dos mesmos (casados ou divorciados) ou o fato de já não estarem vivos. (ANEXO C).

4.3.2 Entrevista Semi-Estruturada

A entrevista foi elaborada de acordo com os elementos do modelo proposto para o estudo, o paradigma bioecológico pessoa-processo-contexto-tempo. O paradigma proposto por Bronfenbrenner apresenta a avaliação do ser humano a partir das *propriedades da pessoa* e dos *parâmetros do contexto*, sendo que o *processo* representa a interação entre as características da pessoa com o seu ambiente e o *tempo* aponta as experiências isoladas ou em seqüência no curso de vida dos atletas (APÊNDICE A e B).

Na dimensão *propriedades da pessoa* foram avaliados os processos que promovem o desenvolvimento da pessoa (BRONFENBRENNER & CECI, 1994): a interação da pessoa com outras pessoas e a atividade na qual a mesma se engaja. Partindo desse pressuposto sugerem-se quatro atributos pessoais: a) *características pessoais*: que podem encorajar ou inibir os processos de desenvolvimento no esporte; b) *interesse da pessoa*: padrão de atividades que a pessoa explora no ambiente social e físico em detrimento de outros; c) *grau de busca de atividades mais complexas*: curiosidade intelectual, disponibilidade para a prática, capacidade de manipular, selecionar, elaborar e reconstruir; d) *organização das experiências*: como a criança elabora seus planos e caminhos que cria para o desenvolvimento futuro (Figura 5).

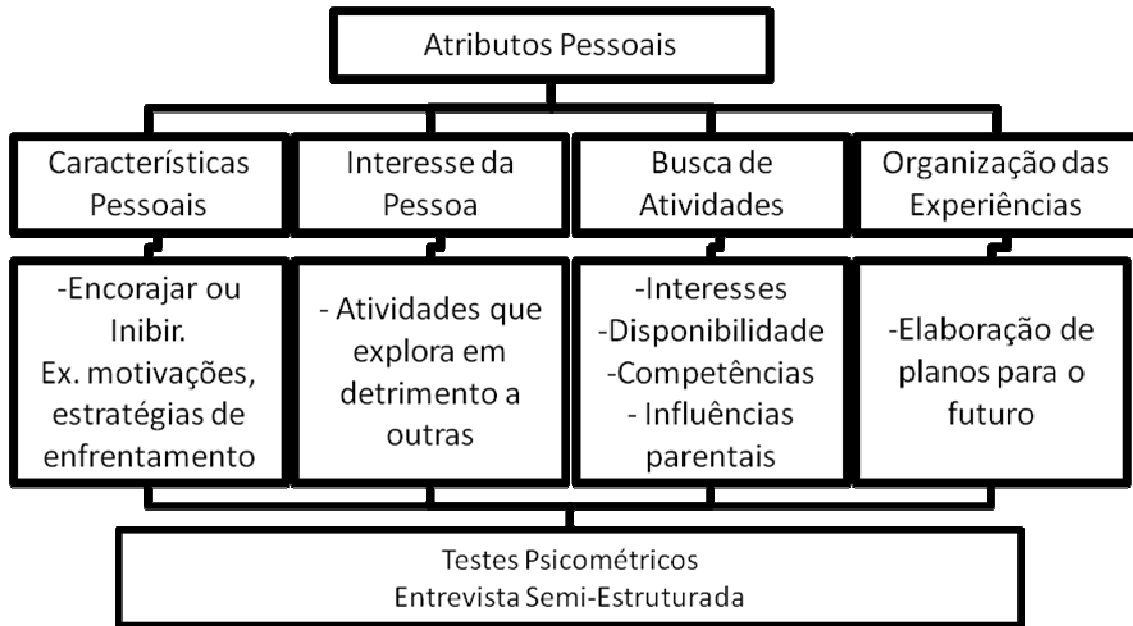


Figura 5. Fluxograma proposto para a coleta de dados dos atributos pessoais dos atletas de futebol de campo.

Na dimensão dos parâmetros do contexto, considera-se o estudo do ambiente em uma tentativa de conceitualizar as características relevantes para o desenvolvimento da pessoa. O ambiente, portanto, é analisado como um conjunto de estruturas circundadas em níveis sucessivos. Essas estruturas partem do ambiente mais próximo da pessoa (microssistema) até o mais abrangente (macrossistema) (Figura 6). Entretanto, para o estudo somente foi aprofundado o microssistema, apesar dos demais também influenciarem o ambiente e aparecerem de forma interveniente.

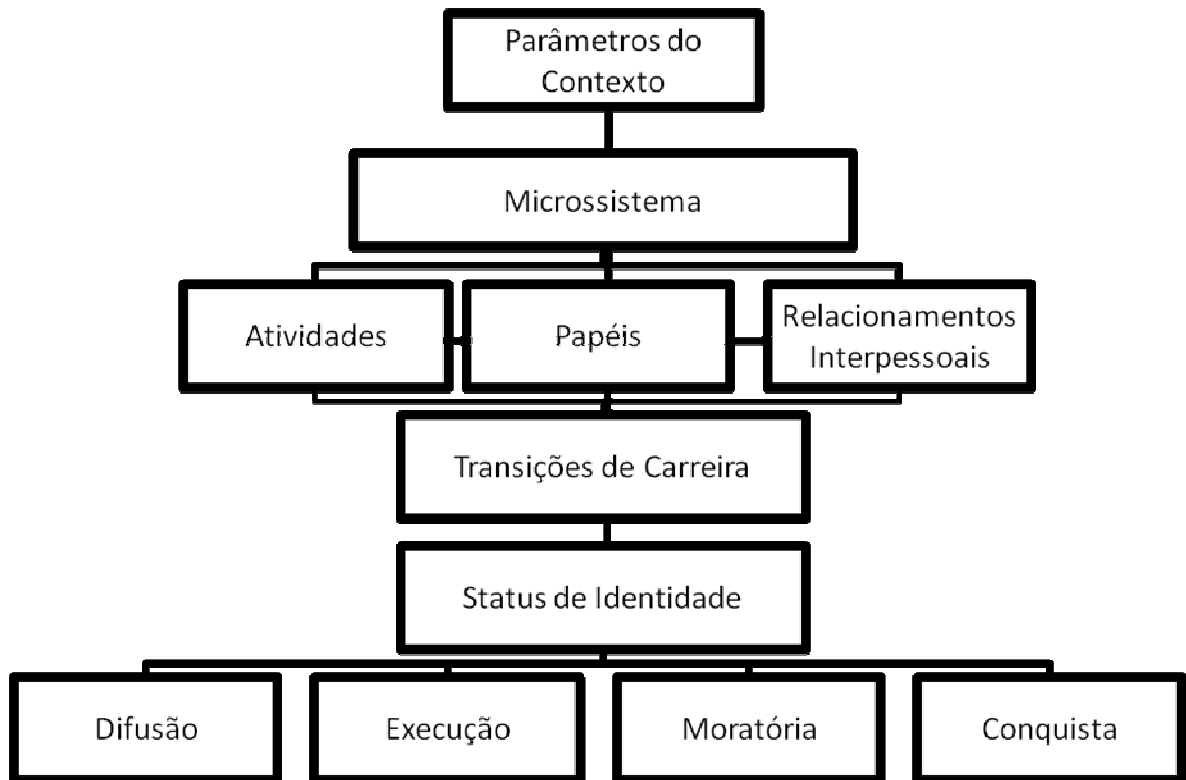


FIGURA 6. Fluxograma proposto para a coleta de dados do contexto dos atletas de futebol de campo.

De acordo com os objetivos propostos para esta pesquisa limitamos o estudo às influências do microsistema no status de identidade dos atletas de futebol de campo, avaliando as características do contexto que podem influenciar na exploração das diferentes atividades e no comprometimento do sujeito com as mesmas.

Para orientar a caracterização das transições enfrentadas pelos atletas, foi utilizado o modelo desenvolvimentista das transições (WYLLEMAN E LAVALLEE, 2003). Esse modelo aponta que o atleta, concomitante ao desenvolvimento de sua carreira atlética, desenvolve-se também em nível psicológico, psicossocial e acadêmico/profissional. Entende-se que ao mesmo tempo em que os atletas lutam para alcançar o nível de maestria atlética, também enfrentam mudanças em outros níveis de sua vida, e essas transições se inter-relacionam, influenciando uma às outras (Figura 2, p. 24).

O suporte teórico para as transições no domínio atlético adotado no modelo de Wylleman e Lavallee (2003) foi o de Bloom (1985), porém, por se adequar melhor à

realidade atual do esporte foi utilizado o modelo de Cotè (1999), o qual divide as etapas (iniciação e desenvolvimento) em três fases: experimentação (6-13 anos), especialização (13-15 anos) e investimento (16 ou mais).

4.4 COLETA DE DADOS

Para fins de coleta de dados o projeto inicialmente passou pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá, sendo aprovado com o parecer n° 055/2008 (APÊNDICE F).

Testes Psicométricos. Os testes foram aplicados em dias e horários disponibilizados pelos jogadores e pelas equipes. Os materiais necessários foram as folhas de respostas dos testes psicológicos e canetas para preenchimento dos questionários.

Entrevista Semi-Estruturada. A entrevista foi realizada pelo pesquisador, individualmente, em um local privativo. Foi solicitada a permissão para a gravação da entrevista para posterior transcrição dos dados na íntegra.

Os depoimentos dos atletas foram colhidos a partir de um roteiro pré-estabelecido para a entrevista. Esse roteiro foi elaborado a partir do paradigma bioecológico humano de Bronfenbrenner (1995), que se baseia nos **atributos pessoais** e **parâmetros do contexto** (microsistema), mediados pelo **processo** (status de identidade) em um determinado **tempo** (desenvolvimento da carreira esportiva).

4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados quantitativos foi testada a normalidade dos mesmos através do teste *Shapiro-Wilk* e adotada a mediana e intervalos interquartílicos como medidas de dispersão e tendência central; a homogeneidade das variâncias através do teste de *Levene*, utilizando ANOVA (nos casos onde a homogeneidade não foi violada) com post hoc *Bonferroni* ou o teste de *Kruskal-Wallis* (caso os dados violem a homogeneidade) com *Mann-Whitney* para diferenças entre pares de grupos. O nível de significância adotado foi $p \leq 0,05$.

Para a avaliação e interpretação dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo do tipo categorial, com método de análise temática seguindo os passos de

pré-análise, exploração do material e tratamentos dos resultados (BARDIN, 2008). As categorias foram previamente definidas através das matrizes de análise, baseadas na teoria suporte da pesquisa.

Para fins de sigilo e identificação dos depoimentos, os atletas foram codificados de acordo com a fase de desenvolvimento que se encontravam. Os atletas da fase de experimentação receberam o código AEX (AEX1, AEX2, AEX3...), os da fase de especialização receberam o código AES (AES1, AES2, AES3...), e para a fase de investimento o código foi AI (AI1, AI2, AI3...).

As análises das entrevistas foram feitas com suporte no modelo desenvolvimentista de Wylleman e Lavallee (2003), considerando os domínios: atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/profissional.

Após a transcrição, a entrevista foi enviada, na íntegra, para os participantes, para a confirmação do conteúdo, favorecendo assim à validade dos dados.

5 RESULTADOS

Considerando as questões referentes à investigação da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo, os resultados serão apresentados em tópicos. O primeiro tópico irá abordar os atributos pessoais dos atletas, nas diferentes fases da carreira esportiva. No segundo tópico serão apresentadas as transições das carreiras esportivas com suas caracterizações. O terceiro tópico apresentará o microssistema dos atletas e no quarto tópico serão feitas as relações entre aos atributos pessoais e os status de identidade dos atletas.

5.1 ATRIBUTOS PESSOAIS DOS ATLETAS EM DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

A Tabela 1 apresenta os estilos motivacionais dos atletas de futebol de campo, divididos por estágios do desenvolvimento da carreira esportiva (experimentação, especialização e investimento) de acordo com Cotè (1999).

TABELA 1. Estilos motivacionais dos atletas de futebol de campo nos diferentes estágios de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo Interquartilico).

ESTILOS MOTIVACIONAIS	EXPERIMENTAÇÃO (12-13 anos)		ESPECIALIZAÇÃO (14-15 anos)		INVESTIMENTO (16 ou mais)		P
	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	
Amotivação	2,25	(1,25-3,25)	1,62	(1,19-2,56)	1,37	(1,00-2,62)	-
ME Introjeção	4,25	(3,00-5,25)	3,65	(2,43-4,81)	4,12	(3,50-5,81)	^c 0,044
ME Regulação Externa	4,25	(2,75-5,25)	3,75	(2,25-4,50)	5,25	(3,56-5,75)	^c 0,001
ME Identificação	4,00	(2,75-5,25)	3,25	(2,25-4,75)	4,75	(3,25-5,50)	^c 0,005
MI Atingir Objetivos	4,25	(3,25-5,25)	4,35	(3,25-5,31)	5,75	(4,94-6,25)	^b 0,000
MI Experiências Estimulantes	5,00	(3,75-5,75)	5,25	(4,19-5,75)	6,12	(5,50-6,50)	^c 0,000
MI Conhecer	5,00	(3,50-5,25)	4,12	(3,19-5,25)	5,75	(5,25-6,50)	^b 0,000
Índice de autodeterminação	16,17	(5,83-26,00)	17,50	(13,29-25,79)	28,66	(20,20-38,50)	^c 0,000
							^c 0,001

ME – Motivação Extrínseca; MI – Motivação Intrínseca.

a – diferença entre grupo experimentação e grupo especialização para $P < 0,05$;

b – diferença entre grupo experimentação e grupo investimento para $P < 0,05$;

c – diferença entre grupo especialização e grupo investimento para $P < 0,05$.

Observa-se na Tabela 1 que o grupo de atletas em fase de experimentação apresentou valores maiores para a *motivação intrínseca para experiências*

estimulantes (5,00) e para *conhecer* (5,00), entretanto esses valores não diferiram das demais variáveis motivacionais ($P < 0,05$), indicando que as crianças com média de idade de 13 anos apresentam dificuldade em discernir os motivos que levam à prática esportiva (se são as contingências externas ou se são fatores internos).

Já para os atletas em fase de especialização a motivação que predominou em relação às demais foi a *motivação intrínseca para experiências estimulantes* (5,25). Percebe-se ainda que houve maior pontuação para fatores intrínsecos do que para extrínsecos, indicando que o interesse pela prática do futebol de campo é algo próprio do indivíduo e não referente a contingências externas.

Com relação aos atletas em investimento, de forma semelhante, o predomínio foi da *motivação intrínseca para experiências estimulantes* (6,12), entretanto, ao analisar as variáveis, observou-se que houve diferença ($P < 0,01$) entre todas as variáveis extrínsecas e as variáveis intrínsecas. Os dados apontam que, conforme o atleta se mantém no contexto do futebol de campo, maior é sua autodeterminação para a prática do mesmo.

Pôde-se observar ainda que o grupo experimentação apresentou valores significativamente menores em relação ao grupo investimento nas variáveis *motivação intrínseca para atingir objetivos* ($P = 0,000$), *experiências estimulantes* ($P = 0,000$) e *conhecimento* ($P = 0,000$), remetendo a menor motivação intrínseca para a prática do futebol de campo por parte dos atletas mais jovens. Os atletas na fase de especialização apresentaram valores significativamente menores do que os atletas em investimento em todas as variáveis de motivação ($P \leq 0,05$), com exceção à *amotivação*. As diferenças entre os estilos motivacionais se confirmam quando da comparação entre os grupos para o *índice de autodeterminação*, a qual evidenciou diferenças significativas entre os grupos experimentação e especialização com o grupo investimento ($P = 0,000$ e $P = 0,001$, respectivamente).

Com relação às estratégias de coping, a Tabela 2 apresenta os valores medianos (intervalos interquartílicos) referentes às estratégias de enfrentamento de estresse adotadas pelos atletas.

TABELA 2. Estratégias de coping dos atletas de futebol de campo dos diferentes estágios de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo InterQuartílico).

ESTRATÉGIAS DE COPING	EXPERIMENTAÇÃO (12-13 anos)		ESPECIALIZAÇÃO (14-15 anos)		INVESTIMENTO (16 ou mais)		P
	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	
Rendimento Maximo sob pressão	2,00	(1,50-2,50)	2,00	(1,50-2,50)	2,50	(2,00-2,75)	^b 0,010 ^c 0,003
Ausência de preocupações	1,50	(0,75-2,25)	1,25	(1,00-1,75)	1,50	(1,19-2,00)	-
Confronto com adversidade	2,00	(1,50-2,25)	2,00	(1,50-2,25)	2,25	(2,00-2,75)	^b 0,024 ^c 0,007
Concentração	1,75	(1,25-2,00)	1,75	(1,50-2,25)	2,00	(1,75-2,25)	^b 0,016
Formulação de objetivos	2,00	(1,50-2,25)	2,00	(1,50-2,31)	2,25	(1,94-2,50)	^c 0,037
Confiança e motivação	2,25	(2,00-2,50)	2,25	(1,94-2,50)	2,50	(2,25-2,75)	^c 0,011
Treinabilidade	2,00	(1,75-2,50)	2,50	(1,75-2,75)	2,25	(1,75-2,50)	^a 0,008
Índice de confronto no esporte	7,43	(6,71-8,29)	7,85	(6,57-8,71)	8,50	(7,82-9,18)	^b 0,001 ^c 0,007

a – diferença entre grupo experimentação e grupo especialização para $P < 0,05$;

b – diferença entre grupo experimentação e grupo investimento para $P < 0,05$;

c – diferença entre grupo especialização e grupo investimento para $P < 0,05$.

A Tabela 2 mostra que no estágio de experimentação esportiva as estratégias de coping mais utilizadas foram a *confiança e motivação* (2,25), entretanto, esse valor diferiu apenas das variáveis *ausência de preocupação e concentração* (1,50 e 1,75, respectivamente). Esses dados indicam que os atletas dessa fase não têm habilidades atléticas de coping bem definidas para lidar com as pressões e contingências do contexto esportivo.

Para a fase de especialização é possível observar que a estratégia que predomina é a *treinabilidade* (2,50), a qual apresentou diferenças estatísticas com todas as outras variáveis ($P < 0,01$). Os dados evidenciam que, em contraste com os atletas do grupo de experimentação, o atleta em especialização enfrenta situações de estresse no contexto do futebol de campo apresentando maior dedicação aos treinos e apontamentos do treinador.

Evidencia-se na Tabela 2 que os atletas da fase de investimento não têm clara uma forma de lidar com situações de adversidades no contexto esportivo, sem predomínio de nenhuma variável. No entanto, a variável *ausência de preocupação* foi a que obteve menor pontuação (1,50) e também foi a que diferiu de todas as

outras variáveis ($P < 0,05$), indicando que os atletas têm preocupações com o seu desempenho e seu resultado na carreira esportiva.

Quando comparados os grupos, pôde-se observar que os atletas em experimentação apresentam menor *treinabilidade* ($P=0,008$) que atletas em especialização e menores valores de *rendimento máximo sobre pressão* ($P=0,01$), *confronto contra adversidades* ($P=0,02$) e *concentração* ($P=0,01$) que atletas em investimento. Por outro lado, os atletas da fase de especialização apresentaram menores valores nas variáveis *rendimento máximo sobre pressão* ($P=0,003$), *confronto com adversidades* ($P=0,007$), *formulação de objetivos* ($P=0,03$) e *confiança e motivação* ($P=0,01$).

Os dados da Tabela 2 indicam que na passagem da fase da experimentação para a fase de especialização os atletas enfrentam as adversidades do esporte se dedicando mais aos treinamentos, e reagem melhor às pressões do ambiente. Com a continuidade no contexto as estratégias de coping aumentam de variedade provendo o atleta de maiores meios para lidar com as demandas do contexto, como corrobora a diferença entre os grupos experimentação e especialização com o grupo investimento para o *índice de confronto no esporte* ($P=0,001$ e $P=0,007$, respectivamente).

A Tabela 3 apresenta os estilos parentais percebidos pelos atletas de diferentes fases da carreira esportiva.

TABELA 3. Estilos parentais percebidos pelos atletas de futebol de campo dos diferentes estágios de desenvolvimento da carreira esportiva (Mediana e Intervalo Interquartilico).

ESTILOS PARENTAIS	EXPERIMENTAÇÃO (12-13 anos)		ESPECIALIZAÇÃO (14-15 anos)		INVESTIMENTO (16 ou mais)		P
	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	Md	Q ₁ -Q ₃	
Rejeição Paterna	1,57	(1,29-2,00)	1,21	(1,00-1,71)	1,21	(1,14-1,43)	^a 0,007 ^b 0,001
Suporte Paterno	3,29	(2,71-3,57)	3,43	(2,96-3,75)	3,57	(3,10-3,86)	^b 0,023 ^c 0,046
Superproteção Paterna	2,57	(2,29-3,00)	2,64	(2,25-2,89)	2,36	(1,96-2,71)	-
Rejeição Materna	1,57	(1,29-2,00)	1,29	(1,10-1,43)	1,29	(1,00-1,32)	^a 0,001 ^b 0,000
Suporte Materno	3,29	(2,71-3,57)	3,57	(3,29-3,86)	3,71	(3,29-3,86)	^b 0,020
Superproteção Materna	2,71	(2,43-3,14)	2,71	(2,39-3,00)	2,29	(2,00-2,71)	^b 0,009 ^c 0,030

a – diferença entre grupo experimentação e grupo especialização para $P < 0,05$;

b – diferença entre grupo experimentação e grupo investimento para $P < 0,05$;

c – diferença entre grupo especialização e grupo investimento para $P < 0,05$.

Percebe-se através da Tabela 3 que para todos os grupos (experimentação, especialização e investimento) o estilo parental predominante foi o de *suporte paterno* (3,29; 3,43 e 3,57, respectivamente) e *materno* (3,29; 3,57 e 3,71, respectivamente). Nos três grupos os estilos de suporte foram superiores estatisticamente aos estilos superprotetores e de rejeição ($P < 0,05$). Não houve diferença entre as percepções parentais paternas e maternas para todos os grupos ($P < 0,05$).

A Tabela 3 apresenta ainda a diferença entre os estilos parentais de *rejeição paterna* e *materna* entre os atletas em experimentação e especialização ($P = 0,007$ e $P = 0,001$, respectivamente); e experimentação e investimento ($P = 0,001$ e $P = 0,000$, respectivamente). Observaram-se diferenças significativas ainda entre os atletas da fase de experimentação e investimento para os estilos: *suporte paterno* ($P = 0,02$), *suporte materno* ($P = 0,02$) e *superproteção materna* ($P = 0,009$). As diferenças evidenciadas entre os atletas em especialização e investimento foram nos estilos de *suporte paterno* ($P = 0,04$) e *superproteção materna* ($P = 0,03$). Os dados demonstram que ao passar das fases do desenvolvimento da carreira esportiva tem-se o aumento da percepção de figuras parentais de suporte e diminuição de figuras de superproteção materna.

Dessa forma, a Figura 7 apresenta os atributos pessoais predominantes nas diferentes fases do desenvolvimento da carreira esportiva dos atletas de futebol de campo.

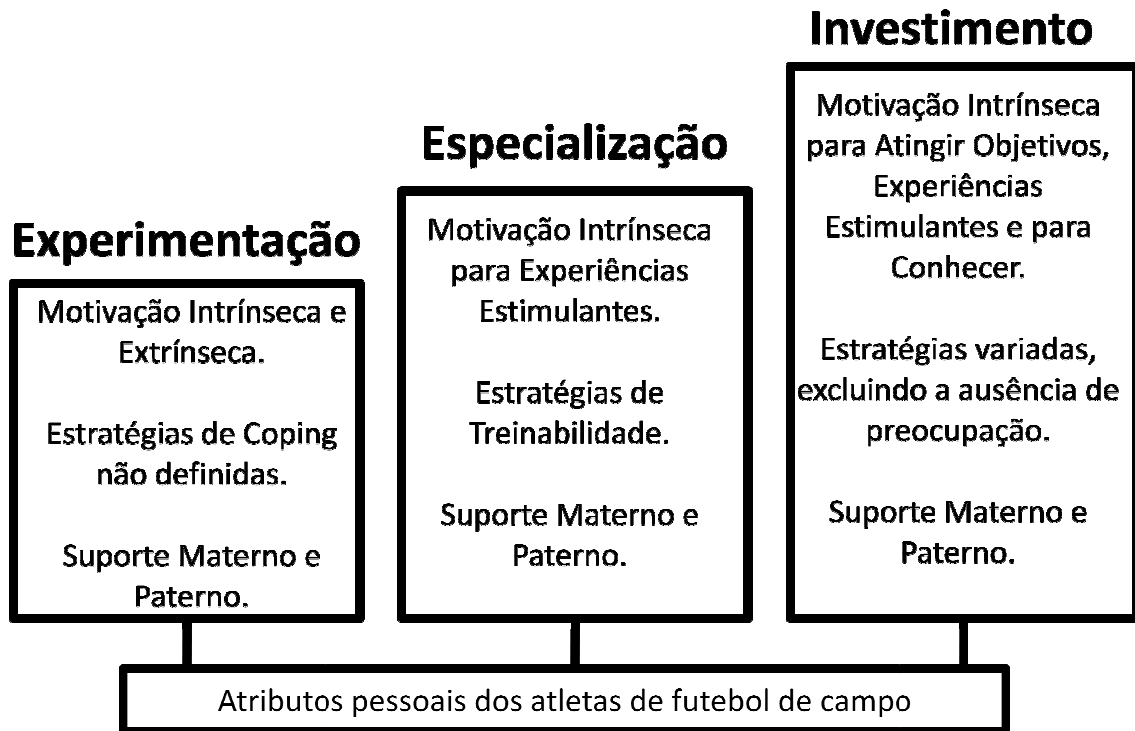


FIGURA 7. Comparação dos atributos pessoais dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva.

Através da Figura 7, pode-se notar que ao longo do desenvolvimento da carreira os atletas são mais autodeterminados (prevalecendo à motivação intrínseca) e recebem suporte parental tanto materno como paterno, favorecendo o manejo das demandas provenientes do futebol de campo com mais facilidade e com mais recursos. Entretanto, observa-se que na fase de especialização a estratégia de coping mais utilizada é a treinabilidade, indicando que os atletas em especialização se dedicam mais aos treinos e à prática esportiva como uma forma de lidar com as adversidades.

Por outro lado, percebe-se que na fase de investimento as estratégias de enfrentamento são mais amplas, porém se aumenta também a preocupação com o desempenho e com a expectativa da carreira esportiva, fato que pode prejudicar o rendimento do atleta e o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o segundo tópico apresenta a caracterização das transições para as diferentes fases da carreira esportiva, identificando os elementos significantes que retratam as influências do contexto esportivo na formação da identidade dos atletas de futebol de campo.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSIÇÕES DOS ATLETAS DE FUTEBOL DE CAMPO EM DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

Para analisar a trajetória de desenvolvimento individual dos atletas foram investigados os elementos significantes da evolução da carreira atlética (experimentação, especialização e investimento), caracterizando as transições simultâneas em quatro domínios: atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/profissional (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2003). A escolha da análise a partir das transições foi feita devido à ênfase dada por Bronfenbrenner (1996) ao estudo da transição para a interpretação de um processo desenvolvimentista.

Neste contexto, a caracterização das transições nos domínios atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/profissional dos atletas em experimentação esportiva são apresentadas no Quadro 2.

Domínios	Características
Atlético	- Preferência pelo futebol; - Mudança proporciona melhora.
Psicológico	- Prática do futebol em tempo livre; - Importância do esporte.
Psicossocial	- Influência de pares sociais na prática do esporte; - Expectativa da família; - Relacionamentos sociais dentro e fora do futebol.
Acadêmico/ Profissional	- Reconhecimento da importância da escola; - Preferência pela carreira atlética.

QUADRO 2. Caracterização dos atletas da fase de experimentação esportiva nos quatro domínios de transição.

Os atletas em experimentação demonstraram uma preferência pelo futebol de campo em detrimento a outros esportes e outras atividades (como os estudos), preferência esta que foi atrelada ao destaque do esporte no Brasil, sua presença na mídia e maior importância deste para parentes e amigos, como exemplificado na fala do atleta:

Já pratiquei handebol, mas apenas na escola, nas aulas de Educação Física na escola. Eu gostava, gosto de todos os esportes, mas me apaixonei pelo futebol. Me apaixonei porque é muito legal, eu gosto, todo mundo fala também. Eu amo jogar futebol. Todo mundo fala que dá futuro essas coisas. Minha mãe, meus amigos, parentes. Todos falam (AEX5).

Outro aspecto relevante no domínio atlético foi a mudança proporcionada pelo início do treinamento, em que os atletas desta fase relataram melhora técnica e maior interesse no treinamento sistematizado diferenciado da prática cotidiana com amigos ou na escola, como nota-se na fala do atleta:

Não, eu comecei, é, eu não sabia... meus colegas começaram a treinar aqui, daí eu vim treinar, daí depois eles explicaram que tinha que ir lá no ginásio de esporte fazer inscrição, daí eu fui. Ah, melhorou bastante, porque aqui tem treinamento específico, melhorou o chute, tudo. (...) Da escolinha pra cá mudou muito. Era mais, não era tão rígido como aqui, aqui é mais forçado (AEX7).

No domínio psicológico os atletas apresentaram grande identificação com a prática do futebol, adotando-a como brincadeira realizada em momentos de lazer, como retratado no depoimento do atleta:

De tarde, quando não tem treino aqui no (clube), a gente vai lá na canchinha jogar. Quando não tem tarefa a tarde, se fica lá o dia inteiro jogando (AEX2).

Essa escolha do futebol como atividade executada em tempo livre ocorre devido à importância do esporte para o Brasil, percebida pelos atletas. Dessa forma, a prática do futebol representaria uma expectativa de desenvolvimento e destaque social, assumindo então caráter de sonho ou objetivo a ser alcançado, conforme destaca o atleta:

Futebol é o melhor esporte do mundo, Por exemplo, o Ronaldinho Gaúcho. Ronaldinho era assim, igual eu, não tinha pai, essas coisas, aí foi jogando, foi jogando e deu no que deu. Agora ele é o melhor do mundo aí (AEX1).

Neste âmbito, a influência de pares sociais na prática do esporte é ressaltada como determinante para a experimentação esportiva. Foi revelado pelos atletas que os principais pares sociais significativos para os mesmos são a família e os amigos.

Meus pais querem que eu seja um jogador de futebol, meus amigos dizem que eu era bom jogando na rua, aí meus pais me colocaram na escolinha do (clube), dizem que assim posso ter um futuro bom (AEX6).

Observou-se ainda a importância da família para os atletas retratada na expectativa de crescer na carreira de atleta para poder auxiliar a família financeiramente, como no relato do atleta a seguir:

Pensar? Em dar um futuro melhor pra minha mãe, meu irmão. Acho que ser jogador de futebol vai me dar um futuro melhor (AEX1).

Contudo, tal influência nem sempre é positiva, à medida que a expectativa dos pais e profissionais do esporte na carreira do atleta pode resultar em cobranças extremas por desempenho por parte dos mesmos, assim como modelos negativos de técnicos e treinadores, como retrata o atleta AEX1 que “parou de treinar porque o T. (técnico) xingava muito.”

Na fase de experimentação, apesar da preferência pela prática do futebol de campo, os atletas evidenciaram um reconhecimento da importância da escola, relatando que gostam tanto de jogar futebol de campo como de ir à escola, e que estudar seria a única maneira de conseguir uma carreira fora do esporte ou após o término da carreira atlética, conforme o depoimento do atleta:

Eu to indo bem, e é muito bom, porque, por exemplo, se eu não conseguir ser um jogador de futebol, me machucar e daí não poder jogar mais, daí tenho que me formar. Daí não vou poder trabalhar mais nisso, terei que trabalhar de outra coisa (AEX8).

Todavia, já nas fases de experimentação observa-se a preferência pela carreira atlética em detrimento da acadêmica/profissional. Alguns atletas relataram ter interesse em continuar a carreira acadêmica, porém apenas após o término da carreira atlética, sendo que outros já não conseguem nem visualizar outra carreira que não seja a de jogador de futebol, dificuldade esta que fica evidente quando o atleta relata:

Ah, se o futebol não der certo, eu vou pra outra carreira, mas eu não penso em nenhuma, porque eu não me vejo fazendo outra coisa (AEX7).

O quadro 3 apresenta a caracterização das transições do desenvolvimento dos atletas de futebol de campo para a fase de especialização.

Domínios	Características
Atlético	<ul style="list-style-type: none"> - Preferência pelo futebol; - Maior comprometimento com o esporte; - Perspectiva de futuro no esporte.
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades com a transição; - Amadurecimento com a mudança; - Importância do esporte.
Psicossocial	<ul style="list-style-type: none"> - Suporte parental; - Expectativa de auxiliar a família; - Dificuldades com os relacionamentos interpessoais.
Acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Perspectiva de futuro no esporte; - Dificuldade de manutenção da vida de atleta e estudante; - Expectativas de terminar os estudos; - Percepção do estudo como uma alternativa.

QUADRO 3. Caracterização dos atletas da fase de especialização esportiva nos quatro domínios de transição.

Observa-se no quadro 3 que, em relação ao domínio atlético, as crianças em fase de especialização apresentam preferência pela prática do futebol de campo em detrimento a outras atividades. Essa escolha se dá devido ao maior destaque do futebol de campo no Brasil em relação a outros esportes como o vôlei ou basquete, e também pelo reforço social conquistado com tal prática, como a fama, sustento financeiro e respeito, segundo enfatiza o atleta:

Eu gosto de tudo, futsal, handebol, gosto de jogar tudo, vôlei. Mas prefiro o futebol, até que desde pequeno eu tenho vontade de ser jogador, também até mesmo do futebol ser mais, aqui no Brasil, ser mais levado a sério essas coisas, também eu vejo jogador dentro de campo, dá vontade de estar lá no lugar dele (AES2).

Nota-se, além disso, que o comprometimento com a prática esportiva também se intensifica, aumentando a frequência de treinamentos (os atletas passam a treinar todos os dias) e as competições; a cobrança por parte do clube e da família também é maior e a carreira esportiva é encarada com maior seriedade, proporcionando o estabelecimento de objetivos e expectativas frente à mesma:

Quando eu jogava lá, você jogava, ah, campeonato, sabe? Aqui já não, aqui é importante, já é de clube grande, tem que ir pra vencer sempre, jogar sério. Lá era mais de brincadeira, quando ia pra um campeonato, ah, é campeonato, legal, tal. Mas aqui não, aqui a coisa é séria. No começo, no primeiro campeonato que eu joguei aqui, tava mais na brincadeira, daí você começa a olhar o jogo e leva mais a sério, aí você começa a pensar que não é assim não. Aí depois você foi pegando experiência dos outros, campeonato e equipe, pra ganhar mesmo, aí você vai aprendendo. No começo você acha que é mais na brincadeira, mas depois foi pegando o jeito (AES4).

Nesse sentido, com a transição para a fase de especialização identificou-se o destaque à perspectiva de futuro dentro do esporte, aumentando o incentivo parental na carreira do filho, sendo este voltado para a carreira atlética.

Com relação ao domínio psicológico os atletas apresentaram dificuldades com a transição para a fase de especialização, estas evidenciadas frente ao distanciamento da família e dos amigos, deixados para trás para a dedicação à carreira esportiva, como afirma o atleta:

Eu espero ser um jogador profissional conhecido, eu não quero jogar por jogar pra jogar num time ruinzinho, eu quero jogar futebol pra ser um cara que é reconhecido, cara famoso, jogar fora, porque jogar toda a infância inteira fora, longe do pai e da mãe, se perder tudo isso então pelo menos tenha um estímulo forte na vida (AES3).

Por outro lado, os sujeitos demonstram um amadurecimento recorrente ao distanciamento da família, resultando em maior autonomia, responsabilidade e mudanças comportamentais, como o enfrentamento de problemas e adversidades que antes eram resolvidos pelos pais, constatado no depoimento do atleta:

Negativo porque perde muita coisa de viver com os pais, passo trinta dias longe do meu pai e cinco ou seis dias junto com ele. Acho que o aspecto negativo é o da família, assim. Acho que o positivo é lição de vida, começa a viver sozinho, se virar sozinho, a mordomia de casa a gente não tem mais. Tipo, arrumar a cama minha mãe sempre arrumava, aqui a gente arruma a nossa, a gente lava roupa, pode pagar, mas cueca a gente que lava (AES8).

Observa-se ainda a percepção do esporte como um elemento cultural importante para o Brasil e também para a vida dos atletas. Este fato favorece o comprometimento com a prática do futebol de campo e auxilia no enfrentamento do distanciamento familiar e da privação de relacionamentos sociais fora do contexto (clube de futebol).

O domínio psicossocial apresentou o suporte parental como principal fator de incentivo para a continuidade no contexto esportivo, principalmente em famílias que já têm membros (pais ou irmãos) atletas. Outro fator de incentivo para a prática do futebol de campo advinha de professores de educação física que estimularam a iniciação e serviram de exemplo para os atletas em especialização, como vemos a seguir:

Assim, sempre que eu to casa quando eu to nas férias, eles falam assim, lute, não desiste, vai atrás dos seus sonhos que é jogar bola. Sempre me incentivam, ficam falando pra eu não desistir (AES1).

Outro elemento do domínio psicossocial evidenciado foi a expectativa de crescimento no esporte buscando o retorno financeiro como forma de auxiliar a família e, deste modo, provendo o sustento financeiro da mesma. Por outro lado, o relacionamento interpessoal foi percebido como passando por dificuldades, já que muitos atletas relataram ter que enfrentar a inveja e falsidade de colegas de equipe e ter dificuldade em estabelecer vínculos com colegas de escola, limitando-se a amizades no contexto esportivo, como o destacado no relato do atleta:

Têm outros moleques assim que podem ficar no meu lugar em outro time, até na seleção, pelo fato dele falar que tem aquela idade e não ter. Tipo, ele ser mais velho que eu, mas ele fala que é da minha idade. Daí ele pode tomar o meu lugar em algum outro lugar. Porque ele vai ter a vantagem de ser mais velho, ele pode jogar melhor só que realmente ele não tem aquela idade, isso daí é gato. Daí eu não gosto muito disso (AES9).

Do ponto de vista acadêmico/vocacional, os atletas em especialização apresentam dificuldades em manter a vida de estudante e atleta simultaneamente, reclamando que o cansaço físico após os treinos e as viagens para competições prejudicam o desempenho escolar, conforme a opinião do atleta:

É difícil, tem muita coisa pra fazer. É tarefa, é treinar. Tarefa de escola eu tenho que fazer a noite, depois que acaba o treino. Muito difícil, mas é bom né? Não gosto muito de estudar, acho chato, mas pretendo terminar tudo, fazer faculdade, tudo. Porque se eu não conseguir ser jogador de futebol tem a faculdade, educação física, posso arrumar emprego mais fácil (AES4).

Entretanto, a expectativa de término dos estudos é relatada com o objetivo de terminar o ensino médio e o superior, sendo o principal fator para essa expectativa o suporte parental. Os depoimentos dos atletas em especialização apontam para o reconhecimento da vida acadêmica/vocacional como uma alternativa para uma

carreira atlética mal-sucedida, com algumas expectativas de carreira fora do futebol de campo, retratadas na entrevista do atleta:

Não me atrai não estudar. Só que eu acho que eu to seguindo o caminho do futebol, mas é muito importante estudar sim, Deus não queira, mas se acontecer de eu machucar ou se eu não conseguir virar jogador profissional, sem estudo hoje não. Eu acho que, pro futuro, ter uma profissão. Se eu não conseguir virar jogador, pra conseguir sustentar uma família, ter uma profissão, porque tudo quanto é profissão hoje precisa de estudo, só quando ganha a vida fácil que não. Sem estudo hoje fica difícil (AES5).

Com relação aos atletas em investimento, o Quadro 4 apresenta a caracterização das transições nos domínios atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional.

Domínios	Características
Atlético	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de adaptação; - Preferência pelo futebol; - Maior motivação para a prática; - Profissionalização, Dedicção e Seriedade na carreira esportiva.
Psicológico	<ul style="list-style-type: none"> - Satisfação com o papel de jogador de futebol; - Possibilidade de amadurecimento e mudança de comportamentos; - Vida diferente das que as pessoas levam; - Capacidade de lidar com as dificuldades.
Psicossocial	<ul style="list-style-type: none"> - Influência familiar para experimentação e continuidade da carreira; - Família e treinador como principais pares sociais; - Familiares que também praticam futebol; - Dificuldades com os relacionamentos interpessoais.
Acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em coordenar vida acadêmica e atlética; - Busca pelo retorno à vida escolar/acadêmica; - O futebol proporcionando destaque e perspectiva de vida; - Dificuldade com o planejamento da carreira.

QUADRO 4. Caracterização dos atletas da fase de investimento esportivo nos quatro domínios de transição.

Pôde-se observar que nesta fase de investimento atlético os atletas relatam ter dificuldades de adaptação com as demandas do treinamento e de competições. Como ocorre nas transições das fases de experimentação e especialização, os atletas demonstraram preferência pela prática do futebol em detrimento a outras atividades, mas agora com maior ênfase na carreira atlética.

Ainda referente ao domínio atlético, evidencia-se que ocorre uma mudança nos fatores motivacionais em relação a outras fases. A ênfase é dada ao aumento de fatores motivacionais extrínsecos como o financeiro, contratações, viagens para diferentes países e destaque social, resultando em uma dedicação exclusiva à prática de futebol de campo, como aponta o depoimento de um dos atletas:

Acho que principalmente a minha vinda para o (clube), ter mudado para cá. Minha vida mudou bastante quando eu vim para cá. Mudou de forma positiva, porque quando você joga em um time pequeno, você não tem [...] várias coisas mudam, o tratamento, o salário, coisas assim, viagens que você faz com o clube. O destaque é maior, e porque é uma coisa que dá muito dinheiro, envolve muito dinheiro no mundo do futebol, e mais por causa do meu pai, da minha mãe (A15).

Outro aspecto enfatizado é a profissionalização encontrada nessa fase da carreira esportiva, levando à maior seriedade e dedicação à prática e ao desenvolvimento da mesma. Tal mudança é caracterizada no depoimento do atleta:

O dia todo, porque eu treino de manhã, acabo meio dia, almoço e à tarde tem treino de novo, à noite tem jogo pra assistir. Quando eu assinei o contrato eu vi que o negócio era sério mesmo. Aí eu vi o contrato e vi o quanto de dinheiro que vale se eu for vendido, eu vi que o negócio é sério mesmo. Porque antigamente, quando a gente chega, a gente só quer saber de jogar e não vê o dinheiro, o que vale. Depois você começa a crescer, vai vendo as coisas mesmo, vendo as *'trairagem'* que tem no futebol, os cara querendo roubar seu dinheiro. Começa ganha um pouco e os cara já quer pegar seu dinheiro, Aí você vê que o negócio é sério. Aí você começa a parar e pensar que tem que ter um cara bom do seu lado. Futebol é coisa séria. Muito dinheiro que você nem sabe o que faz com o dinheiro, tem que saber o que vai fazer com esse dinheiro (A13).

No domínio psicológico ressalta-se a satisfação dos sujeitos com o papel de jogador de futebol, alcançando reconhecimento social e, em alguns casos, servindo como modelo para outras crianças e jovens:

(...) É um sonho realizado, na minha vida, do meu pai, da minha mãe, todo mundo sonha em ser um grande jogador de futebol e hoje eu to aqui no (clube). Nenhum deles imaginava que eu ia tá aqui hoje, pensando (...), olha onde eu to hoje. As pessoas me vêem como exemplo, eu saí de lá, ninguém aceitava que eu jogasse bola lá, só a minha mãe. Meu pai reclamava que ela só ficava gastando dinheiro comigo, que era pra eu ir ajudá-lo na roça, mas hoje eu to aqui. Agora quando eu vou pra lá eles me olham diferente, meu pai até pede pra eu levar coisas pra ele. Às vezes minha mãe olha pra mim e chora (A11).

Observa-se a possibilidade de amadurecimento e mudanças de comportamento referentes às demandas da fase de investimento. Os atletas relatam maior autonomia e individuação devido ao distanciamento familiar, maior capacidade de comprometimento, formulação de objetivos pessoais, aumento da responsabilidade, cobrança, melhora na concentração e dedicação à carreira esportiva. Dessa forma, a carreira esportiva acaba sendo encarada com maior seriedade, como demonstra o atleta em seu depoimento:

Mais responsabilidade, antes só jogava pra brincar mesmo, depois tive que começar jogar mais a sério. Foi mais responsabilidade. Comecei a focar mais nos meus objetivos, concentrar mais nas coisas que eu queria, no que era melhor pra mim (A14).

Por outro lado, alguns atletas relataram o desejo de ter uma vida profissional que não fosse diferente das outras pessoas, trabalhando em horários regulares, vivendo próximo da família e de amigos. Todavia, evidencia-se maior capacidade de enfrentamento de situações ameaçadoras, utilizando como estratégias o foco na carreira esportiva e a busca por atingir objetivos.

Novamente a família aparece como principal fator motivacional para a continuidade da carreira esportiva e, juntamente com o treinador, são os pares sociais mais significativos, servindo como fator motivacional, exemplo a ser seguido e suporte para a superação de dificuldades. Outro aspecto relevante ressaltado com relação à família é a presença de familiares que também são atletas como um suporte para lidar com as dificuldades e demandas da fase da carreira atlética, enfatizada pelo atleta em seu testemunho:

Meus pais estavam sempre presentes. Quando eu jogava na escolinha mesmo, tinha jogo oito horas da manhã meu pai e minha mãe estavam lá assistindo. Uma vez eu fiz, no dia das mães, eu fiz no campeonato quatro gols, aí tinha feito na camisa assim, a minha mãe tem a camisa até hoje. Minha mãe é muito apoiadora também, ela apóia mesmo. Quando eu falo pra ela que eu to feliz aqui, ela chora (...). Minha mãe é demais, ela e meu pai. Principalmente por eles que eu to aqui, eles que me dão força mesmo, quando eu to no chão eles me levantam (A13).

No contexto de transições no domínio psicossocial, a principal dificuldade apontada pelos sujeitos foi com os relacionamentos interpessoais. Foram relatados problemas de relacionamento com o treinador, dificuldades de estabelecer vínculos de amizade com os companheiros do clube, relacionamentos restringidos ao contexto do futebol

de campo e dificuldade em deixar a família e os amigos para se dedicar ao esporte. Tal dificuldade em estabelecer vínculos de amizade é retratada pelo atleta:

No começo foi difícil, você chega lá, não conhece ninguém e tem que começar a fazer amizades. Nessas horas eu pensava nos meus amigos, poxa, eu podia estar lá com meus amigos. Cheguei até a pensar em ir embora, mas como eu te falei, comecei a construir amizades, elas foram crescendo aí (A16).

Outra dificuldade, concernente ao domínio acadêmico vocacional, foi de coordenar a vida de estudos com a vida de atleta de futebol de campo. A frequência de viagens para competições e cansaço pós-treino influenciam no desempenho acadêmico dos atletas, dificuldade esta que é ressaltada na fala do atleta:

Ah... Terminava o treino, estava muito cansado, daí não tinha mais aquele pique de treinar e ir para a aula. Eu desanimei, aí cheguei e falei para os meus pais, que me apoiaram. Aí fiquei encostado uns dois anos até que vi que tava fazendo a coisa errada, aí peguei e voltei para a escola. Eu treinava de manhã e de tarde, e estudava à noite (A18).

Entretanto, apesar da dificuldade, evidencia-se a busca pelo retorno à vida escolar/acadêmica, influenciada pelo clube e pelos familiares. Os relatos dos atletas apontam para a percepção da importância de completar o ensino médio e superior como alternativa à carreira esportiva mal-sucedida.

Por outro lado, a carreira atlética é mais atraente devido ao destaque e perspectiva de vida que proporciona. Os atletas percebem a prática do futebol de campo como principal vocação e opção de carreira profissional, tendo grandes perspectivas de crescimento financeiro (principalmente para auxiliar o sustento da família), maior profissionalismo, reconhecimento social e perspectiva de vida diferente daquela na qual cresceram.

Deste modo, observa-se que a transição no domínio acadêmico/vocacional está voltada para a formação atlética, e que, apesar de atribuírem importância ao término do ensino médio e superior, apresentam dificuldades com o planejamento da carreira. Há relatos de nunca terem pensado em outra profissão que não fosse de jogador de futebol, dificuldades em planejar a aposentadoria e pouca perspectiva de continuidade da formação acadêmica após o término da carreira atlética, como expõe o atleta:

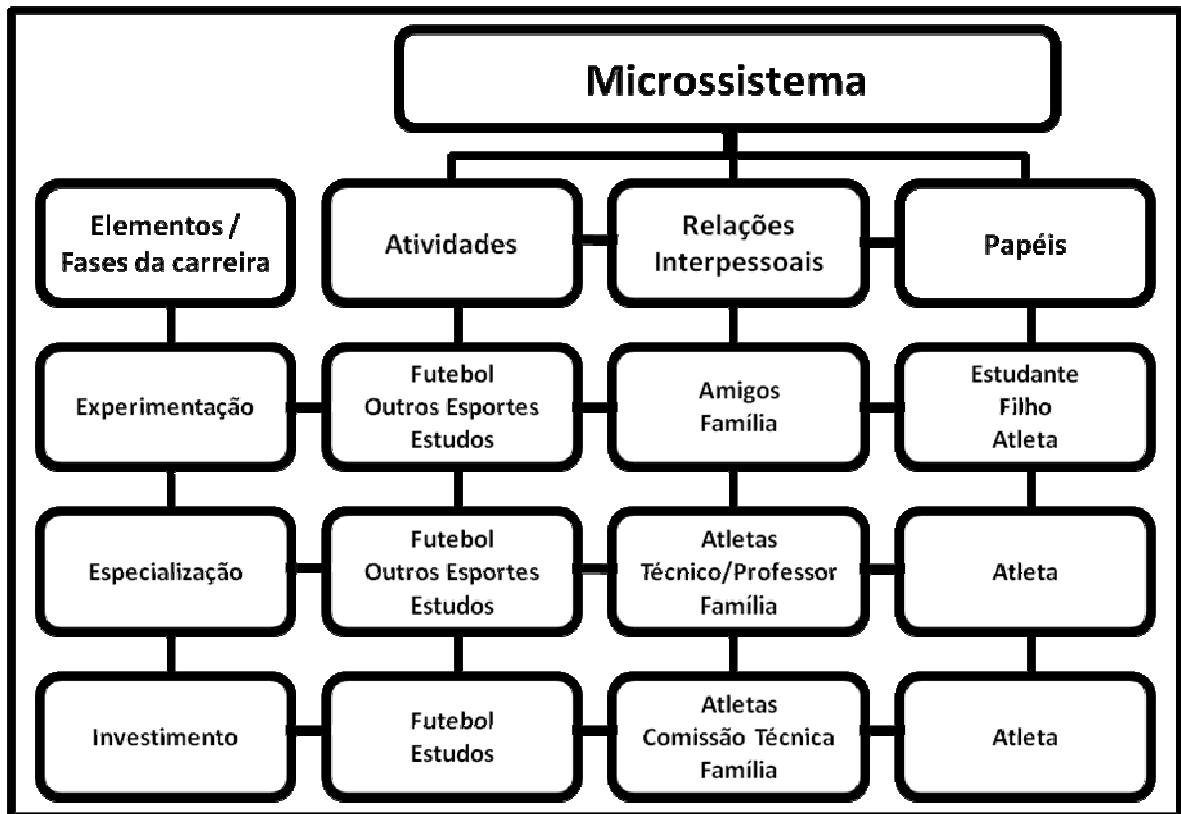
(...) nem imagino, não consigo imaginar (o que seria se não fosse atleta). Não penso em outra carreira, eu vejo que faculdade ainda tá meio longe de mim, eu sonho em ter carro, poder sair. Jogar futebol é o que eu amo, é a única coisa que eu sei fazer, né, cara (A17).

Nesse sentido, ao se caracterizar o momento de transição da carreira atlética dos sujeitos nos domínios atlético, psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional foi possível verificar os elementos significantes do contexto que influenciaram as transições. Desse modo, para se evidenciar as influências do contexto no desenvolvimento da identidade dos indivíduos foi feita a caracterização do microssistema desses atletas.

5.3 CARACTERIZAÇÃO DO MICROSSISTEMA CONSIDERANDO AS TRANSIÇÕES NAS DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

Para a análise da influência do contexto esportivo no status de identidade dos atletas de futebol de campo faz-se necessário a caracterização do ambiente no qual os sujeitos estão inseridos. A análise dos parâmetros do contexto será limitada à caracterização do microssistema, feita a partir dos elementos: padrão de atividades, relacionamentos interpessoais e papéis (BRONFENBRENNER, 1996).

O Quadro 5 apresenta a caracterização do microssistema dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva.



QUADRO 5. Caracterização do microsistema dos atletas de futebol de campo em diferentes fases da carreira esportiva.

Observa-se no quadro 5 que para os atletas em experimentação, o padrão de atividades está vinculado à prática de futebol de campo na escola esportiva; a prática de outros esportes ocorre tanto nas aulas de educação física da escola quanto nas brincadeiras com amigos, e a atividade escolar está presente.

Resultados semelhantes foram observados nos atletas em especialização, com atividades focadas na prática do futebol de campo, outros esportes (basquete, voleibol e natação) e atividade escolar. No entanto, os atletas da fase de especialização diferem da experimentação por restringirem a prática de outros esportes às aulas de educação física na escola, relatando preferência pela prática do futebol de campo.

Em relação aos atletas em investimento, as atividades molares se restringem ao futebol de campo, agora com caráter profissional e, em alguns casos, à atividade escolar/acadêmica, como se pode observar no depoimento dos atletas:

Meu amigos treinam aqui no (clube), nós costumamos ir no ginásio, jogar bola, aprender a dar passe, só nós mesmos. Pra chegarmos no treino e fazer melhor. Além de jogar futebol e estudar, no meu tempo livre eu gosto de brincar e conversar com os meus amigos (AEX8).

Eu gosto de tudo, futsal, handebol, gosto de jogar tudo, vôlei, mas pratico só na escola. Prefiro o futebol, até que desde pequeno eu tenho vontade de ser jogador, também até mesmo do futebol ser mais (...) aqui no Brasil, ser mais levado a sério essas coisas, também eu vejo jogador dentro de campo, dá vontade de estar lá no lugar dele... Sendo jogador fica difícil (estudar) por causa da agenda, treino, jogo. Agora, se eu não conseguir chegar aonde eu quero, vou estudar sim (AES5).

Ah, até quando eu saí lá de casa tava tranqüilo, a escola era difícil, mas eu tava levando. Também, só estudava né, ia pra escolinha, mas a escola (educação) era a primeira opção, a escolinha (futebol). Aí quando mudei já começou a ficar difícil, porque daí tinha o treinamento e depois estava, ficou complicado. Comecei a me dedicar mais ao futebol mesmo, fui ficando mais autônomo e responsável, meus pais não escolhiam mais o que eu fazia, aí preferi parar de estudar. Hoje estou tentando voltar, mas sempre o futebol de preferência (AI6).

Os relacionamentos interpessoais apresentam diferenciações entre as fases da carreira atlética. Na experimentação, os principais pares sociais são os membros da família (pai, mãe e irmãos) e os amigos (da vizinhança, da escola e do treino de futebol de campo). Para os atletas em especialização ocorre uma restrição dos vínculos de amizade ao contexto do futebol de campo e aparecem como pares sociais significativos a família (principalmente pai e mãe) e o técnico de futebol de campo.

Com a ascendência na carreira atlética, a restrição dos relacionamentos de amizade aumenta: evidenciaram-se relatos de que há dificuldade de estabelecimento de vínculos entre os atletas (díades), disputa por vagas na equipe e falta de tempo para se relacionar com pessoas fora do clube de futebol. Nesse sentido, os profissionais que trabalham para o desenvolvimento da carreira do atleta, como empresários, técnicos, fisioterapeutas e dirigentes, assumem importância. Por outro lado, a família ainda aparece como principal relacionamento interpessoal, a qual oferece também maior suporte para a continuidade da carreira:

Meus pais querem que eu seja um jogador de futebol, meus amigos dizem que eu era bom jogando na rua, aí meus pais me colocaram na escolinha do (clube), dizem que assim posso ter um futuro bom. (...) Tenho amigos que jogam aqui na escolinha, mas tem um que não joga, que eu conheço da escola, estuda lá também (AEX4).

la ficar muito difícil, nem aqui eu não estaria hoje. Sem a força que meu pai e minha mãe me deram eu não ia conseguir tá aqui não, sem o apoio deles. Fora meus pais, meu professor é a pessoa mais importante, porque se não fosse por ele eu estaria lá trabalhando, não estaria focado no esporte. Aí, graças a ele eu estou aqui (...) (AES7).

Na minha vida passaram várias pessoas que eu considero importantes, pessoas que me ajudaram a chegar aqui também, sou muito grato por eles. São o presidente do (...) (Clube) e o cara que trabalha para ele. Minha família também me ajudou muito, eu agradeço a eles também, por eu estar aqui. Não posso esquecer deles. (...) Quando eu to com algum problema de futebol eu procuro mais o meu irmão, porque ele já passou por essa fase. Agora, quando eu to com problema pessoal eu recorro à minha mãe mesmo, meu pai nem tanto. Mais minha mãe mesmo (A17).

No que se refere aos papéis dos sujeitos, pôde-se observar que ao longo da carreira atlética o papel se restringe ao de atleta, enraizado na diminuição de atividades desenvolvidas e de relacionamentos interpessoais restritos ao contexto do futebol de campo (falta reciprocidade, equilíbrio de poder e a relação afetiva). Na experimentação os sujeitos adotam o papel de atleta, mas continuam com o papel de filho e de estudante, entretanto, quando passam para a fase de especialização, a perspectiva de desenvolvimento da carreira atlética se faz presente, evidenciando o papel de atleta como o principal. Na fase de especialização, se percebe um distanciamento familiar (papel de filho) e dificuldades com os estudos (papel de estudante); o comprometimento com a prática esportiva aumenta e a dedicação também, enfatizando o papel de atleta em detrimento aos demais, como retratam os depoimentos dos atletas:

Não faço mais nada além de jogar futebol e estudar, eu gosto de estudar e jogar futebol, mas ainda gosto mais de jogar futebol do que estudar. Olha, eu tenho notas boas, porque meu pai faz eu estudar bastante, ele teve boas notas e também quer que eu tenha. Daí eu estudo bastante, me dedico à escola e divido meu tempo com a escola e o futebol (AEX9).

Porque a seleção, o cara fala: 'nossa, hoje tem jogo da seleção, vamos assistir', o mundo inteiro vai lá ver. Daí o cara tem lá o nome Thiago, aí você vê lá o cara jogando bola. Isso é importante pras pessoas, aí você vai ver, você fica reconhecido. Jogar na Europa, naqueles clubes todo famoso, que todo mundo conhece. (...) Já tentei outro esporte, a natação, mas muito pouco tempo. Parei porque eu gostei mais do futebol. Sei lá, muita coisa, ganhar dinheiro, ter casa boa, melhorar a família, tudo. Pra mim o futebol é tudo pro Brasil. O que pode mudar o futuro é o futebol (AES3).

(...) as pessoas te olham com outros olhos. Eu falo que sou jogador de futebol do (Clube) e todo mundo muda já o jeito de falar. Pessoas que nem falavam vêm falar com você. Minha família também, eles gostam muito que eu jogue. Porque é o que eu gosto, e eles viram que é isso que eu quero mesmo pra mim, que eu to seguindo uma profissão assim e eles desencanaram dessa coisa aí de estudar (A14).

Os aspectos que limitam os papéis na fase de especialização se intensificam na fase de investimento, podendo levar ao abandono escolar ou menor importância da vida acadêmica. Dessa forma, evidencia-se que o papel adotado pelos sujeitos na fase de investimento é predominantemente ao de atleta.

5.4 RELAÇÃO ENTRE OS ATRIBUTOS PESSOAIS E OS STATUS DE IDENTIDADE DOS JOGADORES DE FUTEBOL DE CAMPO NA FASE DE INVESTIMENTO.

Para analisar a relação entre os status de identidade apresentados pelos atletas de futebol de campo e os atributos pessoais, foram identificados os elementos significantes das transições que caracterizam o status de identidade dos atletas, baseados no modelo de status de identidade de Marcia (1966), o qual destaca quatro status: difusão, execução, moratória e conquista. Após o levantamento das características de identidade dos atletas, fez-se a relação com os atributos pessoais. A escolha pelos atletas da fase de investimento para a análise se deu devido à idade dos atletas que alcançavam o final do estágio da identidade x conflito de papéis de Erikson (1998), no qual a identidade está mais madura que nas demais.

No Quadro 6, observa-se que dois tipos de status de identidade se destacam nos atletas entrevistados: o status de identidade de execução (75%) e o status de conquista da identidade (25%).

Status de Identidade	%	Atributos Pessoais	Características do Status
Execução	75	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação Extrínseca para Introjeção, Regulação Externa, Identificação - Motivação intrínseca para Experiências Estimulantes. - Confronto com adversidades; - Superproteção Paterna e Materna, Suporte Paterno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa auto-exploração; - Evitar situações que levam a crises; - Alto comprometimento com o esporte; - Resposta à expectativa de pares significativos; - Senso coletivo de auto-definição; - Aceitação com facilidade a opinião dos outros; - Relação de proximidade com a figura materna
Conquista	25	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação Intrínseca para Atingir Objetivos, Conhecer e Experiências Estimulantes. - Motivação Extrínseca para Regulação Externa e Identificação. - Treinabilidade, Rendimento Máximo, Confronto com adversidade, Confiança e Motivação, Concentração. - Suporte Paterno e Materno, Superproteção Materna. 	<ul style="list-style-type: none"> - Enfrentamento de crise; - Autonomia e capacidade de enfrentamento; - Senso pessoal auto-definição; - Planejamento, perspectiva de futuro e comprometimento com o plano; - Alto comprometimento com o futebol; - Confiança e Otimismo em relação ao futuro.

QUADRO 6. Relação entre os atributos pessoais e os status de identidade dos atletas de futebol de campo na fase de investimento.

Pode-se observar no Quadro 6 que o status de identidade com maior percentual foi o status de execução. Os dados referentes aos atributos pessoais remetem à influência de fatores extrínsecos (motivação extrínseca para introjeção, superproteção parental) e pouco repertório de estratégias de enfrentamento para lidar com estresse e situações ameaçadoras.

Os dados referentes ao status de identidade de execução evidenciados corroboram os atributos pessoais: pôde-se verificar o relato de baixa auto-exploração resultante de um alto comprometimento com a atividade esportiva. Dessa forma, evitar situações que levem a novas crises, buscando sempre responder às expectativas dos pais referentes à sua carreira esportiva, parece ser uma característica deste status, como relata o atleta:

(...) É um sonho realizado, na minha vida, do meu pai, da minha mãe, todo mundo sonha em ser um grande jogador de futebol e hoje eu to aqui no (clube). Nenhum deles imaginava que eu ia tá aqui hoje, pensando 'nossa, olha onde ele tá hoje' (A11).

Outro aspecto que configura o status de identidade de execução é o senso coletivo de auto-definição, no qual se percebe a importância do papel de sua atividade profissional em função do significado da mesma para o contexto social em que está inserido e à cultura do país, assim, utiliza-se deste papel para definir as metas a seguir, baseando-se em um senso coletivo do que um atleta deve fazer:

Não, só futebol, sempre futebol. Eu quero primeiro jogar no profissional aqui do (clube), conseguir aqui e depois ir pra Europa, essas coisas que os jogadores acham importantes. (...) Eu queria fazer o vestibular pra garantir, né? É importante as pessoas fazerem faculdade, então quero fazer faculdade. Educação Física se puder. Se conseguir é melhor, né? (...) Posso trabalhar com o futebol ainda, essas coisas que jogadores fazem quando terminam a carreira, como preparador, treinador, essas coisas aí (A14).

A conquista da identidade foi outro status de identidade destacado (25%). Os atributos pessoais deste status remetem à autodeterminação (motivações intrínsecas para atingir objetivos, conhecer e para experiências estimulantes); maior repertório de estratégias de enfrentamento (treinabilidade, rendimento máximo e confronto com adversidades) e suporte familiar (paterno e materno), como destaca o depoimento do atleta:

Ah, eu foquei numa coisa só, vou chegar e vou chegar, pra mim não tem não vou chegar não, eu vou chegar. Por isso que eu to falando, se eu caio, porque eu sonho muito alto, e se eu caio vai ser um tomo feio. Mas eu sei que eu não vou cair (A13).

Nesse sentido, o status de identidade de conquista é marcado pela capacidade de enfrentamento de crises, percepção de autonomia nas decisões e escolhas e senso pessoal de auto-definição, como esclarece o atleta:

Eu sendo um jogador de futebol, acho que me sinto realizado, porque desde que comecei eu coloquei em mente que eu tinha que ir atrás disso e fui. Eu, como gosto do futebol, eu tenho vontade de fazer uma faculdade no ramo, fazer Educação Física. Pretendo continuar na área esportiva. Para isso, resolvi voltar a estudar, precisava retomar os estudos para dar continuidade na minha carreira. Foi mais vontade minha, mas também teve pessoas que me disseram: 'Volta a estudar, porque vida de jogador um dia acaba' (A16).

O atleta neste status apresenta também capacidade de planejar e se comprometer com o plano de desenvolvimento da carreira esportiva, baseado em uma perspectiva de futuro na atividade, na qual o planejamento parte do próprio sujeito.

6 DISCUSSÕES

Buscando compreender a relação dos dados evidenciados neste estudo com a literatura e levando em consideração os objetivos propostos para a pesquisa, os resultados serão discutidos em tópicos.

6.1 ATRIBUTOS PESSOAIS DOS ATLETAS EM DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

O desenvolvimento é regido pelos atributos da pessoa que podem inibir ou induzir o crescimento do indivíduo na relação com o ambiente. Dessa forma, é importante compreender como o sujeito percebe o contexto para buscar evidências de como os objetos, as pessoas e situações afetam a construção destes atributos pessoais (BRONFENBRENNER, 1993). Na interação entre o indivíduo e o contexto, dois processos promovem o desenvolvimento da identidade: a interação do sujeito com as pessoas e com as atividades em que se engajam (ERIKSON, 1968). Neste sentido, torna-se relevante identificar os estilos motivacionais dos atletas para a prática do futebol de campo, as estratégias de coping utilizadas para lidar com as situações do contexto esportivo e os estilos parentais percebidos pelos atletas no seu desenvolvimento.

6.1.1 Estilos motivacionais dos atletas de futebol de campo.

Os dados sobre os estilos motivacionais demonstram diferenças entre as fases da carreira esportiva (experimentação, especialização e investimento). Os atletas em experimentação não apresentaram diferenças entre os estilos motivacionais (intrínsecos e extrínsecos), enquanto os atletas em especialização apresentaram a motivação intrínseca para experiências estimulantes como principal estilo motivacional. Em relação aos atletas em investimento, observou-se diferença entre os estilos motivacionais intrínsecos (experiências estimulantes para conhecer e atingir objetivos) e os estilos extrínsecos (regulação externa, introjeção e identificação), evidenciando a motivação para regulação externa como principal estilo entre os estilos motivacionais extrínsecos (Tabela 1).

Neste contexto, pôde-se observar que há um movimento progressivo em relação à autodeterminação ao longo da carreira esportiva dos atletas de futebol de campo. Na fase de experimentação não há predominância de motivos intrínsecos ou extrínsecos, indicando que o meio social é um importante motivo para a adesão à prática esportiva. Csikszentmihalyi et al. (1997) destacaram esta realidade, indicando que crianças precisam do suporte de um grande número de indivíduos e instituições para desenvolverem seu talento.

Com a transição para a fase de especialização, percebe-se que a prática do futebol de campo assume maior importância enquanto uma atividade que provoca sensações estimulantes e prazerosas para os atletas (VALLERAND, 2001b), com o estilo motivacional intrínseco para experiências estimulantes se sobrepondo aos demais estilos (Tabela 1). Este dado indica a progressão da motivação para a autodeterminação entre as fases de experimentação e especialização. Vallerand e Losier (1994) afirmam que os indivíduos precisam sentir-se competentes, autônomos e auto-regulados no comportamento do dia-a-dia e, para tanto, irão procurar atividades que promovam a satisfação dessas necessidades.

Na fase de investimento se observou uma distinção entre os motivos extrínsecos e intrínsecos, com predomínio dos fatores internos como principais estilos motivacionais para os atletas (Tabela 1). Deste modo, com o desenvolvimento da carreira esportiva e a permanência no contexto do futebol, aumenta-se a autodeterminação dos atletas para a prática do futebol de campo. Barreiros (2005) encontrou resultados semelhantes com atletas portugueses, afirmando que a motivação é um dos fatores determinantes para a permanência do atleta no contexto esportivo e que os atletas mais motivados intrinsecamente eram também aqueles que se mantinham no futebol de campo e alcançavam maior sucesso.

Estes dados se confirmam através das diferenças ($p \leq 0,05$) obtidas entre os estilos motivacionais dos atletas entre as fases da carreira esportiva: tanto os atletas da fase de experimentação como os da fase de especialização apresentaram valores estatisticamente significativos mais baixos de motivação intrínseca do que os atletas em investimento (Tabela 1).

Vissoi et al. (2008) encontraram resultados semelhantes em atletas de voleibol, os quais evidenciaram maiores valores para a motivação intrínseca para experiências estimulantes tanto nos atletas da categoria adulta quanto da juvenil. Nesse sentido, a importância da motivação intrínseca tem sido ressaltada pela literatura, enfatizando a relação entre o estilo motivacional autodeterminado e comportamentos positivos (VALLERAND, 2001b) relacionados à prática esportiva, como: altos índices de criatividade (SHLEDON, 1995), melhora na aprendizagem (BLACK e DECI, 2000), persistência (PELLETIER et al., 2001), auto-estima (KERNIS et al., 2000), atributos morais positivos (CHANTAL et al., 2005; VISSOCI et al., 2008) e bem-estar psicológico e físico (RYAN e DECI, 2000).

Sobre a importância da motivação intrínseca para a prática esportiva, Blanchard et al. (2007) apontaram que os resultados dos estudos utilizando a teoria da autodeterminação indicam que atletas autodeterminados apresentam maior persistência, melhor desempenho e melhor funcionamento psicológico no esporte. De forma semelhante, Gould et al. (1996) e Cresswell e Eklund (2005) evidenciaram que a motivação intrínseca (autodeterminação) previne que atletas sintam demasiadamente pressões que configurem o *burnout*. Por outro lado, Sarrazin et al. (2002) ressaltam que a falta de motivação autodeterminada resulta em maior abandono do esporte, além de afirmarem que quanto maior for a autodeterminação do atleta, mais forte serão suas intenções de persistir na atividade e continuar praticando esportes.

Dessa forma, o perfil encontrado na pesquisa nos atletas de futebol de campo é considerado satisfatório para atletas, indo ao encontro da literatura baseada na teoria da autodeterminação, a qual defende que um indivíduo que pratica uma atividade por escolha própria (motivação intrínseca) irá obter melhores conseqüências que aqueles com a participação menos autônoma (motivação extrínseca) (VALLERAND, 2007).

Por outro lado, no que se refere às motivações extrínsecas, destacam-se os resultados entre os atletas das fases de especialização e investimento. Pôde-se observar a presença de diferenças estatísticas entre os estilos motivacionais extrínsecos (regulação externa, introjeção e identificação) entre os atletas das duas fases, com maior pontuação para os atletas em investimento (Tabela 1). Esses

dados apresentam indícios de que, ao se alcançar o patamar de investimento, os fatores extrínsecos (reconhecimento social, financeiro, comprometimento com a prática, auxílio financeiro para a família) assumem importância para a manutenção da carreira esportiva.

Entende-se a motivação por regulação externa aquele comportamento que é controlado por recompensas e/ou ameaças, tais como o reconhecimento por parte do treinador ou reconhecimento financeiro (PELLETIER et al, 1995). Nesse sentido, Fernando e Vasconcelos-Raposo (2005) afirmam que a prática esportiva, quando regulada por fatores externos, se caracteriza pela busca de recompensas e fuga de conseqüências negativas.

Biddle et al. (2001) consideram que comportamentos com natureza extrínseca tendem a perder importância e serem extintos caso as recompensas ou pressões externas sejam retiradas. Entretanto, quanto maior o nível competitivo do atleta, maiores serão as pressões sobre o mesmo, fazendo com que o indivíduo regreda no *continuum* de autodeterminação e procure outros meios para satisfazer suas necessidades (VISSOCI et al., 2008).

Neste contexto, Treasure et al. (2007) ressaltam que as pesquisas que avaliam a motivação esportiva no nível de elite têm sugerido que o comportamento não é somente motivado intrinsecamente, mas múltiplos motivos podem existir e as condições sociais que permeiam a participação do indivíduo no esporte parecem ter efeito significativo no processo motivacional. Confirmando o proposto, Chantal et al. (1996) examinaram os estilos motivacionais de atletas búlgaros de diferentes modalidades e concluíram que os atletas de maior sucesso, com melhor desempenho, apresentaram níveis mais altos de motivações extrínsecas não-autodeterminadas. Especificamente, atletas que conquistaram títulos e medalhas enfatizaram recompensas externas, obrigatoriedade e pressão como principais fatores motivacionais.

Indícios de que, além da motivação intrínseca, a motivação extrínseca apresenta relações com a persistência do atleta no contexto esportivo foram encontradas por Pelletier et al. (2001). Mallet e Hanrahan (2004) identificaram, especificamente, que o reconhecimento social e financeiro eram motivos para a prática esportiva, assim

como o aspecto profissional do esporte. Dessa forma, por mais que o perfil de motivação dos atletas em investimento seja caracterizado pelas motivações intrínsecas, as motivações extrínsecas assumem importância na manutenção da prática esportiva.

Portanto, os dados da pesquisa vão ao encontro da literatura que sugere o efeito do contexto social nos estilos de motivação adotados pelos atletas. Chantal et al. (1996) apontaram que o atleta de melhor desempenho pode ter sofrido maior influência do contexto social, enfatizando incentivos externos, como no caso dos atletas de futebol de campo que, ao alcançarem a fase de investimento, estão, simultaneamente, se profissionalizando (assinando contratos com o clube), o que reflete em maior reconhecimento financeiro e social, influenciando assim os estilos motivacionais dos mesmos.

Apesar do perfil autodeterminado ser importante para a prática esportiva, ao alcançar níveis profissionalizados o atleta sofre influência do contexto e passa a necessitar de motivos extrínsecos, sendo estes os que permitem a continuidade da prática esportiva em alto nível (TREASURE et al., 2007). Para o autor, embora haja a prevalência de motivos intrínsecos para a participação em atividades esportivas, as condições sociais que definem o alto-nível no contexto do esporte fazem com que os motivos intrínsecos apenas sejam insustentáveis.

Partindo do pressuposto de que as condições externas influenciam os estilos motivacionais dos atletas, Vallerand (2007), em seu modelo hierárquico de motivação intrínseca e extrínseca, explica essa relação, na qual se entende que o contexto social em que convive o atleta em investimento produz modificações na motivação situacional, essa interferindo na motivação contextual (no caso, esportiva), e assim, no seu estilo motivacional (motivação global).

Dessa forma, assim como para a fase de experimentação, a especialização e o comprometimento requerido pela fase de investimento evocam os fatores externos como elementos intervenientes na motivação para a prática esportiva dos atletas.

6.1.2 Estratégias de coping dos jogadores de futebol de campo.

A habilidade de enfrentar mudanças, situações estressantes e ameaçadoras é considerada um importante fator de desenvolvimento. As habilidades de coping contribuem com o indivíduo para a continuidade da busca e conquista de objetivos pessoais, levando assim a um melhor bem-estar subjetivo (OUWEHAND et al, 2008). Especificamente no esporte, segundo Finch (1999), respostas de coping são estratégias que fazem a mediação entre a percepção dos eventos estressores e o desempenho esportivo dos atletas. Para o autor, habilidades limitadas de coping, ou a ausência das mesmas, são fatores que contribuem para um desempenho esportivo fraco e insatisfação com a prática.

Nesse sentido, Gaudreau e Blondin (2004) observaram que atletas mais jovens não apresentavam as habilidades de coping efetivas para lidar com os agentes estressores. Madden et al. (1989) encontraram a idade como um fator interveniente nas estratégias de coping em corredores de meia distância. Para os autores, atletas mais velhos são mais hábeis para lidar com situações ameaçadoras devido ao conhecimento prévio do contexto.

No estudo foi possível observar que os atletas em experimentação apresentaram menor variedade de estratégias de coping que os atletas nas fases de especialização e investimento, indo ao encontro do proposto na literatura (Tabela 2). Em relação às diferenças entre os atletas em experimentação e os atletas em especialização, pôde-se observar que os atletas mais velhos apresentaram maior capacidade de treinabilidade, indicando que, com a permanência no contexto esportivo, os atletas aprendem a lidar melhor com as pressões (cobrança do treinador, dirigentes, pais), utilizando as cobranças como um meio para melhorar seu desempenho nos treinamentos (SMITH et al, 1995).

O desenvolvimento de habilidades de coping focadas no contexto atlético continua ao longo da carreira esportiva. Ao alcançar a fase de investimento os atletas apresentam maiores habilidades de desempenhar sobre pressão, controlando suas emoções diante de diferentes demandas do contexto esportivo, sejam elas positivas ou negativas. Especificamente em relação aos atletas em experimentação, os atletas em investimento demonstraram maior capacidade de focar a atenção na atividade que estão executando e bloquear distrações ($p \leq 0,05$) (Tabela 2).

Em relação aos atletas em especialização, evidenciou-se maior capacidade de formulação de objetivos, estabelecendo tanto metas a curto prazo (objetivos para treinamentos), quanto metas a longo prazo (fazer planos para a carreira esportiva) (Tabela 2). Ouwehand et al. (2008) apontam que a capacidade de formular objetivos a curto e longo prazo é determinante para a habilidade de prever e lidar com situações de estresse, facilitando o bem-estar subjetivo do indivíduo.

A confiança e motivação dos atletas em investimento também foram superiores ($p \leq 0,05$) aos dos atletas em especialização, indo ao encontro dos resultados obtidos em motivação (Tabela 1). Dessa forma, os atletas se sentem confiantes e motivados para desempenhar bem em situações de estresse, conseguindo utilizar o máximo do seu talento e habilidade. A literatura destaca que a motivação auto-determinada é um elemento interveniente no uso de habilidades de coping focadas na tarefa durante as competições, enquanto a motivação não-autodeterminada prediz o uso de estratégias de coping de distanciamento da situação estressante (AMIOT, 2004).

Neste sentido, Park (2000) identificou as estratégias de coping de atletas nacionais Coreanos e encontrou como principal estratégia de coping utilizada o treinamento psicológico, refletindo o esforço dos atletas em controlar seus pensamentos, ativação e estado emocional (*confronto com adversidade*). Em segundo lugar vinham as estratégias de treinamento, visando à dedicação e qualidade do treino (*treinabilidade*).

Semelhante aos atletas de futebol de campo, Gould et al. (1993) encontraram em atletas de elite a utilização de pensamento racional e monólogo interno (*concentração*), foco e orientação positiva (*confiança e motivação*), suporte social, administração do tempo e priorização (*formulação de objetivos*), preparação mental pré-competitiva e manejo da ansiedade (*confronto com adversidade*), treinar duro e de forma inteligente (*treinabilidade*) e isolamento e deflexão (*ausência de preocupação*).

A *ausência de preocupação* identificada na pesquisa de Gould et al. (1993) não foi evidenciada nos atletas de futebol de campo. Esta dimensão das habilidades de coping atlética se refere a não preocupação com erros e falhas em competição, com as conseqüências de um desempenho fraco e com a avaliação de outros sobre seu

desempenho (SMITH et al. 1995). A baixa pontuação nessa dimensão atribui-se ao momento da carreira esportiva que os atletas estão enfrentando, no qual o esporte passa a se tornar a escolha profissional dos atletas e o futuro dos mesmos.

Na perspectiva de Lazarus (1985), a capacidade de utilizar estratégias de coping adequadas à situação influencia na percepção da mesma enquanto ameaçadora ou não. Como no caso dos atletas de futebol de campo, uma mesma situação pode ser reconhecida como estressante ou não dependendo da fase em que se encontram na carreira esportiva. Pensgaard e Duda (2003) ressaltam que, quanto maior o número de estratégias de coping que o indivíduo desenvolve e usa efetivamente, menor será a sensação de ameaça frente a situações estressoras.

Deste modo, no esporte, Finch (1999) destaca que os atletas são confrontados com agentes estressores diariamente, tais como: estresse de treinos, pressão de técnicos e pais e competições. A capacidade de lidar com esse estresse poderá determinar o bem-estar psicológico e o desempenho atlético do esportista. Assim, para que o atleta se mantenha no contexto esportivo, este precisará desenvolver habilidades que permitam o manejo das demandas e pressões do contexto, como foi observado na comparação entre as fases da carreira atlética dos praticantes de futebol de campo.

Como a estratégia de coping é determinante para o desenvolvimento e desempenho do atleta e para cada demanda estressora há uma estratégia mais adequada, é importante que o repertório de habilidades de coping dos atletas seja diversificado. Nos atletas de futebol de campo, pôde-se observar que na experimentação as estratégias são poucas e indeterminadas; já na especialização sobressaem as estratégias voltadas para a prática de treinamento e no investimento as habilidades se diversificam, com exceção da ausência de preocupação.

A diversidade de habilidades de coping é ressaltada em estudos como de Gould et al. (1993), o qual conclui que os atletas empregavam uma variedade de estratégias de coping que diferiam em função da demanda. Marques (2005) e Pais-Ribeiro e Santos (2001) também evidenciaram uma diversificação nas estratégias utilizadas por atletas de elite de softball e decatlo, respectivamente. Dale (2000), de forma semelhante, encontrou que atletas de elite utilizavam estratégias específicas frente a

estressores específicos, como a lembrança da qualidade do treinamento quando duvidavam da preparação para a competição.

6.1.3 Estilos parentais percebidos pelos atletas de futebol de campo.

As figuras parentais são consideradas agentes sociabilizantes essenciais para o jovem. A percepção sobre a relação estabelecida com as figuras paternas ao longo do desenvolvimento está intimamente relacionada com o processo de desenvolvimento humano, especialmente durante a infância e a adolescência (BRUSTAD e PATRIDGE, 2002). Nessa perspectiva, Muris (1998) comprovou que o comportamento de criação parental estava relacionado com certas condições, como transtornos de ansiedade, depressão, adição e fatores de risco psicossociais.

Especificamente, comprovando a importância da percepção de estilos parentais de criação para o desenvolvimento e saúde mental do indivíduo, Ehnvall et al. (2005) evidenciaram que pacientes depressivos percebiam seus pais como superprotetores e menos calorosos emocionalmente (suporte) quando comparados com sujeitos saudáveis. Dessa forma, a percepção dos estilos parentais é um importante fator de vulnerabilidade para a persistência de psicopatologias.

Cotè (1999) e Durand-Bush e Salmela (2002) apontam que a estrutura do apoio familiar são determinantes para o desenvolvimento de crianças e jovens no contexto esportivo. A família é um importante agente interveniente na escolha do esporte e nas transições que o sujeito passa ao longo da sua trajetória de desenvolvimento, desde a experimentação até a aposentadoria no esporte (WYLLEMAN et al. 2000).

A manutenção da carreira atlética e da saúde mental dos atletas parece sofrer influência da percepção de estilos parentais. Como enfatiza Weiss (2004), a percepção dos pais está associada à orientação de metas, auto-estima e motivação intrínseca de jovens e crianças.

Os resultados da pesquisa com os atletas de futebol de campo vão ao encontro da literatura evidenciando que, ao decorrer da carreira atlética (transição entre fases), os suportes paterno e materno aumentam e a rejeição diminui, dados que indicam que um ambiente de suporte e de afeição é determinante para a persistência no contexto esportivo (Tabela 3). Dessa maneira, os pais dos atletas de futebol de

campo proporcionam os meios necessários para a satisfação das necessidades sociais dos atletas, dando suporte para o enfrentamento da carreira atlética. Cotè e Hay (2002) ressaltam que em qualquer das fases que o atleta esteja, o suporte emocional paternal aparece como principal necessidade dos atletas (reforçando situações positivas ou auxiliando na superação de barreiras).

Barreiros (2005) confirma os resultados com seu estudo com atletas profissionais de futebol de campo portugueses (equivalentes à fase de investimento). O autor encontrou forte suporte emocional por parte dos pais, baixa frequência de comportamentos de rejeição e superproteção moderada. Nesse contexto, Wuerth et al. (2004) constataram que atletas com mais sucesso recebem maior suporte (admiração e compreensão), fato ao qual atribuíram as maiores possibilidades de alcançar uma fase de desenvolvimento superior, conforme visto no estudo com os atletas de futebol de campo, os quais demonstraram maior suporte paternal (paterno e materno) conforme mais avançada a fase da carreira esportiva (Tabela 3).

Alguns estudos comprovam a importância dos estilos parentais em todas as fases do desenvolvimento atlético. Cotè (1999), Salmela et. al. (2000) e Wylleman (2000) apontam que a influência dos pais muda de acordo com a fase, mas ainda assim é presente e determinante. Para o autor, na fase inicial, cabe aos pais proporcionar oportunidades e iniciação esportiva variada; na fase intermediária foca-se no treinamento orientado para o resultado e na fase final o envolvimento é mais discreto, entretanto essencial, fornecendo recursos para a continuidade da prática.

Contudo, especificamente com atletas de futebol de campo, Moraes et al. (2004) concluíram que o suporte parental é realizado de forma diferenciada de outros esportes. No futebol de campo, no Brasil, os atletas saem muito cedo de casa para jogar para clubes de grandes centros, fator que proporciona o distanciamento familiar dificultando as relações. Todavia, como nos dados encontrados no presente estudo, atletas que alcançam níveis de especialização (BOMPA, 1995) ou investimento (COTÈ, 1999) apresentam relação positiva com figuras parentais indicando que, apesar da distância, a família continua suprindo as necessidades dos atletas, seja por telefone, assistindo os jogos pela televisão ou outros meios que não a presença em treinos e competições (Tabela 3). Estes dados ressaltam que a figura

parental é importante e influencia em contextos e situações socioeconômicas diferentes.

Gould et al. (2008) encontraram que o suporte parental esteve relacionado com o aproveitamento, desempenho e auto-estima de atletas de tênis. Resultados estes semelhantes aos do estudo, no qual os atletas demonstraram que quanto maior o suporte parental (Tabela 3), maior também foi a autodeterminação (Tabela 1) e o índice de confronto no esporte (Tabela 2) dos atletas de futebol de campo.

Os índices de rejeição e superproteção respondem a aspectos negativos de estilos parentais. Os comportamentos de rejeição estão relacionados com a indução de sentimentos de culpa, rejeição, violência verbal e física, punição e crítica (PERRIS et al., 1980). A rejeição está associada a psicopatologias e sintomas depressivos na vida adulta, conforme Ehnvall et al. (2005), os quais têm pouca incidência no contexto esportivo (WEINBERG e GOULD, 2001), dessa forma explicando os valores baixos encontrados no estudo. No entanto, mesmo com valores baixos puderam-se observar diferenças entre a rejeição paterna e materna entre a fase de experimentação e as fases de especialização e investimento.

Conforme visto na Tabela 3, o suporte paterno é importante para o desenvolvimento do atleta, assim, ao longo do crescimento da carreira esportiva, aumentam também as pressões e demandas do contexto gerando maior estresse no atleta, momentos nos quais o mesmo recorre ao suporte familiar para auxílio. Os dados indicam que, possivelmente, atletas com maiores índices de rejeição têm maior dificuldade em encontrar apoio na família, e assim sendo, acabam por abandonar o esporte antes de alcançar uma fase de maior desenvolvimento e dedicação, resultando na diferença entre a rejeição dos atletas em experimentação com os outros atletas ($P \leq 0,05$).

Resultados semelhantes foram encontrados por Barreiros (2005), o qual evidenciou que atletas com maior rejeição eram também aqueles que percebiam maiores cobranças dos pais e também eram motivados extrinsecamente, como no presente estudo – os atletas em experimentação apresentavam maior motivação extrínseca e maior rejeição que os atletas de outras fases. Ullrich-French e Smith (2006) dão suporte para estas conclusões salientando que a influência negativa dos pais surge

de expectativas exageradas colocadas nos filhos, gerando maior estresse, ansiedade (COTÈ e HAY, 2002), *burnout* (GOULD et al., 1996) e abandono.

Com relação à superproteção, evidenciaram-se valores médios, com diferenças para a mãe ($P \leq 0,05$), indicando que atletas em investimento se sentem menos superprotegidos que os atletas de outras fases (Tabela 3). Holt (2002) e Barreiros (2005) encontraram resultados semelhantes, mas associados com menores valores de suporte parental na fase mais avançada do desenvolvimento atlético (atletas com idades acima de 15 anos). A passagem para o grupo de atletas profissionais pode resultar em maior autonomia devido à dedicação à carreira atlética.

Entretanto, estes dados vão de encontro ao do presente estudo: os atletas em investimento moram no clube, geralmente em cidades diferentes da família, daí a explicação para os menores valores de superproteção – se os atletas se percebessem superprotegidos, pode ser que não alcançariam a fase de investimento por não poderem morar fora da casa dos pais. Por outro lado, apesar de buscar diferenciação dos pais e autonomia, os atletas evidenciaram relevância no suporte parental indicando que, mesmo abdicando do contato com a família (correspondente aos resultados de MORAES et al., 2004), os atletas ainda recorrem ao suporte parental, fato que pode ser explicado pela dificuldade do contexto em estabelecer vínculos afetivos e de amizade.

Quando analisados os estilos parentais paterno e materno, os dados vão de encontro aos dados apresentados por Wuertth et al. (2004), que demonstravam o pai como provedor de maior suporte, níveis moderados de envolvimento e baixo comportamento de pressão. Já o estilo materno foi considerado com maior interesse em envolver-se na atividade esportiva (superproteção). No estudo com os atletas de futebol de campo, como nos resultados de Barreiros (2005), não foram evidenciadas diferenças entre estilos paternos e maternos (Tabela 3).

6.2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSIÇÕES DOS ATLETAS DE FUTEBOL DE CAMPO PARA DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

Segundo Stambulova (1994), a transição atlética demanda no atleta a adaptação aos desafios do esporte sistematizado, à modalidade escolhida, ao técnico e aos

membros da equipe. Portanto, os jovens atletas necessitam lidar com as mudanças de nível individual (maior desgaste físico) e psicossocial (relacionamentos interpessoais).

Dessa forma, para proporcionar aos atletas o alcance à excelência pessoal e prevenir dificuldades com transições na carreira atlética, Miller e Kerr (2002) propuseram encorajar o desenvolvimento de habilidades para a vida. Para tanto, uma abordagem holística do ser humano, que leve em consideração as transições em diferentes domínios, pode auxiliar a uma melhor trajetória esportiva.

6.2.1 Domínio Atlético

Para alcançar um desempenho máximo e participar de competições de alto nível, os atletas talentosos passam por um longo processo de desenvolvimento da carreira atlética. Conforme destacado por Wylleman e Lavallee (2004), o desenvolvimento deve ser considerado em um contexto holístico do ser humano, no qual este, para alcançar o objetivo (desempenho em alto nível) evolui, simultaneamente, em diferentes domínios.

O primeiro domínio corresponde ao domínio atlético, o qual, segundo Wylleman et al. (2007), é descrito como o sucesso na transposição de estágios normativos, através do enfrentamento das tarefas e demandas de cada estágio da carreira esportiva e da transição entre os mesmos. Alguns autores procuraram identificar as transições que permeiam o desenvolvimento da carreira atlética (SCHOLSSBERG, 1984; BLOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI et. al, 1997; BOMPA, 1995; BOMPA, 1999, CÔTÈ, 1999; WYLLEMAN e LAVALLEE, 2004).

Para Bloom (1985), o desenvolvimento de talentos esportivos ocorre a partir de três fases: anos iniciais, anos intermediários e anos finais, com características específicas a cada estágio. A primeira fase começa com a introdução a atividades do domínio atlético, envolvendo uma instrução de professores ou técnicos, e sendo a ênfase na diversão e ludicidade da prática esportiva. A fase seguinte é marcada pela priorização do desenvolvimento de habilidades ao praticante e pela demanda do técnico por treinos mais intensos, maior comprometimento com a atividade e direcionamento para resultados competitivos.

Mais adiante, na fase final, a necessidade pela maestria na tarefa é refletida pelos praticantes, buscando a todo custo o progresso a níveis mais elevados de desempenho. Conseqüentemente, essa decisão influencia o futuro do sujeito e das pessoas ao seu redor (família, amigos, técnicos) (SALMELA et al., 2000).

No entanto, ao analisar a trajetória de desenvolvimento dos atletas de futebol de campo (Quadros 2, 3 e 4), pôde-se observar que as fases propostas por Bloom (1985) e Bompa (1995, 1999) não são respeitadas. Observou-se que os atletas iniciam a carreira esportiva por volta dos 7 anos, em escolas de futebol de campo que proporcionam o primeiro contato com a prática de forma sistematizada, como ressaltado pelos atletas quando relataram que a mudança para a escola trouxe melhora técnica e maior organização nos sistemas de treinamento (AEX7, p.59).

Por volta dos 13 anos, os atletas que se destacam (talentos) passam a treinar em um clube organizado, disputando competições, com maior intensidade e freqüência de treinamentos, características da fase intermediária de Bloom e da fase final de especialização de Bompa. Nesse sentido, diferindo dos suportes teóricos, por volta dos 16 anos os atletas transitam para um clube de futebol de maior destaque, no qual alcançam a profissionalização, novamente aumentando a freqüência de treinamentos, dedicação exclusiva à prática do futebol de campo e participação em campeonatos nacionais e internacionais, de forma precoce (Quadro 4).

Nesse contexto, os estágios de participação no esporte que correspondem aos encontrados no estudo são os propostos por Côtè (1999), que os definiu em três fases: a experimentação (de 6 a 13 anos), especialização (de 13 a 15 anos) e investimento (de 15 anos em diante).

A fase de experimentação é marcada pela prática de vivências variadas, caracterizadas por diferentes atividades esportivas (MORAES et al., 2004). Entretanto, o que se observou no relato dos atletas da fase de experimentação foi que a preferência esteve voltada, desde o início, pela prática do futebol de campo, sem relatos de experiências em outros tipos de atividades esportivas durante a vida, a não ser em aulas de educação física na escola (AEX5, p.59). Conforme Cotè e Hay (2002), por mais que o comportamento dos atletas nos anos iniciais seja construído a partir de treinamento sério e direcionado para objetivos, as atividades

são prazerosas e lúdicas. Porém, mesmo assim, para os atletas desta fase, a prática sistematizada é mais interessante que a não sistematizada, proporcionando melhora técnica.

De maneira semelhante, Wylleman et. al. (2007) afirmam que na fase de especialização o foco da atividade esportiva muda gradualmente para uma ou duas práticas específicas voltadas para o desenvolvimento de habilidades. Nesta fase, os atletas de futebol de campo se dedicam exclusivamente à prática de futebol de campo, mas, diferente do proposto no modelo desenvolvimentista de Cotè (1999), já existe o comprometimento pela prática, a qual proporciona perspectivas de futuro na carreira esportiva, promovendo maior incentivo por parte da família e dedicação dos atletas. O principal foco da prática não é lúdico, mas sim o desenvolvimento de habilidades esportivas (Quadro 3).

O objetivo de se tornar atleta de elite que é atribuído pela literatura à fase de investimento é observado nos atletas de futebol de campo em fase de especialização (Quadro 3). Vianna Junior (2002) aponta que na fase de investimento os elementos predominantes são o desenvolvimento da estratégia, competitividade e habilidades características do esporte, elementos observados nos atletas de futebol de campo na fase de especialização.

Considerando a carreira esportiva, Rees et al. (2007) demonstraram que por volta dos 19-20 anos os atletas começam a participar de competições nacionais e internacionais desenvolvendo um senso de independência da família. Entretanto, os atletas da fase de investimento, neste estudo, já participavam de competições internacionais com frequência, vivendo longe da família e treinando dois períodos por dia.

Na verdade, os atletas desta fase apresentaram mudanças no estilo motivacional (Tabela 1), evidenciando interesses extrínsecos na prática esportiva, o que foi representado no depoimento dos atletas pela importância do reconhecimento financeiro, o caráter profissional da prática, possibilidade de viajar e conhecer diferentes lugares, favorecendo a dedicação exclusiva ao futebol de campo (AI5, p. 66).

Neste sentido, Wylleman et al. (2007) apontaram que nesta fase (investimento) os atletas entram em contato com níveis de competição nacional, ou até mesmo internacionais, sendo o passo inicial para uma fase da carreira que requer o desempenho no seu mais alto nível, de forma consistente e pelo maior tempo possível. Atletas nessa fase podem se confrontar com a necessidade de buscar o status profissional e focar um período de sua vida exclusivamente à dedicação e preparação para competições. Nos atletas estudados, a busca por profissionalização ocorre na fase anterior – nesta fase já são profissionais e muitas vezes sustentam suas famílias.

Cafruni et al. (2006) enfatizaram a importância de se buscar o alto rendimento apenas no final da fase de formação esportiva (BOMPA, 1999), orientação que não é seguida na prática, como no caso deste estudo. Para o autor, o que se vê é a preparação de atletas para campeonatos mirins e infantis, como se dependessem destas vitórias para o sucesso futuro, colocando então pressão e expectativa neste atleta que ainda não é um atleta pronto. Para Wylleman et al. (2007), esse atleta ainda levaria dez anos para alcançar o nível ideal para alto rendimento.

Diferenças entre as carreiras atléticas já foram referenciadas pela literatura, como no estudo de Krane et al. (1997), que encontraram, em atletas femininas de ginástica, a necessidade de investimento de horas de prática em idades extremamente jovens, sendo encorajadas a fazer o que fosse necessário para ganhar sem se preocupar com as conseqüências. Ainda com ginastas, Kerr e Dacyshyn (2000) afirmaram que a fase referente aos 18-19 anos pode representar o início do fim da carreira atlética. Wylleman et al. (1993), de forma contraditória, apontaram que essa idade representa apenas o início para atletas lutadores, indicando que o início da prática vai depender da modalidade e das características pessoais do praticante.

Cotè e Hay (2002) ainda afirmam que a experimentação e diversificação no início da prática esportiva têm sugerido melhora nas habilidades fundamentais para o envolvimento em uma diversidade de esportes e maior aproveitamento. Outra frente de estudos aponta que a especialização precoce esteve relacionada a uma série de resultados negativos como lesões, ansiedade, isolamento, abandono e identidade não explorada (HECIMOVICH, 2004).

Apesar dos indícios de que a iniciação precoce em sistemas de treinamento especializados, voltados para o rendimento e competições, pode prejudicar a carreira atlética, os dados evidenciam o interesse dos atletas, desde as fases iniciais, em se tornar profissionais e alcançar sucesso como jogadores de futebol (Quadro 2).

A vontade de alcançar e superar a transição no domínio atlético foi observada por Pummel et. al (2008) em atletas de hipismo, os quais demonstraram o desejo de se tornar atletas profissionais e a transição para a fase regional (especialização) trouxe à tona perspectivas de futuro na carreira. Entretanto, alguns atletas reconheceram as conseqüências desta transição em outros domínios da vida, como a escola. No caso do Brasil, a vontade de se tornar jogador se faz mais forte devido à grande influência do futebol no país e à perspectiva de ascendência social que o esporte proporciona.

Um aspecto que foi semelhante a todas as fases da carreira atlética, apresentado pelos jogadores de futebol de campo, foi à preferência pelo futebol enquanto prática em detrimento a outras, sejam elas esportes ou outras atividades em geral (Quadro 2, 3 e 4), principalmente em relação aos atletas na fase de experimentação, que deveriam praticar atividades diversificadas, mas praticavam apenas o futebol de campo, inclusive como forma de lazer, indo ao encontro dos estudos de Salmela e Moraes (2003) com atletas da mesma modalidade.

Cotè (1999) propõe que os comportamentos de lazer tendem a diminuir ao longo do desenvolvimento, principalmente da segunda para a terceira fase, quando os atletas concentram-se na atividade esportiva. Entretanto, este não é o resultado deste estudo com atletas brasileiros de futebol de campo. Salmela e Moraes (2003) afirmam que as características de desenvolvimento de atletas do futebol brasileiro são diferentes das dos modelos estrangeiros, especificamente pela difusão do esporte em todos os níveis sociais do Brasil e a grande quantidade de praticantes das classes sociais mais precárias.

6.2.2 Domínio Psicológico

A adolescência é considerada um período crítico para o crescimento e desenvolvimento, no qual os indivíduos adquirem habilidades e padrões de comportamento que proporcionam bases para prosperar na vida adulta (JONES e LAVALLEE, 2009).

A participação esportiva pode auxiliar neste período, promovendo situações e práticas que possibilitem o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos que funcionem no enfrentamento das dificuldades da carreira esportiva e também da vida. Assim, ao mesmo tempo em que cresce enquanto atleta, o sujeito também se desenvolve no campo psicológico, e a experiência no campo do esporte pode ajudar ou prejudicar no processo.

Neste estudo, a faixa etária dos atletas os situava no período da adolescência e como tal, estão sujeitos a mudanças nos diversos domínios da sua vida. Os atletas da fase de experimentação, de acordo com a teoria de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1998), estavam saindo do quarto estágio (Diligência X Inferioridade) e iniciando a fase da Identidade X Confusão de Papéis. Neste período, o sujeito é submetido a métodos de escolarização oferecidos pela sociedade como forma de internalizar e aprender rudimentos técnicos e sociais, formulando as bases para a entrada no contexto do trabalho adulto.

Hall et al. (2000) ressaltam que neste período (diligência X inferioridade) a criança está apta a se dedicar a atividades sociais preparatórias para o trabalho adulto, através de atividades variadas, entre elas a participação em atividades esportivas. Com a iniciação em atividades com regras e objetivos, o sujeito passa a criar um senso de competência baseado no alcance dessas metas.

No período que coincide com a fase de especialização, o indivíduo está se preparando para adotar algum papel significativo para si e para a sociedade. Ramalho (2003) enfatiza que o grande problema deste período é a confusão de papéis, tendo como alvo de identificação uma pessoa de destaque social (seja no grupo do sujeito, seja na sociedade em geral). Este período pode ser facilitado ou não por instituições sociais que regulam o comportamento das pessoas, com sistemas de valores e socialização específicos.

O esporte configura uma instituição social que regula o comportamento dos atletas, principalmente proporcionando exemplos de identificação, como na fala do atleta que quer jogar futebol para ser como o jogador Ronaldinho Gaúcho (AEX1, p.59). Dessa forma, coincidindo com a necessidade de definir uma prática esportiva específica para se especializar (COTÊ, 1999), o jovem atleta também está buscando um papel que o adéqüe à sociedade, e o futebol de campo satisfaz essa necessidade principalmente pelo destaque que o esporte tem no contexto social do país. Bronfenbrenner (1993) destaca a importância das expectativas sociais para o desenvolvimento de um papel, expectativas estas definidas a partir da cultura de uma determinada comunidade.

Ao alcançar os anos após a adolescência, o jovem desenvolve a necessidade por intimidade com pares sociais e assim, o relacionamento interpessoal ascende como um importante fator de desenvolvimento (ULRICH-FRENCH e SMITH, 2006). No campo esportivo, os atletas do estudo que estão na fase de investimento, a qual demanda compromissos sólidos com o esporte, apresentam indícios de satisfação com o papel adotado na fase anterior (Quadro 4). Ressalta-se a necessidade pelo reconhecimento social representado na possibilidade de ser considerado enquanto modelo para novos praticantes da modalidade (AI1, p.66). Eccles (1999) enfatiza que este período é marcado pelo desenvolvimento da independência com o foco social mudando para o grupo de amizades com jovens e adultos fora da família.

Um fator comum a todos os atletas nas diferentes fases da carreira atlética foi o reconhecimento da importância do futebol de campo para a sociedade e para a cultura do país (Quadros 2, 3 e 4). Essa importância legitimava a escolha do esporte como prática profissional, proporcionando respeito pelos pares sociais e satisfação com o papel dos atletas da fase de investimento; justificava também a escolha pela prática em detrimento a outras atividades, e proporcionava possibilidade de crescimento e futuro para os atletas na fase de especialização; evidenciava ainda um modelo social (jogadores de sucesso) aos quais as crianças se espelhavam e criavam perspectivas de futuro.

Em relação à importância do esporte, Pummel et al. (2008) indicaram que para atletas de hipismo o esporte tinha se tornado muito significativo para suas vidas quando transitaram para fases de investimento no esporte, refletido no desejo de

continuar praticando, maior comprometimento e maior distanciamento da escola. No futebol de campo os atletas também acreditavam ter a prática como significativa, entretanto isso parece ocorrer em fases anteriores, desde a experimentação, buscando o esporte já com ideais de carreira e crescimento profissional (Quadro 3).

Para Papaioannou et al. (2008), quando fatores situacionais ocorrem com regularidade em um domínio particular da vida, estes se tornam fatores sociais contextuais que afetarão as percepções e motivação naquele domínio particular. No caso do futebol de campo, quando o sucesso de atletas é percebido como recorrente no contexto esportivo, este sucesso se torna uma perspectiva que pode afetar as percepções e motivação dos praticantes do contexto esportivo.

Ao longo do desenvolvimento da carreira esportiva evidenciou-se o aumento das dificuldades percebidas com o maior comprometimento com o contexto esportivo. Moraes et al. (2004) chamaram a atenção para o fato de que os atletas provêm, em grande parte, de famílias de baixa renda e se deslocam para grandes centros visando atuar em grandes clubes do futebol brasileiro. Esta situação proporciona distanciamento da família e incapacidade de participação dos pais junto aos filhos.

De maneira semelhante, os atletas de futebol de campo das fases de especialização e investimento relataram dificuldades com a transição, percebendo as privações e sacrifícios que executam para se manter no esporte, entre eles o distanciamento familiar, dificuldade em manter a vida escolar e estilo de vida diferenciado daquele dos pares sociais (AES3, p.73). Miller e Kerr (2002) enfatizam que os estudos revelam como a busca pela excelência esportiva pode prejudicar as chances dos indivíduos em alcançar a excelência pessoal.

Algumas pesquisas (BAILLIE, 1993; PAPAIOANNOU et al., 2008) ressaltam os efeitos negativos do alto comprometimento e redução do investimento em outros papéis sociais, levando à formação de forte identidade atlética, dificuldades com a aposentadoria da carreira esportiva, maior estresse frente a situações difíceis (BREWER, 1993). Por outro lado, aspectos positivos do intenso comprometimento com o esporte também foram identificados como: conquistas (DANISH et al., 1993), aderência e desempenho motor (BREWER et al., 2000).

Entre as conseqüências positivas do comprometimento com a prática do futebol de campo, os atletas destacaram a possibilidade de amadurecimento. Mudanças de comportamento voltadas para maior responsabilidade e autonomia em relação aos pais, foram ressaltadas pelos atletas em especialização (AES8, p.63). Os atletas da fase de investimento reforçaram a conquista da autonomia e individualização, maiores comprometimentos e formulação de objetivos no esporte, maior seriedade com a carreira esportiva, aumento da responsabilidade devido à maior cobrança por parte de técnicos e da família, e melhora na concentração e dedicação à prática (AI4, p.66).

No domínio psicológico, os jovens entrarão em uma fase da vida na qual irão lutar para conquistar autonomia frente aos pais, visando, entre outras necessidades, desenvolver seu próprio estilo de vida e se identificando com seu próprio lugar no ambiente psicossocial (WYLLEMAN et al., 2000). Esses atletas deverão desenvolver diferentes habilidades psicológicas para facilitar o desempenho ideal, os quais incluem auto-percepção positiva, motivação intrínseca, habilidades interpessoais, habilidades de coping e afetos positivos.

Salmela et. al (2000) expressam que, apesar da necessidade de desenvolver um estilo de vida independente, os jovens atletas ainda serão dependentes dos pais, especialmente em vias de demandas financeiras e logísticas características das transições dentro da carreira. No caso do futebol, percebe-se forte dependência afetiva dos atletas em relação aos seus pais, entretanto, no que concerne aos elementos financeiros, os atletas são independentes e em muitos casos auxiliam os pais, indicando a peculiaridade do contexto do futebol no Brasil em relação a outros esportes nacionais e internacionais.

Com as transições dentro da carreira esportiva os atletas se tornam atraídos e comprometidos com o esporte, e se percebem, ou são percebidos pelo contexto, como sendo talentosos, atletas e/ou 'jogadores' promissores com capacidade de alcançar o rendimento de alto nível. Essas mudanças confrontam os atletas com a necessidade de lidar com novas cargas e freqüência de treinamentos, maior especialização na prática, necessidade de melhorar o preparo físico e psicológico para competições, altas expectativas de pares significativos, aumento na demanda

da carreira atlética e educacional, outros interesses por atividades de lazer e desenvolvimento psicossocial (WYLLEMAN et al., 2007).

Assim, a capacidade de enfrentar as demandas e situações ameaçadoras (estratégias de coping) é determinante para os atletas em desenvolvimento (GOULD et al., 1993; SMITH et al., 1995; DALE, 2000; PARK, 2000; PENSGAARD e ROBERTS, 2003; AMIOT et al., 2004; OUWEHAND et al., 2008). Os atletas de futebol de campo da fase de investimento testemunharam maiores capacidades de lidar com as dificuldades, utilizando principalmente estratégias voltadas para o estabelecimento do foco na carreira esportiva e a busca pela realização dos objetivos e metas propostos (AI4, p.66).

Nesse sentido, Bloom (1985) ressaltou que atletas atravessando a fase intermediária (as fases de especialização e investimento de COTÈ, 1999) começam a estabelecer objetivos de desempenho conforme se comprometiam com o esporte. Os atletas de futebol de campo também apresentaram maior variedade de habilidades de coping (Tabela 2), entre elas a capacidade de formação de objetivos (SALMELA et al., 2000).

Ouwehand et al. (2008) enfatizam que pessoas com tendência para estabelecer objetivos a curto-prazo e a longo-prazo podem ter maior facilidade para reconhecer potenciais agentes estressores que possam vir a ameaçar a conquista dos mesmos. Assim, indivíduos com maior orientação para o planejamento da carreira e preocupação com o futuro realizarão maiores esforços para se prevenir de situações estressantes.

6.2.3 Domínio Psicossocial

A influência de pais e pares sociais tem se mostrado como determinante para a carreira atlética de talentos esportivos, exercendo uma grande influência e contribuição durante todo o desenvolvimento (WYLLEMAN et al., 1993; STAMBULOVA, 1994; REES et al., 1999; DUFFY et al., 2001; GIBBONS, 2002; GOULD et al., 1996; WYLLEMAN et al., 2000; WUERTH et al., 2004; LAVALLEE, 2005; GOULD et al., 2008). WYLLEMAN et al. (2007) afirmam que não apenas a

forma como o jovem irá ingressar na participação em esportes competitivos, mas também a forma como a carreira atlética se desenvolve, sofre influência dos pais.

O relato dos atletas de futebol de campo enfatiza a influência do suporte parental e de pares sociais para a iniciação e continuidade da prática esportiva, podendo ser positiva ou negativa (AEX6, p.60). Na fase de experimentação os atletas revelaram que a experimentação foi influenciada principalmente por amigos que também praticavam o esporte, mas que todos receberam incentivos da família (AES1, p.63). Uma influência negativa foi a do treinador que não tinha comportamentos considerados positivos pelos atletas, resultando na evasão da escola de futebol de campo (Quadro 2).

Cotè (1999) aponta que na fase de experimentação as características da dinâmica familiar estão voltadas para proporcionar oportunidades para seus filhos gostarem do esporte, promovendo a prática de várias atividades. A principal ênfase é no divertimento e euforia, com comportamentos de encorajamento e suporte (EWING, 1999). No caso dos amigos, nesta fase os pares são uma das principais razões pela prática das crianças (FRASER-THOMAS et al., 2008), conforme observado no depoimento dos atletas de futebol de campo (AEX6). Duffy et al. (2001) verificaram que os atletas eram introduzidos no contexto esportivo pelos pais, principalmente pela figura paterna. Os pais eram ainda percebidos como o segundo fator mais importante de suporte, contribuindo para o desenvolvimento e também para o sucesso no futuro.

Na fase da especialização, o atleta se compromete com o esporte e o papel dos pais é o de enfatizar a produtividade do atleta, tanto na escola como nos esportes: os pais passam a se dedicar à carreira do atleta, fazendo compromissos financeiros e de tempo (WYLLEMAN et al., 2000). O Relacionamento com o técnico se estreita e este recebe maior importância em junção com a busca por independência familiar do atleta adolescente. Bloom (1985) afirma que o papel diretivo dos pais diminui, mas ainda são importantes figuras que providenciam suporte social e financeiro a seus filhos-atletas.

Com o crescimento da carreira do atleta na direção da maestria, o interesse parental tende a aumentar, incentivando a continuidade no esporte. Na fase de investimento

os pais ainda aparecem como principais fontes de suporte ao atleta, entretanto com menor envolvimento, promovendo ainda suporte emocional e financeiro (SALMELA et al., 2000).

Os resultados desta pesquisa vão de encontro à literatura: os atletas de futebol de campo não solicitam auxílio financeiro dos pais, mas, ao contrário, a maioria ajuda a manter os pais financeiramente (Quadro 4), principalmente porque muitos atletas de futebol de campo do Brasil advêm de famílias de baixa classe social (MORAES et al., 2004). De maneira interessante, nas fases de experimentação e especialização, os atletas procuram o esporte já com o pensamento de poder auxiliar a família financeiramente após o sucesso na carreira atlética, reforçando o caráter de ascensão social que o futebol tem para o Brasil, tornando a perspectiva de crescimento na modalidade mais importante que a prática em si para crianças e adolescentes.

Nesse sentido, Ullrich-French e Smith (2006) ressaltam que o papel dos pais progride de liderança durante os anos de experimentação para um papel de acompanhamento e suporte durante os anos de especialização e investimento. Wuerth et al. (2004) evidenciou que atletas percebiam a diminuição do envolvimento parental da experimentação para as fases posteriores, estabilizando então nas fases mais avançadas da carreira atlética. De forma semelhante, Durand-Bush et al. (2002) e Wylleman et al. (2000) confirmaram que os pais de atletas de sucesso manifestavam comportamentos de suporte ao longo da carreira dos filhos, embora não continuassem ativamente envolvidos nos estágios finais do desenvolvimento atlético.

Outro dado interessante destacado por Stambulova (1994) e Stambulova et al. (2007) foi que o envolvimento parental esteve relacionado com a satisfação com a carreira esportiva de atletas: aqueles considerados satisfeitos experimentaram grande suporte e apreciação da família, enquanto aqueles que eram menos satisfeitos tinham sua insatisfação reforçada pelo desapontamento ou falta de reconhecimento parental.

Através dos dados do estudo sobre os estilos parentais percebidos pelos atletas (Tabela 3), a permanência no contexto esportivo foi acompanhada de maior suporte

parental. Reforçando a relação entre transição e suporte social, Wylleman et al. (2007), afirmam que uma transição de carreira de sucesso é acompanhada de um padrão comportamental de pais marcado por mostrar a criança como melhorar, estimulá-la a treinar forte, colocar certa pressão baseada no incentivo, ouvir os problemas do jovem e demonstrar carinho e compreensão.

Por outro lado, no estudo de Lavallee (2005) foi observado que o baixo apoio social esteve associado com o aumento da vulnerabilidade a lesões e maior risco de *burnout*, enquanto o alto suporte social esteve associado com um melhor manejo do estresse e desempenho. Gould et al. (1996) também encontraram relação entre o aumento da competitividade no tênis e menos apoio social, levando à menor habilidade de lidar com o estresse, e ainda, que a maior pressão de pares sociais, especialmente pais, tem grande influência no *burnout*.

No estudo com os atletas de futebol de campo, foi possível observar que o suporte paterno esteve presente em todas as fases da carreira atlética, sempre com grande importância para os atletas (Al3, p.66). Especificamente, a influência da mãe foi enfatizada como determinante para a permanência no esporte, confirmando a literatura que remete à preferência pelo tipo de suporte dado por pessoas específicas (SALMELA et al. 2000). O suporte materno era preferencialmente de caráter emocional (REES et al., 2007), referente ao conforto e segurança, enquanto o suporte tangível e informativo (REES et al., 2007) referentes à assistência instrumental e aconselhamento era oferecido pelos pais e irmãos que praticavam ou praticaram futebol; ou ainda por membros da comissão técnica.

Estudos no contexto brasileiro apontam que a convivência diária parece ser um fator positivo para o desenvolvimento de atletas em esportes como a ginástica rítmica (VIANNA JUNIOR et al., 2001), voleibol (MORAES et al. 2001) e tênis (VIANNA JUNIOR, 2002). Entretanto, em um estudo com jogadores de futebol de campo brasileiros, a convivência dos pais com os filhos era presente apenas na primeira e segunda fases (experimentação e especialização) (RABELO, 2002), já que para alcançar a terceira fase os atletas tinham que mudar de cidade para jogar em grandes clubes, impossibilitando assim a convivência com pais e amigos. Contudo, esse distanciamento não teve interferência no desempenho dos atletas (MORAES, et al., 2004).

Os resultados da pesquisa assemelham-se aos de Moraes et. al (2004), entretanto com algumas diferenças mencionadas a seguir. Os pais também são de extrema importância para os atletas, mas o distanciamento ocorre de forma precoce, já na fase de especialização (13-15 anos), na qual os atletas se mudam de cidade para treinar em clubes mais estruturados, passando a morar no clube com outros atletas.

No entanto, por mais que esteja distante, o apoio social é importante para a continuidade da carreira atlética e enfrentamento das transições. Wuerth et al. (2004) demonstraram essa relação quando revelaram que atletas que conseguiam superar a transição da iniciação para o desenvolvimento (BLOOM, 1985) relatavam maior envolvimento parental do que aqueles que não realizaram a transição.

Nesse sentido, Pummel et. al. (2008) evidenciaram que pares significativos tiveram papéis importantes na participação esportiva de atletas de hipismo. Muitos foram introduzidos ao esporte pela família e era a família que proporcionava a motivação para a transição dentro da carreira. Assim, motivos sociais como o desejo de estar com amigos que progrediram na carreira esportiva, ou ainda de seguir os passos de membros da família que eram atletas, ou então de estar com irmãos, eram as principais razões para procurar a transição.

Com os atletas de futebol, também se pôde perceber a influência de motivos sociais facilitando a escolha por enfrentar as transições, principalmente para a fase de investimento, na qual os atletas relataram o importante suporte de membros da família que eram atletas da mesma modalidade (Quadro 4).

Todavia, o fato de parentes terem praticado esporte em alto rendimento não é apenas indicativo de auxílio e motivação para os atletas. Fraser-Thomas et al. (2008) revelaram que vários atletas que abandonaram o esporte falaram sobre a pressão que sentiram em se tornar atletas de alto rendimento como os pais, ou ainda de ter que executar bem para satisfazer a vontade dos pais que nunca foram atletas.

Outra influência significativa na carreira de atletas é a do técnico: Smoll e Smith (1993) retratam a importância do ambiente construído pelo técnico na participação do indivíduo no esporte, como o observado com os atletas mais jovens, que

relataram ver amigos abandonando o futebol devido ao comportamento do técnico (Quadro 2).

Além do técnico, Smith (1999) afirma que os companheiros de equipe, assim como os amigos, também exercem influência em relação ao suporte social. Salmela et al. (2000) referem-se aos companheiros e amigos como importantes influências psicossociais, assim como os pais. Para o autor, cada par social (amigo, companheiro, pai e técnico) apresenta um suporte único, entretanto, um pode suprimir a necessidade de suporte do outro quando este é deficiente.

Com relação aos companheiros de clube, dificuldades de relacionamento foram observadas nos atletas das fases de especialização e investimento. Especificamente na fase de especialização, os atletas relataram ter dificuldades em se relacionar com os outros devido à inveja e 'traíração' entre os mesmos (AES9, p. 64). Por outro lado, as amizades fora do clube também eram escassas devido à grande dedicação ao esporte, tomando tempo de práticas extra-clube que proporcionariam o estabelecimento de vínculos fora do contexto do futebol (Quadro 4). Apenas na fase de experimentação houveram relatos de amizade com pessoas fora do contexto esportivo. Assim, para suprimir a dificuldade de relacionamentos de amizade dentro do clube, os atletas buscam o suporte familiar (Quadro 2).

Os estudos de Pummel et. al. (2008) vão ao encontro dos resultados dos atletas de futebol de campo, quando evidenciaram mudanças relacionadas ao domínio social em atletas de hipismo. Efeitos negativos da transição dentro da carreira foram descritos como uma restrição na habilidade de se socializar com amigos e perda de contato com amigos de fora do esporte devido à falta de tempo. Dessa forma, o suporte parental é especialmente relevante devido ao tempo que as atividades atléticas exigem, impossibilitando os atletas de desenvolverem relacionamentos fora da família ou fora do contexto esportivo.

O padrão de envolvimento de pares significativos evidenciados nos atletas de futebol de campo não foi consistente com o modelo desenvolvimentista de Wylleman e Lavallee (2003). A influência parental, apesar de ter diminuído ao longo das fases, manteve-se mais importante que a relação com companheiros de equipe ou com o técnico. Resultados de pesquisas têm mostrado que o encorajamento e suporte

parental são responsáveis por melhorar os níveis de aproveitamento e competência percebida nos atletas, além de criar um vínculo forte entre o jovem atleta de elite e seus pais (WYLLEMAN, et al., 2007).

6.2.4 Domínio Acadêmico/Vocacional

A importância em estudar o desenvolvimento de talentos esportivos em uma perspectiva mais ampla que inclua transições não atléticas que possam impactar ou ser afetadas pela carreira atlética tem sido enfatizada nos últimos anos (EWING, 1998; WYLLEMAN, 1999). Uma dessas transições é o desenvolvimento acadêmico de atletas, que se faz presente devido à importância dada ao desenvolvimento de atletas talentosos em uma perspectiva holística (WYLLEMAN e LAVALLEE, 2003).

Compreendendo o momento em que cada transição atlética ocorre, estas são enfrentadas simultaneamente e o possível conflito entre ambos os papéis estão relacionados ao fato da sociedade solicitar que os alunos-atletas alcancem a excelência em ambos os domínios (WYLLEMAN e DE KNOP, 1993). A pressão pela excelência em ambas as áreas (acadêmica e atlética) pode ter consequências negativas como problemas escolares e atrasos no desenvolvimento social e psicológico (WYLLEMAN et al., 1993; DE KNOP et al., 1999).

Assim, ao analisar as transições na vida acadêmica/vocacional dos atletas de futebol de campo, evidenciou-se a dificuldade em manejar a vida atlética com a vida de estudante, nas fases de especialização e investimento, com ênfase no cansaço após o treino (dificultando o rendimento acadêmico), e as viagens para competições (prejudicando o andamento dos estudos) (A18, p.68). Na fase de experimentação, a dificuldade propriamente dita não foi revelada, entretanto, pôde-se observar uma preferência pela carreira atlética em detrimento a outras possibilidades (AEX7, p.59). Os atletas jovens (experimentação) revelaram querer continuar a estudar, mas apenas após a carreira atlética, visando se tornar um jogador de futebol anteriormente; outros atletas relataram não pensar em outra carreira que não fosse a de atleta.

Entre as dificuldades para as transições atléticas/acadêmicas, Côté (1999) enfatiza que o aumento do comprometimento com o esporte provavelmente ocupa o tempo

do atleta diariamente, deixando o resto do pouco tempo para os estudos. Esse fato pode sobrecarregar os jogadores, fazendo com que se sintam cansados após o treino e desestimulados a estudar.

A transição acadêmica parece estar ligada com a ocorrência de atritos no esporte juvenil competitivo, enquanto os jovens mudam de nível educacional, geralmente se dispersam para outras escolas, quebrando a rede de amizades que inicialmente funcionava como suporte para a participação esportiva (WYLLEMAN et al., 2007). No mesmo sentido, Giacobbi et al. (2004) explorou a transição de atletas para a universidade e verificou que grande parte das fontes de estresse desses atletas estavam associadas a carreira atlética como expectativas de desempenho, intensidade de treinamento e relacionamentos interpessoais.

O impacto negativo da participação esportiva no desempenho acadêmico foi verificado por Pummel et al. (2008) em atletas de hipismo. Uma das principais dificuldades apontadas foi o agendamento dos testes acadêmicos, que ocorriam no meio da temporada de competições, fazendo com que os atletas não pudessem participar da competição. Outros atletas revelaram ter maior prioridade para a carreira atlética e que poderiam ter melhor desempenho na escola se não praticassem a modalidade. Os atletas de futebol, da fase de investimento, também testemunharam ter dificuldade com as competições marcadas em período de aula, as quais necessitavam de viagens e tempo (Quadro 4).

Contudo, os jogadores de futebol de campo, ao invés de ter problemas na carreira atlética, durante as transições acadêmicas, o processo é inverso, os atletas abandonam a escola para se manterem no esporte (Quadro 4). Resultados semelhantes foram encontrados em atletas de tênis que frente a um bom momento da carreira resolveram investir no esporte, sem se preocupar com o sacrifício dos estudos ou atraso na conclusão dos mesmos, após o término da carreira (VIANNA JUNIOR, 2002).

No que se refere a dificuldade de escolher entre uma ou outra atividade, Fraser-Thomas et al. (2008) identificaram que a prática da natação demandava altos comprometimentos de tempo para treinos de competição e essa demanda prejudicava o envolvimento em outras atividades, no entanto, apenas atletas que

posteriormente abandonaram o esporte relataram a necessidade de escolher entre uma ou outra atividade.

Tracey e Corlett (1995) observaram que atletas cursando o primeiro ano universitário afirmaram ter sensações de estar mentalmente e fisicamente esgotados, experimentando isolamento e solidão. Os dados deste estudo vão ao encontro da literatura no que se refere à influência negativa da carga de treinamentos no desempenho escolar. Finch e Gould (1996) também reforçaram que atletas-estudantes podem enfrentar problemas com administração de tempo, desenvolvimento restrito de relacionamentos interpessoais, pressão e desmotivação para desempenhar bem e ambas as tarefas (acadêmica/ atlética).

Além da pressão que o próprio atleta sente pela dificuldade em desempenhar bem e ambas as esferas, outro fator que pode prejudicar ainda mais as transições acadêmicas e atléticas é a influência do técnico. Wylleman et al. (2007) aponta que os técnicos podem influenciar quando criam uma abordagem com ênfase no desempenho, aqueles que seguem esta abordagem podem considerar a busca pelos objetivos acadêmicos como dispêndio desnecessário de energia que prejudica o comprometimento com o esporte.

Dessa forma, frente à demanda de combinar a carreira atlética com a acadêmica, Salmela et al. (2000) afirmam que o atleta-estudante busca na família o suporte necessário para superar as dificuldades, retardando o processo de separação-indivuação e o desenvolvimento psicológico. Por outro lado, o suporte providenciado pela rede psicológica estabelecida na vivência com a escola parece aliviar a ocorrência de problemas relacionados ao ambiente, às lesões, overtraining e identidade focada em alto comprometimento e baixa exploração (status de execução) (PETIPAS et al, 1997).

Nesse sentido, além do desenvolvimento acadêmico e, conseqüentemente, pessoal, o desempenho positivo no domínio acadêmico/vocacional pode auxiliar na busca pela excelência atlética, por auxiliar o atleta a desenvolver habilidades que podem ser transferidas para o esporte. Ouwehand et al. (2008), por exemplo, verificou que a educação é um importante fator de coping preventivo, relacionando o nível educacional com o planejamento e prevenção. A idéia é de que através da educação

as pessoas desenvolvem habilidades que são importantes para a adoção efetiva de processo de coping preventivo, entre as habilidades estão a resolução de problemas, habilidades analíticas e de comunicação (PRENDA e LACHMAN, 2001).

Outro estudo, no contexto brasileiro, defendeu a importância do nível de escolaridade para o desempenho tático e técnico de atletas de voleibol, para Lerbach (2002), o desenvolvimento educacional pode melhorar o intelecto do indivíduo facilitando aspectos cognitivos e mentais que contribuem para a leitura de jogo e desempenho tático.

A preocupação pelo término da carreira acadêmica/vocacional foi ressaltada pelos atletas de futebol de campo, mesmo que com menor importância que a carreira atlética (AES5, p.64). Na fase de experimentação, alguns atletas demonstraram interesse em continuar os estudos após o término da carreira, entretanto acredita-se que estes atletas não tenham amadurecido o planejamento de vida que proporcione discernimento sobre a importância dos estudos (AEX7, p. 59). Na fase de especialização, a expectativa de terminar os estudos é grande, com interesse de finalizar um curso superior, tendo o suporte parental como principal fator motivacional (Quadro 3). A busca pelo término da carreira educacional foi predominante nos atletas da fase de investimento, com grande influência do clube e da família para tanto (Quadro 4).

Rabelo (2002) e Moraes et. al (2004) evidenciaram em atletas de futebol brasileiros que, em sua maioria, ainda estudavam, entretanto por determinação dos clubes em que treinavam, como no caso dos atletas de futebol estudados. Esse fato remete para a importância dos estudos sendo reconhecida pelas instituições que promovem a prática esportiva. No entanto, grande número de atletas apresentavam defasagem em relação a série e idade. Por outro lado, o incentivo à prática esportiva pode também ser feito através da obtenção de vaga em universidades estrangeiras com bolsa.

Outro fator que contribui para o crescente interesse dos atletas pela excelência também na vida escolar é a perspectiva de alternativas para a vida profissional, caso a carreira atlética não venha a se concretizar (Quadro 5). Nesse sentido, Jambor (1999) afirmou que a preocupação com o futuro dos filhos fez com que, permitissem

a prática do futebol de campo apenas em função do bom desempenho escolar. Esses pais reconhecem que o bom nível educacional poderá garantir uma melhor condição de vida e inserção profissional, caso a carreira atlética de errado (VAN YPEREN, 1998).

Entretanto, apesar de os atletas demonstrarem preocupações com o término da carreira esportiva, houve indícios de resistências em relação ao planejamento da carreira pós-atlética (Al7, p.69), semelhante aos resultados encontrados por Gorely et al. (2001) e North e Lavallee (2004). De forma semelhante, Wylleman et al. (2007) evidenciaram uma falta de compromisso com o planejamento da carreira pós aposentadoria, percebendo este acontecimento como muito distante para se preocupar naquele momento.

Porém, o planejamento pós carreira é considerado determinante para a adaptação a vida após a carreira esportiva (STAMBULOVA, 1994), e um alto nível educacional pode influenciar nas oportunidades profissionais pós-atléticas (ERPIC, 1998 e WYLLEMAN et al., 1993).

Por outro lado, mesmo aqueles atletas que pensavam em uma carreira após a de jogador de futebol, ainda contavam com a possibilidade de manter-se no contexto esportivo como profissional, técnico, dirigente ou alguma profissão relacionada. Para Mayocchi e Hanrahan (2000) estes dados não surpreendem já que a escolha pela carreira no esporte mesmo após a carreira como jogador pode sugerir que alguns atletas podem não ter desenvolvido habilidades e experiências necessárias para a vida fora do esporte. Assim, estariam confiantes de que o esporte providenciaria ocupações que permitiriam desempenhar habilidades parecidas com as que desenvolveram enquanto atletas.

6.3 CARACTERIZAÇÃO DO MICROSSISTEMA NAS DIFERENTES FASES DA CARREIRA ESPORTIVA.

O desenvolvimento humano, para Bronfenbrenner (1996) se caracteriza como um processo ativo do ser humano na relação com o seu ambiente e nas relações interpessoais que estabelece, participando direta ou indiretamente do mesmo contexto. O ambiente, ou microssistema, é considerado pelo autor como um padrão

de atividades, papéis e relações interpessoais experimentados pela pessoa em desenvolvimento, que facilitam ou inibem a tomada de atividades mais complexas (VIEIRA, 1999).

Partindo da definição de ambiente, o contexto esportivo competitivo de alto rendimento pode ser categorizado como um microsistema por apresentar os elementos necessários, atividades, relacionamentos interpessoais e papéis. Dessa forma, a discussão referente à caracterização do microsistema do futebol de campo dos atletas será apresentada em três tópicos de acordo com a estrutura do microsistema proposto por Bronfenbrenner (1993), atividades, relacionamentos interpessoais e papéis.

6.3.1 Atividades

As atividades podem ser consideradas moleculares ou molares. As atividades moleculares são atividades realizadas pelo indivíduo, mas que por serem efêmeras tem pouco significado. As atividades molares, por sua vez, são comportamentos que apresentam persistência ao longo do tempo e têm importância nas significações para a pessoa em desenvolvimento e para outras pessoas no seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1995).

Neste sentido, os atletas de futebol de campo na fase de experimentação apresentaram atividades molares variadas. As atividades que se destacaram foram a prática do futebol, de outros esportes e os estudos. Nessa fase os atletas ainda não têm o esporte como principal atividade, apesar do futebol começar a adquirir maior importância. A escola representa uma atividade significativa, principalmente por influência parental.

Apresentar comportamentos variados nesta fase vai ao encontro do modelo de Cotè (1999) para o desenvolvimento de atletas, no qual o autor propõe a variabilidade de experiências e a ênfase em vivenciar o divertimento e a agitação por intermédio do esporte. De forma semelhante, Vieira et al. (1998) encontraram a variabilidade de práticas esportivas no desenvolvimento da carreira de um talento da natação, e Vieira (1999) evidenciou a prática de diferentes modalidades como basquete, atletismo, handebol, capoeira, ginástica, futevôlei entre outras nas fases iniciais do

desenvolvimento de talentos do atletismo. Esses resultados foram encontrados ainda por (WUERTH et al, 2004; 2008; FRASER-THOMAS, 2008 e PUMMEL et al., 2008).

Para Vieira (1999), os resultados evidenciam que a prática de diferentes modalidades relatadas pelos talentos parecem auxiliar na formação da base motora necessária para alcançar fases mais elaboradas de desempenho motor. O envolvimento com diferentes atividades esportivas é importante para o desenvolvimento de movimentos básicos fundamentais em jovens, essenciais para a especialização motora em uma modalidade nas fases posteriores (GALLAHUE e OZMUN, 1995).

Por outro lado, na fase de especialização, os atletas já apresentam a preferência pelo futebol de campo, dando maior ênfase ao esporte do que à escola e outras atividades. Entretanto, a escola ainda é importante para os atletas, também devido à influência parental, mas começam a aparecer dificuldades em relação à vida estudante-atleta, com prejuízos no desempenho acadêmico. A diferença encontrada nesta fase com a literatura é a perspectiva de futuro que os atletas percebem com a prática esportiva, auxiliando no maior significado desta atividade, ou de atividades correlatas que proporcionam melhor desempenho atlético. A prática de outros esportes, ou outras atividades, fica restrita ao ambiente escolar, nas aulas de educação física apenas pelo divertimento que esta proporciona.

Ao alcançar a fase de investimento, o atleta já é considerado um jogador de futebol de campo e reconhecido pela sociedade como tal. Dessa forma, as atividades de significado, ou molares, são aquelas relacionadas à prática esportiva. Por outro lado, a escola aparece como atividade molar, mas no caso dos atletas em investimento esse interesse pelo estudo é referente ao retorno à vida acadêmica (AI6, p.71). Após o abandono da escola pela maioria dos atletas desta fase, por uma política do clube e influência parental os atletas retornam às atividades educacionais visando uma formação, objetivando criar alternativas à da carreira esportiva. Entretanto, esta não é a realidade do futebol de campo brasileiro, como destaca Moraes et al. (2001), muitos atletas de futebol abandonam os estudos e os que continuam apresentam defasagem em relação ao nível escolar e a idade.

A importância da prática do futebol, apontada pelos atletas como principal fator motivacional, é entendida por Krebs (1997) como fazendo parte do conteúdo da atividade, que a caracteriza como molar. Dessa forma, o conteúdo da atividade pode ser avaliado a partir do momento psicológico, da complexidade da estrutura da atividade e a complexidade do campo ecológico percebido.

O relato dos atletas demonstrou a iniciativa na escolha de atividades relacionadas ao esporte, assim como a prática do futebol em momentos de lazer e práticas esportivas como recreação. Em muitos casos a iniciação ocorreu por iniciativa própria dos atletas, seguido então de incentivo de pares sociais para a continuidade (AEX8, p.60). Essas características correspondem à definição de Bronfenbrenner (1996) para momento psicológico, o qual é indicado pela iniciativa, concentração, resistência a distração e retomada após interrupção. Segundo Barreiros (2005); Rees (2007) e Fraser-Thomas et al. (2008), a persistência na prática esportiva é determinada por atributos pessoais como motivação, suporte parental e estratégias de enfrentamento (coping).

Outro fator que caracteriza as atividades molares é a complexidade da estrutura, que segundo Bronfenbrenner (1995) é manifestada pelo número de atividades executadas simultaneamente, perspectiva temporal ampliada e presença de sub-objetivos. Segundo Bompa (1995) e Cotè (1999), a complexidade das atividades esportivas aumenta com o desenvolvimento da carreira, tornando necessário o uso de diferentes habilidades motoras para realizar uma atividade. Outra característica evidenciada no depoimento dos atletas é a perspectiva de futuro com a prática do futebol de campo, ampliando a perspectiva temporal de realização da atividade esportiva. Para conseguir alcançar o nível de alto rendimento esperado o atleta passa a formular novos objetivos dentro do objetivo maior como conquistar títulos, melhorar certas habilidades, alcançar destaque (OWEHAND et al., 2008).

Dessa forma, prática esportiva se caracteriza pela complexidade de atividades executadas simultaneamente, perspectiva de crescimento na carreira e futuro no esporte e estabelecimento de objetivos para alcançar a excelência atlética.

No campo ecológico, a atividade molar é concebida pela participação da pessoa em relações interpessoais, eventos em outros ambientes e a modificação ou expansão

do espaço de vida através da fantasia ou reconstrução real do meio ambiente objetivo (BRONFENBRENNER, 1996). Tanto o esporte como a escola proporcionam a participação em sistemas interpessoais, relações são estabelecidas com colegas de sala, colegas de equipe, técnico, professores, profissionais do esporte e estas relações são importantes para o sucesso da carreira esportiva (VIANNA JUNIOR, 2002; WURTH et al., 2004; WYLLEMAN et al, 2004; REES, 2007).

Novamente, o desenvolvimento da carreira evidencia mudança na forma como o esporte é percebido, a perspectiva de continuidade no esporte como profissional vai se tornando sólida ao longo dos anos e essa mudança na percepção proporciona expansão do espaço de vida que caracteriza as atividades molares. Com a prática o atleta conhece novas situações, enfrenta novos desafios, cria novos objetivos e estabelece novas relações. Nesse sentido, Bronfenbrenner (1993) ressalta que as atividades diferem na extensão que evocam objetos, pessoas e eventos não concretamente presentes no ambiente imediato e ainda na capacidade de perceber a atividade no passado e no futuro.

No contexto escolar, evidencia-se também a percepção da importância dos estudos como uma alternativa para a carreira atlética, caracterizando assim a complexidade ecológica da atividade educacional. Nesse sentido, Vieira (1999) ressalta que a participação no ambiente escolar proporcionou o contato do talento com o professor de educação física e outros professores os quais reconhecem a habilidade e o talento do atleta.

A participação em ambientes diversificados influencia o desenvolvimento, através de uma função direta do número de atividades molares que executa e relacionamentos interpessoais (díades primárias) que estabelece com outros, principalmente com outros mais experientes e maduros (pais, professores, técnico), neste caso os grandes ambientes nos quais participam os atletas, são o clube esportivo e a escola.

6.3.2 Relacionamentos Interpessoais

Além das atividades, o ambiente é caracterizado a partir das relações interpessoais que o indivíduo em desenvolvimento estabelece com outras pessoas presentes no ambiente. Para Vieira (1999b), a criança é afetada fortemente pelo que é dito ou feito na presença dos pais, irmãos, professores, treinadores, líderes de clube ou outros pares significantes.

Um relacionamento se estabelece sempre que, em um ambiente, uma pessoa observa a atividade de outra ou participa dela, segundo Bronfenbrenner (1993), assim configura-se uma díade. As díades são importantes para o desenvolvimento humano, e funcionam como base para a formação de estruturas interpessoais maiores (redes de relacionamento).

No estudo com os atletas de futebol de campo pode-se observar que díades foram estabelecidas na fase experimentação entre os atletas, os pais e amigos (da escola, do clube e da vizinhança). Na experimentação os amigos perdem parte da importância, dando lugar para pares sociais do contexto esportivo como outros atletas e profissionais (técnico e/ou professores) (AEX4, p.72). Na última fase do desenvolvimento os atletas passam a confiar mais nos profissionais do esporte que trabalham no clube para auxiliá-los a alcançar o máximo desempenho (AI7, p.72).

A díade entre os atletas e os amigos na fase de experimentação representa a reciprocidade (BRONFENBRENNER, 1993), evidenciada na influência para a iniciação por parte dos amigos. Na experimentação, por outro lado, as relações de amizade são dificultadas porque os atletas passam a morar fora de suas cidades, dentro do clube, o que restringe a relação com os amigos. Vivendo neste ambiente esportivo a relação com outros atletas e os técnicos se intensificam. O equilíbrio de poder é determinante para a relação de díade entre os atletas e seus treinadores, isso ocorre quando um participante é mais influente que o outro e facilita o processo de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito (BRONFENBRENNER, 1996).

O padrão de relacionamentos da fase de especialização se mantém na fase de investimento, com mudanças apenas no aumento das díades com profissionais da área esportiva, entre eles o técnico, preparador físico, fisioterapeuta, dirigentes e psicólogos (WYLLEMAN et al., 2007). Entretanto, os familiares aparecem como principais díades dos atletas desde a fase de experimentação, são os membros da

família que parecem ser os modelos mais importantes para a participação esportiva, destacando-se em relação aos companheiros de clube, amigos de escola ou profissionais do esporte (VIEIRA, 1999).

Esses dados vêm ao encontro dos resultados do estudo, no qual se evidenciou os pais como primeira díade primária estabelecida pelos atletas. Segundo Bronfenbrenner (1995) a díade primária é aquela que continua a existir para ambos os participantes mesmo quando estes não compartilham o mesmo local físico, ambos são alvos de fortes sentimentos emocionais e continuam a influenciar o comportamento um do outro mesmo quando separados. Vieira (1999) encontrou dados semelhantes com atletas de atletismo sobre o papel do professor de educação física na detecção do talento, o professor foi uma das pessoas que auxiliou no desenvolvimento destes atletas.

A relação entre o atleta e o técnico também apresentou referências à díade primária, com o relato de atletas que tem o técnico como principal agente social reforçador. Entretanto, as relações entre atleta/companheiros e atleta/amigos, enfatizada pela literatura como importante para o desempenho e desenvolvimento atlético (Rees, 2007; Holt, 2008; Gould et al., 2008; Ullrich-French e Smith, 2009), configurou díade conjunta, que para Bronfenbrenner (1995) são dois participantes que se percebem como fazendo uma atividade juntos, podendo ser atividades complementares.

Nas fases de especialização e investimento as relações com companheiros de clube não foram evidenciadas como principais, perdendo espaço para o relacionamento familiar. Especificamente na fase de especialização os atletas relataram dificuldades de relacionamento com os outros atletas devido à “inveja” e “falsidade” que encontravam, muitos atletas mentiam idade e criavam intrigas para conseguir posições na equipe. Já na fase de investimento levanta-se a hipótese de que as mudanças de clube são feitas com frequência, mudando assim de cidade e de ambiente, o que proporciona a dificuldade de estabelecimento de vínculos com os companheiros de clube. Esse tipo de relação estabelecido com os outros atletas do clube favorece relações afetivas ambivalentes, que segundo Bronfenbrenner (1993) são sentimentos mais pronunciados em relação ao outro com os quais praticam atividades conjuntas.

O estabelecimento de díades é importante para o processo de desenvolvimento porque, segundo Bronfenbrenner (1996), tanto a aprendizagem como o desenvolvimento são facilitados pela participação da pessoa em crescimento em padrões progressivamente mais complexos de atividade recíproca com outras pessoas com as quais criou um apego emocional sólido e duradouro e quando o equilíbrio de poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento. Nesse sentido, Carravetta (2001) coloca que cada jogador percebe seu comportamento condicionado pelo julgamento do grupo ao qual se sente inserido.

Outro aspecto dos relacionamentos interpessoais destacado por Bronfenbrenner (1993) é a influência direta de terceiras pessoas sobre a interação entre os membros de uma díade, o efeito de segunda ordem. Ullrich-French e Smith (2006) comprovaram a influência dos pais na relação diádica atleta/técnico. Os atletas evidenciaram a importância do suporte parental para a continuidade da prática esportiva, alguns atletas na fase de especialização relataram também depender do suporte parental pra continuar morando no clube e conseguir se relacionar com os outros atletas.

Entretanto, o efeito de segunda ordem pode ser inibidor do desenvolvimento, como ressalta Bronfenbrenner (1996), as mudanças temporárias (viagens, mudanças no plantel de atletas e treinadores) quando duradouras (trocar de clube, de modalidade) no ambiente podem produzir efeitos de segunda ordem. Como exemplo está a mudança de cidade para jogar, nos atletas em especialização e investimento dificultam os relacionamentos interpessoais.

6.3.3 Papéis

Um papel é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição em um ambiente, e de expectativas de outros pares sociais em relação àquela pessoa. Assim, é possível atribuir papéis as pessoas de acordo com a posição que ocupa e este papel influencia radicalmente no tipo de atividade e relacionamentos aos qual o indivíduo engaja, alterando o curso do seu desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1993).

Retomando os conceitos de atividade e relacionamentos interpessoais (BRONFENBRENNER, 1993), todas as posições sociais trazem atreladas expectativas de papel, como uma pessoa deverá agir ao assumir tal posição, ou ainda como os outros membros do ambiente devem agir em relação a essa pessoa. Essas expectativas do papel atribuído a um indivíduo abrangem às atividades que este irá executar (atividades molares) e os relacionamentos que estabelecerá com pares sociais (díades).

Para os atletas do estudo, o papel evidenciado em todas as fases foi o de atleta, o qual corresponde com as atividades e relacionamentos engajados. Entretanto, na fase de experimentação, por estar iniciando na prática esportiva sistematizada, o atleta ainda apresenta os papéis de filho e estudante (AEX9, p.72). Nessa fase, apesar da importância do futebol de campo reconhecida pelos atletas, outras atividades também remetem a papéis para os atletas, como a presença na família e a frequência à escola.

Na fase de experimentação, por sua vez, os atletas já definem o papel de atleta como único. Os jogadores ainda frequentam a escola e dependem do suporte parental, mas já moram sozinhos (no clube) e tomam decisões por si mesmos, se mostram autônomos e focados na prática do futebol como prática de vida (AES3, p. 72). Com os atletas na fase de investimento ocorre o mesmo, mas com maior definição do papel de atleta em relação à fase anterior. Os papéis são referentes às atividades e relacionamentos que os atletas apresentaram, com dedicação a práticas voltadas para o futebol, ou práticas que auxiliam no desenvolvimento do futebol (“é bom estudar, pois atleta analfabeto não consegue assinar um contrato” AES1). Neste sentido, os relacionamentos parecem estar restritos ao ambiente esportivo faltando neste contexto reciprocidade, equilíbrio de poder e relações afetivas positivas, fundamentais para a formação de estruturas mais amplas para o desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

Resultados semelhantes foram encontrados por Moraes (2004) que analisou a trajetória esportiva de atletas de futebol e influência parental. Os atletas na fase de investimento já estavam focados na carreira atlética, distante dos pais devido a viagens e morando em cidade diferente. Pummel et al. (2008) e Lally (2007) também relatam que atletas que realizaram a transição para fases referentes à de

investimento também apresentaram maior comprometimento com o papel de atleta em detrimento aos demais.

Para Bronfenbrenner (1995) o conceito de papel envolve uma integração dos elementos atividade e relações em termos do esperado pela sociedade. Essas expectativas são definidas no nível da cultura e subcultura, enraizado no macrossistema de ordem mais elevada, com influência a partir das estruturas institucionais e a ideologia estabelecida entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente. Portanto, a cultura do futebol, elemento forte no contexto brasileiro está enraizada na cultura que prega uma determinada forma de vestir, freqüência a casas noturnas, utilização de utensílios de grife como relógios, brincos, pulseiras, valiosos carros esportivos (CARRAVETTA, 2001). Essa cultura (macrossistema) determina o comportamento de atletas em ascensão, com relatos de atletas em fase de investimento que não sonham com desenvolvimento e sucesso da carreira esportiva, mas sim com a compra de carros e destaque social (Al6).

Assim, atletas de grande sucesso e inserção internacional ditam a estrutura do papel (atividades e relacionamentos interpessoais) transformando esse papel em um elemento da cultura que influencia os comportamentos do atleta em formação.

Outro aspecto levantado por Vieira (1999b) em relação ao papel atribuído ao indivíduo refere-se aos atributos do papel. A colocação de pessoas em papéis sociais em que se espera que tenham atitudes competitivas como a de atleta que tendem a eliciar e intensificar atividades, relacionamentos interpessoais que sejam compatíveis com esta expectativa. Representando este fato, houveram relatos de atletas que sentiam dificuldade em se relacionar (falta de reciprocidade e relação afetiva positiva) com outros atletas devido a inveja e mentiras que percebiam, indicando que o papel pode eliciar comportamentos negativos (AES9, p.64).

No caso do esporte, o atleta assume um papel de grande destaque para a sociedade, este papel será determinado pelas expectativas de toda a sociedade. Especificamente, espera-se de um atleta que tenha certos atributos que auxiliarão no desempenho das atividades e no estabelecimento dos papéis. Entre estes atributos, espera-se de um talento esportivo que seja autodeterminado (PELLETIER et al, 1995; SARRAZIN et al., 2002; VALLERAND, 2007; VISSOCI et al., 2008),

possua uma variedade de estratégias de coping (GOULD et al., 1993; PARK, 2000; PENSGAARD e DUDA, 2003), tenha suporte parental (autores), perfil ajustado de perfeccionismo (DURAND-BUSH e SALMELA, 2002; SALMELA et al., 2000, REES, 2007), orientação para a prática esportiva positiva (CHANTAL et al, 2005; VISSOCI et al, 2008, SHIELDS et al., 2007) e orientação de objetivos para a maestria (KEEGAN et al, 2008; STUNTZ e WEISS, 2009)

O desenvolvimento humano, para Bronfenbrenner (1992), é facilitado pela interação com pessoas que ocupam diversos papéis e também pela participação do próprio sujeito em um repertório amplo de papéis. Contudo, o que se observa no esporte é a delimitação e restrição dos papéis ao atleta e a preferência deste em detrimento aos demais.

Nesse contexto, o mesmo autor levanta uma preocupação com o desenvolvimento do ser humano. Para Bronfenbrenner (1993), a importância da experimentação de diferentes papéis ao longo do desenvolvimento humano é necessária para que este possa assumir estes papéis na sociedade na vida adulta. O brincar de forma diversificada proporciona essa vivência em diferentes papéis e facilita o desenvolvimento de habilidades. Por outro lado, a restrição de atividades como ocorre com atletas, ou estudantes que permanecem por longo tempo nos estudos pode dificultar o desenvolvimento, reduzindo o acervo de habilidades dos sujeitos.

Atualmente, uma corrente da psicologia do esporte defende a necessidade de se trabalhar o envolvimento esportivo como uma atividade que proporcione o desenvolvimento de habilidades que possam ser transferidas para outras esferas da vida (JONES e LAVALLEE, 2009). Esta perspectiva concorda com a proposta de Bronfenbrenner de um modelo de intervenção baseado na vivência de papéis em crianças ou mudanças nas expectativas tradicionais de papéis desencadeando novas atividades e novos padrões de interação social.

Finalizando, Danish et al. (1995), Miller e Kerr (2002) afirmam que a busca pela excelência esportiva e para desempenho em alto nível não precisa ocorrer ao custo do desenvolvimento da excelência pessoal, e ainda, que é possível promover o desenvolvimento de habilidades sociais nos atletas que facilitem a vida fora do contexto esportivo. Na perspectiva ecológica de Bronfenbrenner (1993), tal objetivo

pode ser alcançado pelo incentivo à experiência de papéis diversificados por parte da pessoa em desenvolvimento.

6.4 RELAÇÃO ENTRE OS ATRIBUTOS PESSOAIS E OS STATUS DE IDENTIDADE DOS JOGADORES DE FUTEBOL DE CAMPO DA FASE DE INVESTIMENTO.

O esporte é o principal ambiente de desenvolvimento dos atletas, entende-se que as atividades, relacionamentos interpessoais e papéis estabelecidos nesse contexto terão influência no desenvolvimento do indivíduo (BRONFENBRENNER, 1993). Dessa forma, objetivou-se relacionar o status de identidade dos atletas de futebol de campo com os atributos pessoais levando-se em consideração a influência do contexto em diferentes fases da carreira esportiva.

Na perspectiva de Erikson (1968) a principal tarefa do ser humano no seu desenvolvimento psicossocial é a formação de um senso de identidade coerente. Berzonsky e Ferrari (1996) afirmam que esta estrutura de identidade serve como um guia para a interpretação das experiências pessoais, para a forma como são utilizados como lidamos com as demandas e problemas no curso da vida. É o senso de identidade que serve como base para o enfrentamento de questões referentes à motivos, significados e direcionamentos da vida do ser humano ao longo do seu ciclo de vida (BERZONSKY, 1994).

Pôde-se observar que entre os atletas entrevistados o status de identidade com maior frequência foi o de execução da identidade, seguido do status de conquista (Quadro 6). Os outros status (moratória e difusão da identidade) não foram identificados nos atletas de futebol de campo.

Com relação ao status de execução não há referências a períodos de exploração anteriores ou atuais, existindo, contudo investimentos e comprometimento que derivam diretamente da influência de pessoas significativas para o sujeito (MARCIA, 1966). Sujeitos caracterizados por esse status aceitam com facilidade o que outros pares sociais dizem com relação à valores e crenças, gostam de agradar as pessoas consideradas como figuras autoritárias, não fazem escolhas autônomas, independentes da vontade dos pares (RAMALHO, 2003). Indivíduos em execução

mantêm relações de proximidade com figuras parentais, são rígidos em relação às suas próprias atitudes e intolerantes em relação à atitude dos outros, e têm dificuldade de se diferenciar das figuras parentais (BERZONSKY, 2004).

Berzonsky (2002) relata que indivíduos em status de execução utilizam um estilo normativo para abordar situações de decisão, apoiando-se em normas, crenças e valores pré-estabelecidos principalmente, oriundos da relação com figuras parentais. São indivíduos fechados para informações que possam ameaçar aspectos do *self* como valores e sistemas de crenças (BERZONSKY e SULLIVAN, 1992).

O status de execução é considerado um status pouco desenvolvido porque, apesar de apresentar comprometimento, a exploração e o desenvolvimento são prejudicados. Erikson (1968) chamou de consequência negativa (rigidez, inflexibilidade e falta de resiliência), essas consequências ocorrem quando o sujeito falha em se engajar no processo de auto-exploração, especificamente em casos de definição prematura (comprometimento) pelas circunstâncias ou porque autoridades os fizeram se comprometer.

Os atletas de futebol de campo caracterizados como em status de execução relataram baixa auto-exploração, evitam situações que levem a crises, resposta à expectativa dos pares significativos, senso coletivos de auto-definição, aceitação com facilidade a opinião dos outros, relação de proximidade com a figura materna e alto comprometimento com a prática esportiva (Quadro 6, A14, p.67).

As características dos status evidenciados nos atletas vão ao encontro das características encontradas em indivíduos com o mesmo status (execução) de diferentes populações. Adams (1999) afirmou que pessoas em execução da identidade estão preocupadas em internalizar e seguir regras e padrões sociais já estabelecidos. Berzonsky e Kuk (2005) também enfatizaram que pode-se esperar de indivíduos com alto comprometimento prematuro e auto-exploração limitada que legitimem uma visão autoritária e possuam valores e crenças rígidas e inflexíveis, evitando situações que levem a encarar discrepâncias nos seus sistemas de valores.

Indivíduos em execução de identidade apresentaram ainda referências à auto-definição coletiva, relacionando às vontades e objetivos a idéias coletivas como

vindo da família, da religião, do grupo social (BERZONSKY e ADAMS, 1999; DOLLINGER et al., 2005). De forma semelhante, Berzonsky (1994) afirmou que o status de execução enfatiza consideração que levem em conta o pensamento do grupo ao invés do próprio sujeito.

No campo acadêmico, Berzonsky e Kinney (1995), Berzonsky e Kuk (2005) apontam que estudantes em execução da identidade apresentaram um senso claro de objetivo e direção, tinham comprometerimentos estáveis e planos de carreira focados, entretanto apesar dos estudantes se mostrarem bem estruturados no contexto educacional, falharam em autonomia e no estabelecimento de relacionamentos interpessoais maduros. Como foi demonstrado pelos atletas que apresentaram dificuldade em estabelecer relacionamentos com colegas de equipe e autonomia nas decisões, apesar de serem comprometidos com a carreira e ter idéia clara de que querem se tornar atletas de sucesso (Quadro 6).

Nesse sentido, entrevistas com adolescentes brasileiros estudantes apontaram que naquele grupo houve interesse em postergar as decisões e ficar mais tempo da dependência dos pais, adiando o comprometimento e a exploração (status de difusão da identidade) (SCHOEN-FERREIRA et al., 2003). No caso dos atletas, a necessidade por comprometimento já aparece nas fases iniciais do desenvolvimento da carreira atlética, não possibilitando o processo exploratório (status de execução).

Ao analisar as transições na carreira atlética, observa-se que o comprometimento com a prática esportiva já se inicia na fase de experimentação, na fase de especialização os atletas abdicam de outras atividades focando na prática do futebol de campo, resultando na profissionalização com 16 anos na fase de investimento. O comprometimento e as demandas do contexto esportivo dificultam o processo de auto-exploração e assim o desenvolvimento da identidade dos atletas. Neste contexto, comportamentos como responder à expectativa dos pais ou evitar situação de crise como decisões sobre carreira ou mudança de atividade aparecem em atletas no status de execução (Quadro 6).

O status de conquista é definido por Marcia (1966) como um estágio que se desenvolve após um período de exploração e de crise resolvido de forma satisfatória, que possibilita a realização de investimentos e comprometerimentos firmes

e duradouros no sentido da consolidação de uma identidade coesa e estável. Na perspectiva de Erikson (1998) neste nível o atleta opera de forma autônoma, auto-regulada, com ênfase em valores e padrões pessoais, autocrítica, objetivo e comprometer-se escolhidos independentemente.

Os atletas de futebol de campo que apresentaram o status de conquista de identidade demonstraram características de enfrentamento de crise, autonomia e capacidade de enfrentamento, evidenciando um senso pessoal de auto-realização, planejando e estabelecimento de metas para o futuro se comprometendo com este plano, alto comprometimento com a prática do futebol, confiança e otimismo em relação ao futuro (Alf, p. 68).

Percebe-se nos indivíduos em status de conquista de identidade, o processamento e avaliação de informações relevantes sobre o próprio indivíduo. São sujeitos com interesse em aprender coisas novas (BERZONSKY, 2008), motivados para descobrir e experimentar novas situações e abertos para novas idéias (DURIEZ et al., 2004). Estudos como o Berzonsky (1994) indicam que este status está relacionado com a auto-exploração, identidade definida por atributos pessoais, introspecção (BERZONSKY e SULLIVAN, 1992) e um estilo baseado na busca por informações para lidar com situações de crise (BERZONSKY e NEIEMEYER, 1994; BERZONSKY, 1994, 2008).

A predominância dos status de execução e de conquista pode ser explicada pelo fato de que em ambos os status a variável comprometimento é presente (Quadro 7), com a diferença de que no status de execução o indivíduo não enfrentou um momento de crise, o qual leva a exploração do ambiente e do próprio sujeito, o que ocorre no status de conquista (MARCIA, 1966; ERIKSON, 1968, 1998; BERZONSKY e ADAMS, 1999, BERZONSKY, 2008)

Assim, pode-se observar que o comprometimento é determinante para a permanência do atleta no contexto esportivo, este fato se justifica visto às demandas que o esporte apresenta para a transição com sucesso entre as fases de experimentação, especialização e investimento, tanto no domínio atlético, psicológico, psicossocial e como no acadêmico. Contudo, o comprometimento, por ser necessário já nas fases iniciais do desenvolvimento atlético, principalmente, pela

internalização dos valores, crenças e desejos de figuras sociais significativas, prejudicando o desenvolvimento do atleta em outros domínios e também da identidade.

Luyckx et al. (2006) aponta que o comprometimento está associado com o auto-conceito, consistência interna e estabilidade. Indivíduos em status de identidade com altos índices de comprometimento, como no caso dos atletas, apresentam estabilidade emocional e da percepção de si pelo outro. Outro fato é de que o comprometimento está associado com o bem-estar psicológico e ajustamento social (LUYCKX et al, 2005), e que o relacionamento positivo entre adolescentes e as figuras parentais favorecem o comprometimento (MEEUS et al., 2002).

Entretanto, as diferenças entre os status de execução e de conquista estão na forma como o comprometimento foi estabelecido, na execução o comprometimento é feito de forma precoce, anteriormente ao um momento de exploração. No caso da aquisição da identidade, evidencia-se a predisposição para despende de esforço cognitivo para processar as informações e definir a melhor opção de comprometimento (BERZONSKY, 2008).

A principal diferença entre os status de identidade de execução e conquista está na capacidade de lidar com a exploração. No caso dos indivíduos que utilizam uma abordagem que busca informações e as processa para a tomada de decisão têm melhor disposição para lidar com os problemas, transições, utilizando o que Marcia (1966) chamou de ciclo conquista-moratória-conquista-moratória. Este ciclo marca o surgimento de um momento de crise que leva a exploração (voltando ao status de moratória) e conseqüente comprometimento (volta ao status de conquista). No caso do status de execução, o indivíduo luta para fugir de momentos que possa levar ao surgimento de crises, evitando a exploração, restringindo o desenvolvimento (BERZONSKY e ADAMS, 1999).

Dessa forma, pode-se observar a diferença entre os atributos pessoais dos atletas com características de status de execução da identidade e dos atletas com características de status de conquista da identidade. Os atletas com características de execução apresentaram motivações extrínsecas como estilos motivacionais (pouco autodeterminados), pouca variabilidade de estratégias de coping com foco no

confronto com adversidades e estilos parentais de suporte, mas também de superproteção (Quadro 6).

Os atletas com características de conquista da identidade, por sua vez, demonstraram o predomínio da motivação intrínseca (autodeterminados), estratégias de coping diversificadas e estilos parentais de suporte. A relação entre a autodeterminação e o status de identidade pode ser explicada pelo fato de que atletas em status de conquista passaram por fases de exploração e assim tem o comprometimento (prática do futebol de campo) como uma escola própria, percebida como autônoma e independente. No caso do status de execução o comprometimento é realizado a partir de reforço social assim a motivação para a prática também é focada na regulação externa, introjeção e identificação. Nesse sentido Deci e Ryan (1991) apontam que indivíduos com status de execução podem internalizar valores e objetivos visando obter reconhecimento de pares significativos

Soenens et al. (2005) evidenciou resultados semelhantes com indivíduos em conquista e em execução. Verificaram-se indivíduos em execução como mais dependentes de autoridades e grupos, e determinados por fatores sociais do que sujeitos em conquista que se mostraram mais autodeterminados. De forma semelhante, Berzonsky e Neiemeyer (1994) averiguaram que indivíduos em execução e difusão da identidade têm dificuldade em adotar uma perspectiva autodeterminada.

Com relação às estratégias de coping, estudos (BERZONSKY, 1992; BERZONSKY et al., 1999; BERZONSKY e KUK, 2000; SOENES et al., 2005) apontam que pessoas em execução da identidade apresentam estratégias de coping focadas na emoção, estratégias que utilizam o controle emocional como principal forma de lidar com o estresse, enquanto indivíduos em conquista da identidade utilizam preferencialmente estratégias de coping focadas na tarefa, enfrentando o estresse e modificando a tarefa para solucionar o problema.

Os resultados da pesquisa (Quadro 6) demonstram que a estratégias escolhida por atletas em execução é o confronto com adversidades que por definição está relacionada ao controle emocional, enquanto os atletas em conquista, além de estratégias emocionais (confronto com adversidades, confiança e motivação)

utilizam estratégias focadas na tarefa como a dedicação nos treinos frente a dificuldades com o contexto esportivo (treinabilidade) e render e se dedicar o máximo em situações de dificuldade (rendimento máximo sobre pressão) (SMITH et al., 1995).

Finalizando, o suporte parental foi evidenciado nos atletas em conquista da identidade e em execução, entretanto no último também foi observado o estilo de superproteção materna. O vínculo entre o sujeito e seus pais favorece a autonomia, o desenvolvimento de competência e o apoio para a individualidade favorecendo a formação da identidade (VLEIROAS e BOSMA, 2005; BEYER e GOOSSENS, 2007).

Especificamente no contexto esportivo, problemas com a identidade foram associados com dificuldade com a transição para fora do esporte (aposentadoria), entretanto estudos como (STEPHAN et al., 2003, ALFERMANN et al, 2004; LALLY, 2007; LAVALLEE e ROBINSON, 2007; PUMMEL et al., 2008) levantaram a importância da identidade dos atletas para o desenvolvimento da carreira e da pessoa. Nesse sentido, evidências da influência do contexto do futebol de campo foram encontradas ao longo do desenvolvimento dos atletas. Alto comprometimento em fases iniciais do desenvolvimento atlético, prejuízo nos relacionamentos interpessoais, distanciamento familiar, dificuldades na vida escolar foram observadas nas transições ao longo de diferentes fases da carreira esportiva que pode ter atuado no status de identidade dos atletas.

O microsistema dos atletas apresentou menor número de atividades desempenhadas ao longo da carreira, foco dos relacionamentos interpessoais no contexto esportivo e restrição dos papéis adotados pelos atletas. Essas características das transições e do ambiente podem ter influenciado na identidade dos atletas da fase de investimento, com predomínio do status de execução e alguns casos de conquista da identidade. A vivência no contexto esportivo favorece o desenvolvimento de habilidades voltadas para o esporte como a motivação esportiva e habilidades atléticas de coping (Tabela 1 e 2), entretanto, a preocupação está na formação do atleta para a vida fora do contexto esportivo e a identidade é uma das variáveis que pode determinar a relação entre o atleta e o contexto social fora do esporte (Quadro 6).

7 CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi investigar a influência do contexto esportivo no status de identidade dos atletas de futebol de campo. Para tanto foram identificados os atributos pessoais dos atletas, caracterizadas as transições durante a trajetória da carreira esportiva e o ambiente do futebol de campo nas diferentes fases da carreira atlética, e relacionados os status de identidade dos atletas com os atributos pessoais levando em consideração o contexto.

Os atletas foram investigados em três fases de formação esportiva: experimentação, especialização e investimento. Na fase de experimentação os atletas demonstraram atributos pessoais que indicam dificuldades em discernir entre o estilo motivacional intrínseco e extrínseco, influenciando na autodeterminação. As estratégias de coping apresentadas pelos atletas foram limitadas, evidenciando menor capacidade de confronto com situações estressantes no esporte. Nesta fase, evidenciou-se ainda a percepção de suporte por parte dos pais, entretanto, maior rejeição por ambas as figuras parentais e maior superproteção materna também foram constatadas.

O período de transição da fase de experimentação foi marcado pela percepção de melhora técnica no domínio atlético com a prática sistematizada. Os atletas percebem o futebol de campo como uma atividade com importância para o contexto em que vivem, possibilidade para um estilo de vida melhor, percepção esta que auxilia na preferência pela prática do futebol de campo em detrimento a outras atividades, inclusive em momentos de lazer, evidenciando o início do comprometimento com o esporte.

Os pais nesta fase de experimentação representam importantes pares sociais para os atletas da faixa etária de doze/treze anos, influenciando no engajamento com o esporte e na continuidade da prática. Entretanto, os atletas parecem internalizar as expectativas dos pais frente à carreira atlética e acabam buscando atender às mesmas com o sucesso no esporte e auxílio financeiro à família. Assim, a procura por ser atleta profissional de futebol de campo se torna um objetivo já nesta fase, ressaltando a preferência pelo esporte em relação aos estudos ou outra carreira

vocacional, apesar da constatação da importância da escola para o desenvolvimento do indivíduo.

O microsistema, na fase de experimentação, foi caracterizado pela variedade de atividades molares engajadas (futebol, outros esportes e escola), o que representa maior complexidade da tarefa executada e complexidade ecológica (ampliando o microsistema através de conexões com outros ambientes). Os relacionamentos interpessoais se limitavam aos amigos fora e dentro do futebol de campo, e aos familiares, evidenciando a formação de díades com elementos do contexto esportivo. Dessa forma, os papéis eram focados no padrão de atividades molares executadas e díades estabelecidas, resultando nos papéis de estudante, atleta e filho.

Os atletas da fase de especialização apresentaram atributos pessoais com estilo motivacional de maior autodeterminação, percebendo a prática esportiva como uma atividade que proporciona sensações estimulantes (motivação intrínseca para experiências estimulantes). A forma de lidar com as situações estressantes (estratégias de coping) mais utilizada pelos atletas foi a dedicação aos treinamentos e preocupação com os conselhos do técnico, visando sempre melhorar o desempenho (treinabilidade). Os atletas nesta fase perceberam suporte por parte dos pais durante a criação, mas receberam maior rejeição parental quando comparados aos atletas em investimento.

A transição experienciada na fase de especialização se caracteriza pela perspectiva de futuro dentro do futebol de campo, momento em que os atletas passam a jogar como profissionais e moram no clube. O comprometimento com o futebol aumenta em detrimento à atividade escolar, os treinamentos passam a ter frequência diária, as competições ocorrem regularmente e a demanda do contexto faz com que a dedicação ao esporte se intensifique. Todas as mudanças neste período parecem resultar em dificuldades com a transição para o profissional. Dificuldades com relacionamentos interpessoais entre amigos fora e dentro do clube, e problemas com o distanciamento da família parecem auxiliar na maturidade dos atletas, proporcionando maior responsabilidade e autonomia nos comportamentos cotidianos.

O valor do futebol de campo para a cultura brasileira funciona como uma estratégia de coping que legitima e justifica a dedicação à carreira esportiva. Nesta fase o profissional de educação física aparece como um par social significativo que, junto com a família, proporciona incentivo e suporte para o atleta enfrentar as demandas do contexto. Por outro lado, a expectativa da família com o desenvolvimento do atleta também se intensifica, tornando-se presente no depoimento dos atletas como um forte fator motivacional representado na vontade de auxiliar a família financeiramente.

Com o decorrer da fase de especialização contactou-se a dificuldade com a manutenção da vida estudante-atleta, resultando em alguns casos no abandono da carreira acadêmica, apesar dos atletas perceberem os estudos como uma alternativa à carreira esportiva mal-sucedida e criarem a expectativa de finalizar os estudos, confirmando a hipótese conceitual de que o decorrer da trajetória da carreira esportiva aumentaria o comprometimento com o domínio atlético, maior busca por autonomia, família como par social e dificuldades com o domínio acadêmico.

Os atletas apresentaram a prática de atividades molares diferentes como o esporte e a escola, entretanto percebe-se o início da restrição das práticas ao futebol, diminuindo a execução de outros esportes em horários fora das aulas de educação física. Constatou-se que a escola continua como atividade molar devido à importância que esta tem para os pares sociais significativos (pais). Devido à mudança de cidade e ao comprometimento com o futebol, os relacionamentos interpessoais se restringem ao contexto esportivo e à família, e outro aspecto a destacar são os padrões de relações afetivas estabelecidos entre os atletas e os companheiros de clube, os quais apresentaram caráter negativo, dificultando o desenvolvimento. Observa-se que nesta fase o papel de atleta se sobrepõe aos demais, o sujeito é percebido por si e pelos outros como um jogador de futebol e, portanto, age como tal em outros contextos como na escola e no ambiente familiar.

Foi possível observar que, no decorrer das transições entre as fases de experimentação e especialização, os atletas que alcançam a fase de investimento são aqueles com maior índice de auto-determinação, com diferença clara entre os motivos intrínsecos e extrínsecos, confirmando a hipótese conceitual de que os

atletas de futebol de campo apresentariam estilos motivacionais mais autodeterminados ao longo da carreira esportiva. Entretanto, nesta fase o atleta tem na carreira esportiva a profissão que lhe provém o sustento para si e para o auxílio de sua família, e sendo assim, motivos extrínsecos como salários, reconhecimento e conquistas assumem importância nos estilos motivacionais dos atletas.

Os atletas foram capazes de desenvolver habilidades atléticas de coping específicas e diversificadas para o contexto esportivo, mostrando que para atingir esta fase é necessário possuir uma variabilidade de estratégias para lidar com as demandas do futebol de campo. Estes atletas foram, ainda, os que se perceberam com maior suporte parental, menor rejeição e menor superproteção, indicando que o suporte parental é determinante para a continuidade da carreira, o que confirma a hipótese conceitual do estudo.

A profissionalização alcançada neste período marca a transição entre a fase de especialização e investimento. A preferência pelo futebol de campo em relação a outras atividades permanece, definindo o futebol como a principal atividade dos atletas, a qual proporciona satisfação com o papel de jogador de futebol de campo enraizada na melhor capacidade de lidar com as dificuldades provenientes do contexto. O contato com a prática do esporte parece permitir aos atletas ter experiências que promovam a maturidade e a autonomia, os quais parecem emergir devido à demanda ambiental do contexto esportivo.

O comprometimento com o contexto esportivo na fase de investimento resulta na restrição das atividades molares executadas, focando apenas naquelas relacionadas ao futebol de campo. Desta forma, dificulta-se a realização de atividades extras ao futebol de campo como a escola, evidenciando problemas na carreira acadêmica e no planejamento da carreira profissional após o término da prática do esporte. Contudo, constatou-se também um movimento por parte dos atletas para o retorno às atividades educacionais influenciados principalmente pela família e pelo clube de futebol, o que parece ser um reconhecimento da importância do comprometimento do atleta com outros domínios, favorecendo assim o desenvolvimento de habilidades e a experimentação de papéis diferentes daquele de atleta, que podem auxiliá-lo também na prática esportiva.

Apesar de demonstrarem maior autonomia de decisões e independência nesta fase da carreira esportiva, os atletas apresentaram forte necessidade de suporte familiar para a continuidade na prática do esporte, tendo como principais pares sociais os membros da família e da comissão técnica. Dessa forma, o estabelecimento de relações diádicas se limita à família e a profissionais do contexto esportivo, destacando-se aqui a dificuldade nos relacionamentos interpessoais com companheiros de clube e com pessoas de outros contextos. Portanto, com a restrição das atividades à prática esportiva e dos relacionamentos interpessoais ao contexto do futebol de campo e familiar, o papel dos atletas limita-se ao ser atleta, o qual produz satisfação por ter extremo reconhecimento social e profissional, confirmando a hipótese conceitual de que os atletas apresentariam pouca diversidade nas atividades, restrição nos relacionamentos interpessoais e papéis limitados à vida de atleta.

Em relação aos status de identidade evidenciados nos atletas de futebol de campo da fase de investimento predominaram os status de execução e conquista. Os atletas no status de execução se mostraram menos autodeterminados (motivados extrinsecamente), com menor capacidade para lidar com situações ameaçadoras e, apesar da percepção de suporte por parte dos pais, perceberam ser superprotegidos pelos mesmos, dificultando a autonomia e independência. Os atletas com status de conquista demonstraram maior autodeterminação, dispendo de diversas estratégias para lidar com as demandas do contexto e com suporte dos pais, confirmando a hipótese conceitual de que o predomínio seria do status de execução.

Ambos os status de identidade referem-se ao alto comprometimento com a prática esportiva, entretanto os atletas no status de conquista apresentaram maior capacidade de lidar com situações que levam a crises e exploração. Os atletas de execução apresentaram alto comprometimento com o esporte possivelmente devido à internalização de expectativas parentais, dificultando a tomada de decisão e enfrentamento. O contexto esportivo parece proporcionar o desenvolvimento de um comprometimento exacerbado com a prática esportiva em idades nas quais o atleta está enfrentando o processo de experimentação e auto-exploração. Deste modo, as características do contexto podem influenciar no desenvolvimento do atleta restringindo suas experiências, relacionamentos interpessoais e vivência de papéis,

acabando por prejudicar o envolvimento com outros domínios, tais como a carreira acadêmica.

Assim, nos padrões atuais do futebol de campo brasileiro, para o alcance da excelência no futebol de campo parece necessário um alto comprometimento com o esporte em idades jovens restringindo outros domínios do desenvolvimento, podendo influenciar no status de identidade dos atletas e na continuidade do ciclo de vida.

Os dados obtidos no estudo apontam para a importância da prática da Psicologia no contexto esportivo. Programas de desenvolvimento da carreira do atleta como um todo, em todos os domínios, proporcionando meios para a formação da identidade dos atletas, podem ser criados e estruturados seguindo modelos já existentes em outros países. Especificamente no futebol de campo, discute-se na literatura que atletas desenvolvidos de maneira holística podem apresentar melhor desempenho e alcançar a excelência esportiva. Sugerem-se então pesquisas que comprovem a relação entre a identidade do atleta e o desempenho na carreira.

No entanto, considerando o objeto de estudo da Psicologia, caberia assim aos psicólogos primarem pelo desenvolvimento da subjetividade do ser humano, visando a saúde mental e a excelência. Para tanto, recomenda-se com este estudo voltar o olhar ao atleta como um ser humano em sua complexidade, que evolui continuamente em diferentes domínios que não apenas o atlético. Assim, profissionais da área da Psicologia devem advogar para o desenvolvimento humano de indivíduos envolvidos com o esporte, desde as faixas etárias mais jovens até o momento da aposentadoria da prática esportiva e continuidade da vida.

Frente às considerações do trabalho, percebe-se que o esporte pode influenciar no desenvolvimento do indivíduo em diferentes áreas da vida que não apenas a atlética. A influência dos pais, companheiros de clube, amigos, irmãos e do técnico no desenvolvimento atlético vem sido investigada, desta maneira, sugerem-se estudos que abordem o desenvolvimento pessoal do atleta focando nos domínios psicológico e acadêmico. Por outro lado, indicam-se ainda pesquisas com caráter longitudinal, as quais poderão identificar o processo de desenvolvimento de atletas ao longo das transições entre as fases da carreira atlética, analisando a influência

destas nos status de identidade dos mesmos. Finalizando, sugere-se a utilização do paradigma bioecológico em estudos de desenvolvimento de talentos esportivos investigando a influência do contexto, formas de intervenção baseadas em vivências de papéis diversificados ou focadas na reciprocidade, equilíbrio de poder e relações afetivas positivas entre os atletas.

REFERÊNCIAS

ALFERMAN, D.; STAMBULOVA, N.; ZEMAITYTE, A. Reactions to sport career termination: A cross-national comparison of German, Lithuanian, and Russian athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.5, p. 61-75, 2004.

AMIOT, C. E.; GAUDREAU, P.; BLANCHARD, C. M. Self-determination, coping and goal attainment in sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 26, p. 396-411, 2004.

BABKES, M. L., & WEISS, M. R. Parental influence on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation. **Pediatric Exercise Science**, Champaign, v. 11, p. 44-62, 1999.

BAILLIE, P. H. F. Understanding retirement from sports: Therapeutic ideas for helping athletes in transition. **The Counseling Psychologist**, Palo Alto, v. 21, p. 399-410, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2008.

BARREIROS, A. **Características psicológicas e desenvolvimento dos talentos em desporto**. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Esporte - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005.

BERSONZSKY, M. D. Self-Identity: The relationship between process and content. **Journal of Research in Personality**, Amsterdam, v.28, p. 453-460, 1994.

BERZONSKY, M. D. Identity processing style, self-construction, and personal epistemic assumptions: A socialcognitive perspective. **European Journal of Developmental Psychology**, Londres, v.1, p. 303-315, 2004.

BERZONSKY, M. D. Identity formation: The role of identity processing style and cognitive processes. **Personality and Individual Differences**, Amsterdam, v. 44, p. 645-655, 2008.

BERZONSKY, M. D.; ADAMS, G. R. Reevaluating the identity status paradigm: Still useful after 35 years. **Developmental Review**, Amsterdam, v. 19, p. 557-590, 1999.

BERZONSKY, M. D.; FERRARI, J. R. Identity orientation and decisional strategies. **Personality and individual differences**, Amsterdam, v. 20, n. 5, p. 597-606, 1996.

BERZONSKY, M. D.; KINNEY, A. **Identity style and need for cognitive closure**. Dog Island: Meetings of the society for research on identity formation, 1995.

BERZONSKY, M. D.; KUK, L. Identity status, identity processing style, and the transition to university. **Journal of Adolescent Research**, Palo Alto, v. 15, n. 1, p. 102-113, 2000.

BERZONSKY, M. D.; KUK, L. Identity style, psychosocial maturity, and academic performance. **Personality and Individual Differences**, Amsterdam, v. 39, p. 235–247, 2005.

BERZONSKY, M. D.; NEIMEYER, G. J. Ego identity status and identity processing orientation: The moderating role of commitment. **Journal of Research in Personality**, Amsterdam, v. 28, p. 425–435, 1994.

BERZONSKY, M. D.; SULLIVAN, C. Social-cognitive aspects of identity style: Need for cognition, experiential openness, and introspection. **Journal of Adolescent Research**, Palo Alto, v. 7, p. 140–155, 1992.

BEYERS, W.; GOOSSENS, L. Dynamics of perceived parenting and identity formation in late adolescence. **Journal of Adolescence**, Amsterdam, v. 31, n. 2, 2008.

BIDDLE, S.; CHATZISARANTIS, N.; HAGGER, M. Self-determination theory in sport and exercise. In: CURY, F.; SARRAZIN, P.; FAMOSE, J. P. (Orgs.), **Theories de la motivation et sport: Etats de la Recherche**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

BLACK, A. E.; DECI, E. L. The effects of instructors' autonomy support and students' autonomous motivation on learning organic chemistry: A self-determination theory perspective. **Science Education**, Marshal, v. 84, p. 740–756, 2000.

BLANCHARD, C. M.; MASK, L.; VALLERAND, R. J.; SABLONNIÈRE, R.; PROVENCHER, P. Reciprocal relationships between contextual and situational motivation in a sport setting. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v.8, p. 854-873, 2007.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine books, 1985. 557 p.

BOMPA, T. **From childhood to champion athlete**. Toronto: Veritas Publishing Inc, 1995. 205 p.

BOMPA, T. **Periodization: Theory and methodology of training**. Champaing: Human Kinetics, 1999.

BRANDÃO, M. R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A.; NASTÁS, M. A. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 49-58, 2000.

BRASIL/MEC. LEI nº 9394, de 20/12/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasil, 1996.

BREWER, B. W. Self-identity and specific vulnerability to depressed mood. **Journal of Personality**, Marshal, v. 61, p. 343–363, 1993.

BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; PETITPAS, A. J. Self-identity issues in sport career transitions. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. (Eds.), **Career transitions in sport: International perspectives**. Morgantown: Fitness Information Technology, 2000. p. 29-43.

BRIÈRE, N. M., VALLERAND, R. J., BLAIS, M. R., & PELLETIER, L. G. Développement et Validation d'une Mesure de Motivation Intrinsèque, Extrinsèque et d'Amotivation en Contexte Sportif: L'Échelle de Motivation dans les Sports (ÉMS). **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 26, p. 465-489, 1995.

BRONFENBRENNER, U. **La ecologia del desarrollo humano**. Ediciones Paidós: Barcelona, 1987.

BRONFENBRENNER, U. Six theories of child development. In: VASTA, R. (Ed). **Ecological systems theory**. London: Jessica Kingsley Publishers, 1992. p. 187-249.

BRONFENBRENNER, U. Development in context: Acting and thinking in specific environments. In: WORZNIAK, R.H.; FISHER, K.W (Eds). **The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings**. Hillsdale: Erlbaum, 1993.

BRONFENBRENNER, U. Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development. In: MOEN et al. (Eds). **Developmental ecology through space and time: A future perspective**. Washington: American Psychological Association, 1995. p. 619-647.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U, CECI, S. J. Nature-Nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. **Psychological Review**, Washington, v. 101, n. 4, p. 568-586, 1994.

BRUSTAD, R. J.; PARTRIDGE, J. A. (2002). Parental and peer influence on children's psychosocial development through sport. In: SMOLL, F. L.; SMITH, R. E. (Eds.), **Children and youth in sport**. Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company, 2002. p. 187-210.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas da região sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciência do Esporte**, Porto, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.

CARLESS, D., & DOUGLAS, K. Narrative, identity and mental health: How men with serious mental illness re-story their lives through sport and exercise. **Psychology of Sport & Exercise**, Amsterdam, v. 9, n. 5, p. 576-594, 2008.

CARRAVETTA, E. **O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CECIC´ ERPICˇ, S. Following the development of life structures and life satisfaction: comparison between former top athletes and non-athletes. 1998. Dissertação (Mestrado)-University of Ljubljana, Ljubljana, 1998.

CECIC ERPIC, S.; WYLLEMAN, P.; ZUPANCIC, M. The effect of athletic and non-athletic factors on the sports career termination process. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 45-59, 2004.

CHANTAL, Y.; GUAY, F.; MARTINOVA, T. D. et al. Motivation and elite performance: An exploratory investigation with Bulgarian athletes. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 21, n. 2, p. 173-182, 1996.

CHANTAL, Y.; ROBIN, P.; VERNANT, P. J. et al. Motivation, sportspersonship and athletic aggression: a mediational analysis. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 6, n. 2, p. 233-249, 2005.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CÔTÉ, J. The Influence of the Family in the Developmental of Talent in Sport. **The Sports Psychologist**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: STEVENS, D. (Ed.), **Psychological foundations of sport**. Boston: Benjamin Cummings, 2002. p. 484-519.

CRESSWELL, S. L.; EKLUND, R. C. Motivation and burnout among top amateur rugby players. **Medicine and Science in Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 37, p. 469-477, 2005.

CROCETTI, E.; RUBINI, M.; MEEUS, W. Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups: Development and validation o a three-dimensional model. **Journal of Adolescence**, Amsterdam, v. 31, n. 2, p. 207-222, 2008.

CSIKSZENTMIHALYI, M, RATHUNDE, K, WHALEN, S. **Talented teenagers: The roots of success & failure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 307 p.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: Difel, 1982.

DALE, G. A. Distractions and coping strategies of elite decathletes during their most memorable performances. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 14, p. 17-41, 2000.

DANISH, S. J.; DONOHUE, T. Understanding media's influence on the development of antisocial and prosocial behavior. In: HAMPTON, R.; JENKINS, P.; GULLOTA, T. (Eds.) **Preventing violence in America**. Thousand Oaks: Sage, 1995. p. 133-156.

DANISH, S. J.; PETITPAS, A. J.; HALE, B. D. Life development intervention for athletes: Life skills through sports. **The Counseling Psychologist**, Palo Alto, v. 21, p. 352-385, 1993.

DANISH, S. J.; PETITPAS, A. J.; HALE, B. D. Psychological interventions: A life developmental model. In S. Murphy (Ed.), **Sport psychology interventions**. Champaign: Human Kinetics, 1995. p. 19-83.

DE KNOP, P.; WYLLEMAN, P.; VAN HOUCKE, J.; BOLLAERT, L. (1999). Sports management—An European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport. In: BAILEY, S. (Ed.) **Perspectives—The Interdisciplinary series of Physical Education and Sport Science. School sport and competition**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 1999. p. 49-62.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. A motivational approach to self: Integration in personality. In: DIENSTBIER, R. (Ed.) **Nebraska symposium on motivation: Perspectives on motivation**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1991. p. 237-288.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova York: Plenum, 1985.

DOLLINGER, S. J.; DOLLINGER, S. M. C.; CENTENO, L. Identity and creativity. **Identity: An International Journal of Theory and Research**, New Jersey, v. 5, p. 315–330, 2005.

DUFFY, P.; LYONS, D.; MORAN, A.; WARRINGTON, G.; MacMANUS, C. **Factors promoting and inhibiting the success of high performance players and athletes in Ireland**. Limerick:University of Limerick, 2001.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. The development and maintenance of expert athletic performance. **Journal of Applied Sport Psychology**, London, v. 14, p. 154-171, 2002.

DURIEZ, B., SOENENS, B., & BEYERS, W. Religiosity, personality, and identity styles: An integrative study among late adolescents in Flanders (Belgium). **Journal of Personality**, Marshal, v. 72, p. 877–910, 2004.

ECCLES, J. S. The development of children ages 6 to 14. **Future of Children**, New Jersey, v. 9, n. 2, p. 30–44, 1999.

EHNVAL, A.; PALM-BESKOW, A.; BESKOW, J.; AGREN, H. Perception of rearing circumstances relates to course of illness in patients with therapy-refractory affective disorders. **Journal of Affective Disorders**, 86, 299-303, 2005.

ERIKSON, E. H. **Childhood and society**. New York: Stonton, 1963.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis**. New York: Norton, 1968.

ERIKSON, E. H. **Identity and the life cycle: A reissue**. New York: Norton, 1980.

ERIKSON, E. H. **O Ciclo de vida complete**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EWING, M. The role of parents and coaches in the transition of youth in sports. In: HOSEK, V.; TILINGER, P.; BILEK, L. (Eds.), **Psychology of sport and exercise: enhancing the quality of life** (p. 173). *Proceedings of the 10th European congress of sport psychology (part 1)*, Prague: Charles University Press, 1999.

FERNANDES, H. M.; VASCONSELOS-RAPOSO, J. Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 385-395, 2005.

FERNANDEZ, A.; STEPHAN, Y.; FOUQUEREAU, E. Assessing reasons for sports career termination: Development of the athletes` retirement decision inventory (ARDI). **Psychology of Sports and Exercise**, Amsterdam, v. 7, p. 407-421, 2006.

FINCH, S. **Comparison of team and individuals, male and female athletes` potential for burnout, and coping strategies**. 1999. Dissertação (Mestrado)-Faculty of Education, McGill Universtiy, Quebec, 1999.

FINCH, L.; GOULD, D. Understanding and intervening with student-athletes to be. In: ETZEL, E. F.; FERRANTE, A. P.; PINKNEY, J. W. (Eds.) **Counseling college student-athletes: Issues and interventions**. Morgantown: Fitness Information Technology, 1996. p. 223-245.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. **Psychology of sport and exercise**, Amsterdam, v. 9, p. 645-662, 2008.

GALLAHUE, D.L, OZMUN, J.C. **Understanding motor development: Infants, children, adolescents, adults**. Dubuque: Brown & Benchmark Publishers, 1995.

GAUDREAU, P.; BLODIN, J. P. Different athletes cope differently during a sport competition: a cluster analysis of coping. **Personality and Individual Differences**, Amsterdam, v. 36, p. 1865-1877, 2004.

GIACOBBI, P. R.; LYNN, T. K.; WETHERINGTON, J. M.; JENKINS, J.; BODENDORF, M.; LANGLEY, B. Stress and coping during transition to university for first-year female athletes. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 18, p. 1-20, 2004.

GIBBONS, T. The path to excellence: A comprehensive view of development of U.S. Olympians Who competed from 1984-1998. **Initial report: results of the talent identification and development questionnaire of U. S, Olympians**. Colorado Springs: United States Olympic Committee, 2002.

GLUCKMAN, H. O. Dano ao pensamento e identidade subjetiva. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 49-62, 2006.

GORDON, S.; LAVALLEE, D. (2004). Career transitions in competitive sport. In MORRIS, T. & SUMMER, J. (Eds.), **Sport psychology: Theory, applications and issues**. Brisbane: Wiley, 2004. p. 584-610.

GORELY, T.; LAVALLEE, D.; BRUCE, D.; TEALE, B.; LAVALLEE, R. M. An evaluation of the Athlete Career and Education Program. **Athletic Academic Journal**, San Diego, v. 15, p. 11-21, 2001.

GOULD, D.; FINCH, L.; JACKSON, S. Coping strategies used by national champion figure skaters. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Reston, v. 64, n. 4, p. 453-468, 1993.

GOULD, D.; LAUER, L.; ROLO, C.; JANNES, C.; PENNISI, N. The role of parents in tennis success: Focus group interviews with junior coaches. **The sport Psychologist**, Amsterdam, v. 22, p. 18-37, 2008.

GOULD, D.; TUFFEY, S.; UDRY, E.; LOEHR, J. Burnout in competitive junior tennis players: II. Qualitative analysis. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 10, p. 341-366, 1996.

GROVE, J. R.; LAVALLEE, D.; GORDON, S. Coping with retirement from sport: The influence of athletic identity. **Journal of Applied Sport Psychology**, Roma, v. 9, p. 191-203, 1997.

HALL, C. S.; LINDZEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HARDCASTLE, S. & TAYLOR, A. H. Finding an exercise identity in an older body: "It's redefining yourself and working out who you are". **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 6, p. 173-188, 2005.

HAVIGHURT, R. J. History of developmental psychology: Socialization and personality development through the life span. In BALTES, P. B.; SCHAIE, K. W. (Eds.) **Life-Span developmental psychology: Personality and socialization**, New York: Academic Press, 1987. p. 3-24.

HECIMOVIICH, M. Sport specialization in youth: A literature review. **Journal of the American Chiropractic Association**, Arlington, v. 41, n.4, p. 32-41, 2004.

HELLSTEDT, J. C. Early Adolescent Perceptions of Parental Pressure in the Sport Environment. **Journal of Sport Behavior**, Mobile, v. 13, n. 3, p. 135-144, 1990.

HOLT, N. L. **Toward a grounded theory of the psychosocial competencies involved in becoming a professional soccer player**. Unpublished PhD, University of Alberta, Edmonton, 2002.

HOLT, N. L.; BLACK, D. E.; TAMMINEN, K. A.; FOX, K. R.; MANDIGO, J. L. Levels of social complexity and dimensions of peer experiences in youth sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 30, p. 411-431, 2008.

JACQUES, M. de G. Identidade. In: STREY, M. N. et al. (Eds.) **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 159-167.

JAMBOR, E. A. Parents as children's socializing agents in youth soccer. **Journal of Sport Behavior**, Mobile, v. 22, p. 350-357, 1999.

JONES, M. I.; LAVALLEE, D. Exploring the life skills needs of British adolescents athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 10, p. 159-167, 2009.

KEEGAN, R. J.; HARWOOD, C. G.; SPRAY, C. M.; LAVALLEE, D. E. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sport participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, in press, 2009.

KERNIS, M. H.; PARADISE, A. W.; WHITAKER, D. J.; WHEATMAN, S. R.; GOLDMAN, B. N. Master of one's psychological domain? Not likely if one's self-esteem is unstable. **Personality and Social Psychology Bulletin**, Thousand Oaks, v. 26, p. 1297-1305, 2000.

KERR, G.; DACYSHYN, A. The retirement experiences of elite, female gymnasts. **Journal of Applied Sport Psychology**, Roma, v.12, n. 115-133, 2000.

KRANE, V.; GREENLEAF, C. A.; SNOW, J. Reaching for gold and the price of glory: A motivational case study of an elite gymnast. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 11, p. 53-71, 1997.

KREBS, R. J. **Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.

KREBS, R. J. **Teoria dos sistemas ecológicos: Um paradigma para o desenvolvimento infantil**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

LALLY, P. Identity and athletic retirement: A prospective study. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, p. 85-99, 2007.

LAVALLEE, D. The effect of a Life development intervention on sports career transition adjustment. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 19, p. 193-202, 2005.

LAVALLEE, D. e ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 8, n. 2, p. 119-141, 2007.

LAZARUS, R. S. Coping with the stress of illness. In: KAPLUN, A. (Ed.), **Health promotion and chronic illness: Discovering a new quality of health**. WHO Regional Publications. European Series, 1992. p. 11-31.

LERBACH, A. M. **“O nível de escolaridade e o desempenho tático de jogadores de voleibol de alto rendimento.”**. 2002. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNINCOR, Três Corações. 2002.

LIMA, S. M. M.; HOPFER, K. R.; SOUZA-LIMA, J. E. Complementaridade entre racionalidades na construção da identidade profissional. **RAE-Eletronica**, v. 3, n. 2, 2004.

LIVIANOS-ALDANA, L.; ROJO-MORENO, L. On the convergent validity of two parental rearing behavior scales: EMBU e PBI. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, Marshal, v. 100, p. 263-269, 1999.

LORIMER, R.; JOWETT, S. Empathic accuracy in coach-athlete dyads who participate in team individual sports. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 10, pp. 152-158, 2009.

LUYCKX, K.; GOOSSENS, L.; SOENENS, B.; BEYERS, W.; VANSTEENKISTE, M. Identity statuses based upon four rather than two identity dimensions: Extending and refining Marcia's paradigm. **Journal of Youth and Adolescence**, London, v. 34, p. 605–618, 2005.

LUYCKX, K., SOENENS, B.; GOOSSENS, L. The personality-identity link in emerging adult women: Convergent findings from complementary analyses. **European Journal of Personality**, Marshal, v. 20, n. 3, p. 195–215, 2006.

MACHADO, H. V. Identidade Organizacional: Um estudo de caso no contexto da cultura brasileira. **RAE-Eletônica**, v. 4, n. 1, 2005.

MADDEN, C.C.; KIRKBY, R.J.; McDONALD, D. Coping styles of competitive middle distance runners. **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v.20, p.287-96, 1989.

MALLET, C. J; HANRAHAN, S. J. Elite athletes: Why does the “fire” burn so brightly? **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 183-200, 2004.

MARCIA, J. E. Development and validation of ego identity status. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 3, p. 551–558, 1966.

MARQUES, A. C. **Situações stressantes e estratégias de coping nos atletas de basquetebol de alta competição**. 2005. Dissertação, (Mestrado em Psicologia do Desporto)-Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2005.

MATOS, M. P. Adolescer e delinquir. **Análise Psicológica**, Lisboa, v.1, n.19, p. 23-29, 1996.

MAYOCCHI, L.; HANRAHAN, S. J. Transferable skills for career change. In: LAVALLEE, D.; WYLLEMAN, P. (Eds.), **Career transitions in sport: International perspectives**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2000. p. 161-168.

MEEUS, W.; OOSTERWEGEL, A.; VOLLEBERGH, W. Parental and peer attachment and identity development in adolescence. **Journal of Adolescence**, Amsterdam, v. 25, p. 93–106, 2002.

MILLER, P. S.; KERR, G. A. Conceptualizing excellence: Past, present and future. **Journal of Applied Sport Psychology**, London, v. 14, p. 14–153, 2002.

MILNE, H.M.; WALLMAN, K.E.; GUILFOYLE, A. et al. Self-Determination theory and physical activity among breast cancer survivors. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 30, no. 1, p. 23-38, 2008.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; LIMA, M. S.; LOBO, I. L. B. O Desenvolvimento de Jovens Atletas de Voleibol. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 2001, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte, 2001.

MURIS, P.; BOSMA, H.; MEESTERS, C.; SCHOUTEN, E. Perceived parental rearing behavior: a confirmatory factor analytic study of the Dutch EMBU for children. **Personality and individual differences**, Amsterdam, v. 24, n. 3, p. 439-442, 1998.

NORTH, J.; LAVALLEE, D. An investigation of potential users of career transition services in United Kingdom. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 77-84, 2004.

OUWEHAND, C.; RIDDER, D. T. D.; BENSING, J. M. Individual differences in the use of proactive coping strategies by middle-aged and older adults. **Personality and Individual Differences**, Amsterdam, v. 45, p. 28-33, 2008.

PAIS-RIBEIRO, J.; SANTOS, C. Estudo conservador de adaptação do *Ways of Coping Questionnaire* a uma amostra e contexto portugueses. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 19, p. 491-502, 2001.

PALMEIRA, A.; SERPA, S. **ACSI28 - Estudo das experiências desportivas (versão portuguesa)**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 1997.

PAPAIIOANNOU, A. G.; AMPATZOGLOU, G.; KALOGIANNIS, P.; SAGOVITS, A. Social agents, achievement goals, satisfaction and academic achievement in youth sport. **Psychology of sport and exercise**, Amsterdam, v. 9, p. 122-141, 2008.

PAPATHOMAS, A.; LAVALLEE, D. A life history analysis of a male athlete with an eating disorder. **Journal of Loss and Trauma**, Londres, v. 11, n. 2, p. 1–37, 2006.

PARK, J. K. Coping strategies used by Korean national athletes. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 14, p. 63-80, 2000.

PELLETIER, L. G.; FORTIER, M. S.; VALLERAND, R. J.; BRIERE, N. M. Associations among perceived autonomy support, forms of self-regulation, and persistence: A prospective study. **Motivation and Emotion**, New York, v. 25, p. 279–306, 2001.

PELLETIER, L. G.; FORTIER, M. S.; VALLERAND, R. J.; TUSON, K. M.; BRIÈRE, N. M.; BLAIS, M. R. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation and amotivation in sports: The sport motivation scale (SMS). **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 17, p. 35-53, 1995.

PENSGAARD, A. M.; DUDA, J. L. Sydney 2000: The interplay between emotions, coping, and the performance of Olympic-Level Athletes. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 17, p. 253-267, 2003.

PENSGAARD, A. M.; ROBERTS, G. C. Achievement goal orientations and the use of coping strategies among winter Olympians. **Psychology of Sport and Exercise**, 4, 101-116, 2003.

PERRIS, C., JACOBSON, L., LINDSTÖRM, H., VON KNORRING, L., e PERRIS, H. Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behavior. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, Marshal, v. 61, p. 265-274, 1980.

PETIPAS, A. J.; CHAMPAGNE, D.; CHARTRAND, J.; DANISH, S.; MURPHY, S. **Athlete's guide to career planning: Keys to success from the playing field to professional life**. Champaign: Human Kinetics, 1997.

PHEONIX, C.; FAULKNER, G.; SPARKES, A. C. Athletic identity and self-aging: The dilemma of exclusivity. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 6, p. 335-347, 2005.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro. Zahar, 1971.

PRENDA, K. M.; LACHMAN, M. E. Planning for the future: A life management strategy for increasing control and life satisfaction in adulthood. **Psychology and Aging**, Washington, v. 16, p. 206–216, 2001.

PUMMELL, B.; HARWOOD, C.; LAVALLEE, D. Jumping to the next level: A qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. **Psychology of Sport and Exercise** v. 9, n. 4, p. 427-447, 2008.

RABELO, A. S. **O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas de Futebol**. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RAMALHO, J. P. **Desenvolvimento da autonomia e da identidade nos jovens portugueses com experiência migratória**. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003.

REES, T. Influence of social support on athletes. In: JOWET S.; LAVALLEE, D. (Eds.) **Social Psychology in Sport**, Champaign: Human Kinetics, 2007.

REES, T.; INGLEDEW, D. K.; HARDY, L. Social support dimensions and components of performance in tennis. **Journal of Sport Sciences**, Londres, v. 17, p. 421-429, 1999.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American Psychologist**, Washington, D.C., v. 55, n. 1, p. 68-78, 2000.

SALMELA, J. H. & MORAES, L. C. Coaching expertise, families and cultural contexts. In: STARKES, L.; ERICSSON, K. A. (Orgs.), **Expert performance in sport: Advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 275-296.

SALMELA, J. H.; YOUNG, B. W.; KALLIO, J. Within-Career transitions of the athlete-coach-parent triad. In: LAVALLEE, D. & WYLLEMAN, P. (Eds.) **Career transitions in Sport: International Perspectives**, Morgantown: Fitness Information Technology, 2000.

SARRAZIN, P.; VALLERAND, R. J.; GUILLET, E.; PELLETIER, L. G.; CURY, F. Motivation and dropout in female handballers: A 21-month prospective study. **European Journal of Social Psychology**, Marshal, v. 32, p. 395-418, 2002.

SARRIERA, J. C.; SILVA, M. A.; KABBAS, C. P.; LÓPES, V. B. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, p. 27-32, 2001.

SCHLOSSBERG, N. A model for analyzing human adaptation. **The Counseling Psychologist**, Palo Alto, v. 9, n. 2, p. 2-18, 1981.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SERPA, S.; ALVES, P.; BARREIROS, A. **Versão portuguesa do Eгна Minnen av Barndoms Uppfostran (EMBU): processos de tradução, adaptação e fiabilidade**. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto - Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa, 2004b.

SERPA, S.; ALVES, P.; BARREIROS, A. **Versão portuguesa da Sport Motivational Scale (SMS) e da Sport Academic Scale (AMS): processos de tradução, adaptação e fiabilidade**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa (2004). [Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desporto]. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto – Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa, 2004a.

SHELDON, K. M. Creativity and self-determination in personality. **Creativity Research Journal**, Londres, v. 8, p. 25-36, 1995.

SHIELDS, D. L.; LaVOI, N. M.; BREDEMEIER, B. L.; POWER, F. C. Predictors of poor sportspersonship in youth sports: Personal attitudes and social influences. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 29, p. 747-762, 2007.

SIQUEIRA, M. J. T. A constituição da identidade masculina: Alguns pontos para discussão. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997.

SMITH, A. L. Perceptions of peer relationships and physical activity participation in early adolescence. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v. 21, p. 329–350, 1999.

SMITH, R. E.; SMOLL, F. L.; SCHUTZ, R. W.; PTACEK, J. T. Development and validation of a multidimensional measure of sport-specific psychological skills: The athletic coping skills inventory-28. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 17, p. 379-398, 1995.

SMOLL, F. L.; SMITH, R. E. Educating youth sport coaches. An applied sport psychology perspective. In: WILLIAMS, J. M. (Ed.), **Applied sport psychology, personal growth to pick performance**. Palo Alto: Mayfield, 1993.

SOENENS, B.; BERZONSKY, M. D.; VANSTEENKISTE, M.; BEYERS, W.; GOOSSENS, L. Identity styles and causality orientations: In search of the motivational underpinnings of the identity exploration process. **European Journal of Personality**, Marshal, v. 19, p. 427–442, 2005.

STAMBULOVA, N. Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 8, p. 221–237, 1994.

STAMBULOVA, N.; STEPHAN, Y.; JAPHAG, U. Athletic retirement: A cross-national comparison of elite French and Swedish athletes. **Psychology of Sports and Exercise**, Amsterdam, v. 8, p. 101-118, 2007.

STEIN, G. L., RAEDEKE, T. D.; GLENN, S. D. Children's Perceptions of Parents Sport Involvement: It's Not How Much, But to What Degree That's Important. **Journal of Sport Behavior**, San Diego, v. 22, n. 4, p. 591-601, 1999.

STEPHAN, Y.; BILARD, J.; NINOT, G. e DELIGNIÈRES, D. Repercussions of Transition out of elite sport on subjective well-being: A one –year study. **Journal of Applied Sport Psychology**, Londres, v. 15, n. 3, p. 354-371, 2003.

STEPHEN, J.; FRASER, E.; MARCIA, J. E. Moratorium-achievement (Mama) cycles in lifespan identity development: value orientations and reasoning system correlates. **Journal of Adolescence**, Amsterdam, v. 15, p. 283-300, 1992.

STUNTZ, C. P.; WEISS, M. R. Achievement goal orientations and motivational outcomes in youth sport: The role of social orientations. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 10, p. 255-262, 2009.

TAYLOR, J.; OGILVIE, B.; LAVALLEE, D. Career transition among elite athletes: Is there life after sports? In: WILLIAMS, J. M. (Ed.), **Applied sport psychology: Personal growth to peak performance**. Columbus: McGraw-Hill, 2005. p. 595-615.

TRACEY, J.; CORLETT, J. The transition experience of first-year university track and field athletes. **Journal of the Freshmen Year Experience**, Columbia, v. 7, p. 82-102, 1995.

TREASURE, D. C.; LEMYRE, P. N.; KUCZKA, K. K.; STANDAGE, M. Motivation in Elite-Level Sport. In: HAGGER, M. S.; CHATZISARANTIS, N. L. D. (Editors) **Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport**, Champaign:Human Kinetics, 2007.

ULLRICH-FRENCH, S.; SMITH, A. L. Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 7, p. 193-214, 2006.

ULLRICH-FRENCH, S.; SMITH, A. L. Social and motivational predictors of continued youth sport participation. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v. 10, p. 87-95, 2009.

VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise. In: ROBERTS, G. C. **Advances in Motivation in Sport and Exercise**. Champaign: Human Kinetics, 2001.

VALLERAND, R. J. Deci and Ryan's self-determination theory: A view from the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. **Psychological Inquiry**, Mahwah, v. 11, n. 2, p. 312-318, 2001.

VALLERAND, R. J. A hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation for sport and physical activity. In: HAGGER, M. S.; CHATZISARANTIS, N. L. D. (Editors) **Intrinsic Motivation and Self-Determination in Exercise and Sport**, Champaign:Human Kinetics, 2007.

VALLERAND, R. J.; LOSIER, G. F. Self-Determined Motivation and Sportsmanship Orientations: An Assessment of Their Temporal Relationship. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 16, no. 2, p. 229-245, 1994

VAN YPEREN, N. W. Interpersonal stress, performance level, and parental support: A longitudinal study among highly skilled young soccer players. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 9, p. 225-241, 1998.

VIANNA JÚNIOR, N. S. **Influências dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis**. Dissertação. (Mestrado)-Escola de educação física, fisioterapia e terapia ocupacional. Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

VIANNA JÚNIOR, N. S.; MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; MOURTHÉ, K. The Role of Parents in the Development of Young Brazilian Athletes in Rhythmic Gymnastics. In: 16TH ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION FOR ADVANCEMENT OF APPLIED PSYCHOLOGY, 2001, Orlando. **Proceedings...** Denton: RonJon Publishing, 2001.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. (Tese de Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento]. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999a.

- VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Marina, Santa Maria, 1999b.
- VIEIRA, L. F, VIEIRA, J. L. L, KREBS, R. J. **A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: Um estudo de caso**. In: VI CONGRESO DE EDUCACIÓN FÍSICA E CIÊNCIAS DO DEPORTE DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA, 1998, La coruna- Espanha,. **Anais...** 1998.
- VISSOCI, J. R. N., VIEIRA, L. F., OLIVEIRA, L. P. e VIEIRA, J. L. L. Motivação e atributos morais no esporte. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 173-182, 2008.
- VLEIORAS, G.; BOSMA, H. A. Are identity styles important for psychological well-being? **Journal of Adolescence**, Amsterdam, v. 28, p. 397-409, 2005.
- WEINBERG, R. S. E GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. (2ª Ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- WEISS, M. R. Developmental Sport Psychology. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. **International encyclopedia of social and behavioral sciences**, Amsterdam: Elsevier, 2004. p. 3620-3624.
- WUERTH, S.; LEE, M. J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of sport and exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 21-33, 2004.
- WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and exercise**, Amsterdam, v. 5, p. 7-20, 2004.
- WYLLEMAN, P.; DE KNOPP, P.; EWING, M. E.; CUMMING, S. P. Transitions in Youth Sport: A Developmental Perspective on Parental Involvement. In: DAVID, L.; WYLLEMAN, P. **Career Transitions in Sport: International perspectives**. Editors Morgantown, 2000. 282 p.
- WYLLEMAN, P., DE KNOP, P., MENKEHORST, H., THEEBOOM, M., & ANNEREL, J. (1993). Career termination and social integration among elite athletes. In: SERPA, S.; ALVES, J.; FERREIRA, V.; PAULA-BRITO, A. (Eds.), **Proceedings of the eighth world congress of sport psychology**. Lisbon: International Society of Sport Psychology, 1993. p. 901-906.
- WYLLEMAN, P.; DE KNOP, P.; VERDET, M. C.; CECIC-ERPIC, S. Parenting and career transitions of elite athletes. In: JOWET S. & LAVALLEE, D. (Eds.) **Social Psychology in Sport**, Champaign: Human Kinetics, 2007.
- WYLLEMAN, P., LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: WEISS, M. (Ed.), **Developmental sport psychology**. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2003.

WYLLEMAN, P., LAVALLEE, D., & ALFERMANN, D. **Career transitions in competitive sports**. Biel, Switzerland: FEPSAC, 1999.

ANEXOS

ANEXO A: Escala de Motivação Esportiva

<i>POR QUE É QUE VOCÊ PRÁTICA ESPORTE?</i>							
	Não corresponde nada	Corresponde um pouco		Corresponde moderadamente	Corresponde muito		Corresponde exatamente
1. Pelo prazer que sinto em viver experiências emocionantes.	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer que me dá saber mais acerca da modalidade que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3. Costumava ter boas razões para praticar esporte, mas agora pergunto-me se deverei continuar.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já não sei por que pratico a minha modalidade. Tenho a sensação de não ser capaz de ter êxito nesta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
6. Porque permite que as pessoas que conheço tenham mais consideração por mim.	1	2	3	4	5	6	7
7. Porque na minha opinião é uma das melhores formas de conhecer pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
8. Porque sinto uma enorme satisfação pessoal em dominar certas técnicas difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
9. Por ser absolutamente necessário praticar esportes se quero estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo prestígio de ser atleta.	1	2	3	4	5	6	7
11. Porque é uma das melhores formas que encontrei para desenvolver outros aspectos da minha pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
12. Pelo prazer que sinto ao melhorar alguns dos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Pelas sensações que sinto quando estou verdadeiramente envolvido na atividade.	1	2	3	4	5	6	7
14. Porque devo praticar esportes para me sentir bem comigo próprio.	1	2	3	4	5	6	7
15. Pela satisfação que sinto enquanto aperfeiçoar as minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
16. Porque as pessoas que me rodeiam acham que é importante estar em forma.	1	2	3	4	5	6	7
17. Porque é uma boa forma de aprender imensas coisas que me poderão ser úteis noutras áreas da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
18. Pelas emoções intensas que sinto ao praticar um esporte de que gosto.	1	2	3	4	5	6	7
19. Já não sei muito bem por que pratico a minha modalidade. Parece-me que o meu lugar não é no esporte.	1	2	3	4	5	6	7
20. Pelo prazer que sinto nas execuções difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21. Porque me sentiria mal se não arranjasse tempo para praticar o esporte.	1	2	3	4	5	6	7
22. Para mostrar aos outros quanto sou bom na minha modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
23. Pelo prazer que sinto quando aprendo novas técnicas que nunca experimentei antes.	1	2	3	4	5	6	7
24. Por ser uma das melhores formas de manter boas relações com os meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7
25. Porque gosto da sensação de estar totalmente empenhado no exercício.	1	2	3	4	5	6	7
26. Porque tenho de praticar esportes regularmente.	1	2	3	4	5	6	7
27. Pelo prazer de descobrir novas estratégias no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
28. Tenho muitas dúvidas, porque parece que não consigo alcançar os objetivos que estabeleci para mim próprio.	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO B: Inventário Atlético de Estratégias de Coping.

	Quase nunca	Às vezes	Regularmente	Quase sempre
1. Diária ou semanalmente, estabeleço para mim um conjunto de objetivos específicos que orientam as minhas ações.	0	1	2	3
2. Consigo aproveitar ao máximo o meu talento e habilidade.	0	1	2	3
3. Quando um treinador ou dirigente me diz como corrigir um erro que fiz, tenho tendência a levar isso a mal e fico aborrecido.	0	1	2	3
4. Quando estou praticando esporte consigo focalizar a minha atenção e bloquear as coisas que me distraem.	0	1	2	3
5. Por muito mal que as coisas me estejam correndo, mantenho-me motivado e positivo durante a competição.	0	1	2	3
6. Tenho tendência a jogar melhor sob pressão, porque assim penso de maneira mais clara.	0	1	2	3
7. Preocupo-me bastante acerca do que os outros pensam de meu desempenho.	0	1	2	3
8. Tenho tendência a fazer muitos planos sobre a forma de atingir os meus objetivos.	0	1	2	3
9. Sinto-me confiante de que vou jogar bem.	0	1	2	3
10. Se um treinador ou dirigente me critica, isso me aborrece mais do que me ajuda.	0	1	2	3
11. Para mim é fácil evitar que pensamentos que me distraem interfiram em alguma coisa que estou vendo ou ouvindo.	0	1	2	3
12. A preocupação com o meu desempenho coloca-me sob forte pressão.	0	1	2	3
13. Estabeleço os meus objetivos de desempenho para cada treino.	0	1	2	3
14. Não preciso que me pressionem para treinar ou jogar com empenho, dou os 100%.	0	1	2	3
15. Se um treinador me critica ou grita comigo, eu corrijo o erro sem ficar zangado com isso.	0	1	2	3
16. Lido muito bem com as situações inesperadas do meu esporte.	0	1	2	3
17. Quando as coisas me estão correndo mal, digo a mim próprio que mantenha a calma.	0	1	2	3
18. Quanto mais pressão existe durante um jogo, mais gosto de jogar.	0	1	2	3
19. Quando estou competindo preocupo-me com a possibilidade de cometer erros ou de não conseguir jogar bem.	0	1	2	3
20. Muito antes de o jogo começar, desenvolvo na minha cabeça o meu próprio plano de jogo.	0	1	2	3
21. Quando sinto que estou ficando muito tenso, consigo relaxar rapidamente o corpo e acalmar-me.	0	1	2	3
22. Para mim, as situações de pressão são desafios que me agradam.	0	1	2	3
23. Penso e imagino o que acontecerá se eu falhar ou estragar tudo.	0	1	2	3
24. Mantenho o controle emocional, independentemente do modo como as coisas me estejam acontecendo.	0	1	2	3
25. Para mim é fácil dirigir a atenção de modo a fixá-la num só objeto ou pessoa.	0	1	2	3
26. Quando não consigo atingir os meus objetivos, isso me faz trabalhar ainda com mais empenho.	0	1	2	3
27. Melhoro as minhas capacidades quando ouço cuidadosamente os conselhos e instruções dos treinadores e dirigentes.	0	1	2	3
28. Cometo menos erros quando existe pressão, porque me concentro melhor.	0	1	2	3

ANEXO C: Escala de Estilos Parentais

		Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Os meus pais mostram-me com palavras e gestos que me amam.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
2. Os meus pais intervêm em tudo o que faço.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
3. Tenho a impressão de que os meus pais pensam que a culpa é minha quando são infelizes.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
4. Os meus pais dão a sua opinião sobre os amigos com quem eu gosto de me relacionar.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
5. Se as coisas correm mal, tenho a impressão de que os meus pais tentam consolar-me e encorajar-me.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
6. Os meus pais são bruscos comigo.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
7. Os meus pais querem saber o que eu faço quando tenho alguma atividade à noite.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
8. Tenho a sensação de que os meus pais me amam.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
9. Os meus pais castigam-me severamente, mesmo por coisas sem importância.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
10. Os meus pais estabelecem regras quanto ao que eu posso ou não fazer e depois cumprem rigorosamente com o que definiram.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
11. Quando estou triste posso procurar apoio junto dos meus pais.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
12. Às vezes os meus pais desejam que eu seja outra pessoa.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
13. Acho que é exagerada a ansiedade dos meus pais quanto a qualquer coisa que me possa acontecer.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
14. É costume os meus pais abraçarem-me.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
15. Os meus pais batem em mim.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
16. Os meus pais mostram-me que me amam muito.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
17. Quando volto para casa, os meus pais querem saber tudo o que fiz.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
18. Acontece por vezes os meus pais serem mesquinhos comigo ou oferecerem-me coisas de má vontade.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
19. Acho que há afeto e ternura entre os meus pais e mim.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
20. Os meus pais têm o costume de me criticar e dizem diante dos outros que eu sou um preguiçoso e/ou um inútil.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4
21. Os meus pais querem decidir a maneira como eu me visto e a minha aparência.	Pai	1	2	3	4
	Mãe	1	2	3	4

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA ATLETAS FASE DE INVESTIMENTO.

Roteiro para Entrevista Semi-Estruturada

Como se deu o seu envolvimento com o futebol?

Domínio Acadêmico

Você está indo a escola?

Sim. Que série está cursando? Como está sendo a vida de estudante? Têm dificuldades na escola?

Não. Em que série parou de estudar? Porque parou? Quem ou O que influenciou a sua saída da escola? Que dificuldades você tinha na escola? Me fale de sua experiência enquanto aluno.

Como é sua vida profissional? Quais são seus interesses profissionais fora do futebol?

Você tem interesse de continuar sua formação acadêmica? Seguir uma carreira profissional além do esporte? Por quê?

Que atividades você executa fora o futebol?

Quais características pessoais você têm que encorajaram o seu envolvimento com a escola/profissão?

Quais características pessoais você têm que dificultaram o seu envolvimento com a escola/profissão?

Domínio Psicológico

Quais experiências da sua trajetória de vida tiveram impacto positivo na sua história de vida?

Quais experiências da sua trajetória de vida tiveram impacto negativo na sua história de vida?

Como foi sua postura frente a essas situações? Como você lidou com essas mudanças?

Quais as dificuldades que você enfrentou? Com quem enfrentou?

Como você se sentiu/sente em relação a sua vida hoje?

Frente a isso, quais foram suas expectativas de vida após essas mudanças?

Como você se vê futuramente?

Domínio Psico-Social

Me fale das pessoas que você considera que foram importantes ao longo de sua vida?

Como elas te influenciaram?

Como você se sentiria sem essas pessoas a sua volta?

A quem você recorre quando se encontra em momentos de necessidade?

Como você se sente e se relaciona com o seu técnico?

E seus colegas de time? Amigos da escola?

E com a sua família?

Quem são seus amigos? De onde eles são?

Como você se sente quando chega em um lugar diferente, com pessoas novas?

Como é o ambiente dentro do clube?

E da escola?

Domínio Atlético

Como você chegou até o clube Atlético Paranaense?

Como se sente sendo um membro do clube? E sendo um jogador de futebol profissional?

Como você vê o futebol em nível de Brasil?

Quais características pessoais você têm que encorajaram o seu envolvimento com o esporte?

Quais características pessoais você têm que dificultaram o seu envolvimento com o esporte?

Dentro do que você faz, qual a atividade que você mais gosta e mais se identifica? Por quê?

Quais foram os fatores que te levaram a optar por esta modalidade?

Desde então, como tem sido sua experiência enquanto atleta?

Quanto você se dedica ao esporte? Quantas horas de treino por dia, quantos dias por semana?

O que o esporte representa para você?

Quais as suas expectativas para o futuro, dentro do esporte? Como pretende alcançá-las?

Temporal

Quando e como você iniciou no futebol, que outra atividade praticava?

Como foi a mudança de amador para profissional no futebol? Quando isso aconteceu?

Quais foram os aspectos positivos dessa mudança

E negativos?

Quais as suas expectativas sobre sua carreira atlética

E sobre sua carreira pós-atlética?

Além do que foi perguntado, tem mais alguma coisa que gostaria de dizer?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA ATLETAS FASE DE ESPECIALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO.

Roteiro para entrevista Semi-Estruturada

Idade:

Nível de Escolaridade:

Escolaridade dos Pais:

Profissão dos Pais:

Tipo de Envolvimento com o esporte:

Como se deu o seu envolvimento com o futebol?

Quais outras atividades gosta de fazer? Por quê?

Dentro das atividades que você faz, qual a atividade que você mais gosta e mais se identifica? Por quê?

Quando começou? O que te fez procurar essa atividade?

Já praticou outros tipos de esportes? Quais? Por que parou?

O que você acha de ser um jogador de futebol? Gosta de jogar futebol?

Porque você joga futebol? Quem te influenciou a jogar futebol?

Como você se relaciona com os colegas de equipe? E com o professor?

Tem alguma dificuldade em jogar futebol?

O que seus pais pensam do futebol?

Como você vê o futebol em nível de Brasil?

O que você espera do futebol? Até onde pretende chegar?

Quanto você se dedica ao esporte? Quantas horas de treino por dia, quantos dias por semana?

O que o esporte representa para você?

Como foi a mudança de amador para profissional no futebol? Quando isso aconteceu?

Quais foram os aspectos positivos dessa mudança

E negativos?

Quais as suas expectativas para o futuro, dentro do esporte? Como pretende alcançá-las?

Quem são as pessoas mais importantes na sua vida? Por quê?

Como é seu relacionamento com elas?

E com seus pais? Irmãos? Amigos?

Como você ficaria se não tivesse essas pessoas por perto?

Quais são seus amigos? O que eles fazem?

O que você faz com eles?

O que eles pensam de você jogar futebol? E seus irmão, o que pensam? E seus pais?

Você está indo à escola?

Sim. Que série está cursando? Como é ir a escola? Têm dificuldades na escola?

Gosta de ir para a escola?

Não. Em que série parou de estudar? Porque parou? Quem ou O que influenciou a sua saída da escola? Que dificuldades você tinha na escola? Me fale de sua experiência enquanto aluno.

Como você se relaciona com seus colegas de sala? Professores?

Quais são suas expectativas com relação à escola? Você tem interesse de continuar sua formação acadêmica? Seguir uma carreira profissional além do esporte? Por quê?

Como você se vê daqui a 10 anos? O que você pretende fazer?

Além do que foi perguntado, tem mais alguma coisa que gostaria de dizer?

APÊNDICE C: MATRIZ DE CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.

Categorias	Indicadores	Elementos	Informações	Questões
Informativa	Fatores Sócio-Demográficos	Características físicas e demográficas.	Idade, sexo, estado civil, etnia, nível de escolaridade, local de residência, profissão (do sujeito ou dos pais) e tipo de envolvimento com o esporte	Que? Qual? Onde?
	Atributos Pessoais	Características Pessoais	Encorajam ou inibem o processo de construção da identidade.	Que? Qual?
		Interesse	Atividades de interesse em detrimento de outras	Qual? Quais? Por quê?
		Busca pela Atividade	Curiosidade, disponibilidade, motivação, capacidades, estratégias de enfrentamento.	Como? Qual?
		Organização das Experiências	Expectativas futuras, planos para alcançá-la	Como?
Timing	Período Vital	Tempo Histórico Pessoal (Idade)	Sincronia com as transições.	Quando? Que?
	Período Social	Expectativas	Seqüência de transições expectativas e crenças relacionadas com a idade	Quais?
Transições	Domínio Atlético	Atividades, relações interpessoais, papéis, fatores culturais, estratégias de enfrentamento, dificuldades encontradas e grau de satisfação em relação aos papéis, desejo de melhorar, relacionamento entre pessoas do contexto, estilos parentais.	Satisfação com o papel, com o ambiente esportivo, relacionamento com o técnico, companheiros de equipe, dificuldades encontradas, influências, apoio.	Quais? Que? Como era? Quem? Com quem? Como é?
	Domínio Psicológico		Satisfação com o papel, reconhecimento pelos companheiros, amigos, familiares, mudanças.	
	Domínio Psico-Social		Pessoas importantes, pares significativos, influência dessas pessoas, relacionamento com amigos, técnico, professores, pais, familiares.	
	Domínio Acadêmico/ Profissional		Satisfação com a vida acadêmica, dificuldades encontradas, importância do estudo, relacionamentos.	
Construção da Identidade (Processo)	Status de Identidade	Difusão da Identidade	Alternativas, opções, esforço em explorar novas situações. Crenças, valores, cultura, grau do comprometimento.	Quais? Como? Por que? Com quem?
		Fase de Execução		
		Fase de Moratória		
		Conquista da Identidade		

APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Sujeitos.

Departamento de Educação Física – Programa de Pós-Graduação Associado
UEM/UEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Estamos conduzindo uma pesquisa na área de Psicologia do Esporte, abordando os temas dos status de identidade ao longo da carreira esportiva de atletas de futebol de campo.

Para a realização do trabalho, será necessária a participação de atletas, que pratiquem esporte em escolas de seleção e formação de talentos de futebol. Sabendo que seu filho é praticante de futebol em uma dessas escolas, pedimos a colaboração dele no estudo.

Na pesquisa seu filho responderá a questionários com questões referentes à suas estratégias de enfrentamento, motivação e estilos parentais e responderá a uma entrevista referente a seu histórico de vida.

Informo que durante qualquer momento da coleta dos dados você poderá recusar a participação de seu filho na pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou para a pesquisa, e ainda, que estou disponível para qualquer dúvidas.

Durante o decorrer e após a conclusão do trabalho, será preservada a sua identidade e dos demais participantes. O trabalho terá a orientação da Prof^a. Dra. Lenamar Fiorese Vieira, da Universidade Estadual de Maringá e será desenvolvida pelo mestrando João Ricardo Nickenig Vissoci.

Caso V. Sa. concorde com a participação de seu filho no estudo solicitamos seu consentimento preenchendo as informações abaixo:

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações acima e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes ao estudo CONCORDO em permitir a participação de meu filho na pesquisa.

_____ Data: ____/____/____
Assinatura (Pai ou Responsável)

Eu, João Ricardo Nickenig Vissoci, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

João Ricardo Nickenig Vissoci Telefone: 30287440

Rua Bragança 531 Apto 103

Lenamar Fiorese Vieira Telefone: 32232145

Rua Neo Alves Martins 1886 Apto 151

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Bloco 035 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Sujeitos.

Departamento de Educação Física – Programa de Pós-Graduação Associado
UEM/UJEL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS SUJEITOS

Estamos conduzindo uma pesquisa na área de Psicologia do Esporte, abordando os temas dos status de identidade ao longo da carreira esportiva de atletas de futebol de campo.

Para a realização do trabalho, será necessária a participação de atletas de futebol de rendimento.

Na pesquisa você responderá a questionários com questões referentes à suas, estratégias de enfrentamento, motivação e estilos parentais e responderá a uma entrevista referente a seu histórico de vida.

Informo que durante qualquer momento da coleta dos dados você poderá recusar a participação na pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo pessoal ou para a pesquisa, e ainda que estou disponível para qualquer dúvidas.

Durante o decorrer e após a conclusão do trabalho, será preservada a sua identidade e dos demais participantes. O trabalho terá a orientação da Prof^a. Dra. Lenamar Fiorese Vieira, da Universidade Estadual de Maringá e será desenvolvido pelo mestrando João Ricardo Nickenig Vissoci.

Caso V. Sa. concorde com a participação no estudo solicitamos seu consentimento preenchendo as informações abaixo:

Eu, _____, após ter lido e entendido as informações acima e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes ao estudo CONCORDO em participar na pesquisa.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura

Eu, João Ricardo Nickenig Vissoci, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo.

João Ricardo Nickengi Vissoci

Telefone: 30287440

Rua Bragança 531 Apto 103

Lenamar Fiorese Vieira

Telefone: 32232145

Rua Neo Alves Martins 1886 Apto 151

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá – Bloco 035 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

APÊNDICE F: PARECER DO COMITÊ PERMANENTE DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.



Universidade Estadual de Maringá

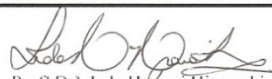
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

Registrado na CONEP em 10/02/1998

CAAE Nº. 0027.0.093.000-08

PARECER Nº.055 /2008

Pesquisador (a) Responsável: LENAMAR FIOSERE VIEIRA	
Centro/Departamento: Centro de Ciências da Saúde /Departamento de Educação Física	
Título do projeto: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOGADOR DE FUTEBOL DE CAMPO NA PERSPECTIVA DA TEORIA ECOLÓGICA.	
<p>Análise do Protocolo de Pesquisa:</p> <p>Trata-se de projeto de pesquisa junto ao Programa de Mestrado Associado desta Universidade com a Universidade Estadual de Londrina.</p> <p>Levando-se em conta que cada vez mais atletas iniciam sua carreira esportiva com pouca idade, o pesquisador pretende investigar o processo de construção da identidade destes desportistas ao longo das transições da carreira de atletas de futebol de campo. Pretende identificar os atributos pessoais relacionados à prática desportiva, analisar a trajetória de desenvolvimento individual dos atletas, caracterizando o contexto em que se dá cada fase de transição profissional, associando os atributos pessoais com as relações interpessoais e os valores culturais dos jogadores nas diversas etapas da carreira. Para tanto, pretende entrevistar 300 sujeitos, aplicando-lhes diversos testes psicométricos, todos validados pela literatura, além de uma entrevista semi-estruturada que demonstre as características pessoais, os interesses da pessoa, o grau de busca de atividades mais complexas e a organização das experiências.</p> <p>A pesquisa far-se-á junto a adolescentes e adultos participantes de uma equipe da Primeira Divisão do Campeonato Nacional do Estado do Paraná.</p> <p>O protocolo de pesquisa apresenta cronograma de atividades compatível e orçamento, cujas despesas serão arcadas pela pesquisadora.</p> <p>A pesquisadora apresenta dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um voltado para os sujeitos adultos e outro para os representantes dos sujeitos adolescentes. Muito embora a pesquisadora não discrimine o número de sujeitos pertencentes ao grupo especial, compreende-se que a pesquisa não ofenda a sua vulnerabilidade.</p> <p>A pesquisadora apresenta autorização da organização desportiva na qual realizar-se-á a pesquisa.</p> <p>O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não traz todas as garantias exigidas pela Resolução 196/1996-CNS (IV.1).</p> <p>Considerações:</p> <p>Considerando que o protocolo de pesquisa e o termo de consentimento livre e esclarecido atendem as exigências da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde;</p> <p>Considerando que não se percebe qualquer objeção ética que impeça a realização da pesquisa;</p> <p>PARECER: O COPEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável para que se realize a pesquisa. Recomenda-se, contudo, que a pesquisadora discrimine o número de sujeitos de cada um dos grupos pesquisados, bem como insira no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido todas as garantias ao sujeito de pesquisa.</p>	
Situação: APROVADO COM RECOMENDAÇÃO	
CONEP: () para registro () para análise e parecer Data: 14/03/2008	
O pesquisador deverá apresentar Relatório Final para este Comitê em: 01/02/2009	
<p>O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 148ª reunião do COPEP em 14/03/2008.</p>	 Prof.ª Dr.ª. Ieda Harumi Higarashi Presidente do COPEP

Em suas comunicações com esse Comitê cite o número de registro do seu CAAE.
 Bloco 10 sala 01 – Avenida Colombo, 5790 – CEP: 87020-900 – Maringá - PR
 Fone-Fax: (44) 3261-4444 – e-mail: coep@uem.br